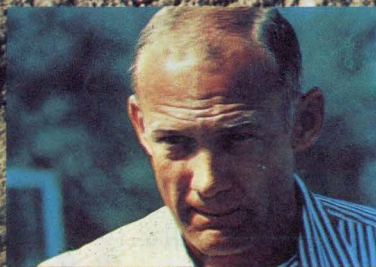
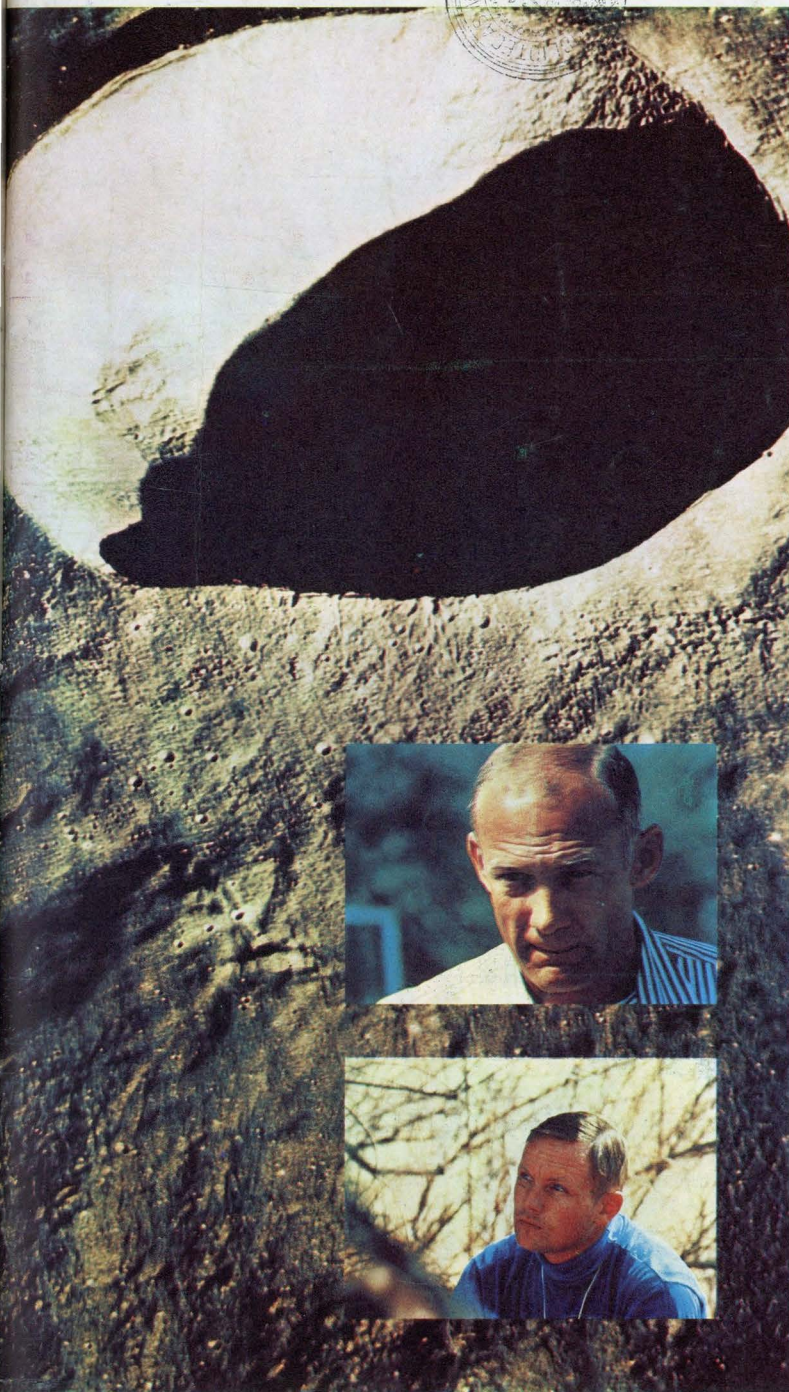


O SÉCULO

Nº 1647 • 26-7-69 • preço 5\$00

# ilustrado

DEPÓSITO LEGAL

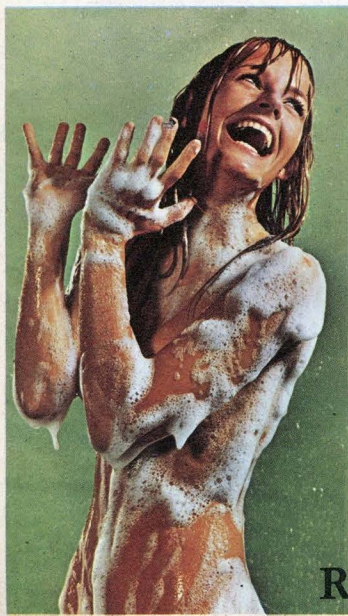


## AGOSTINHO VOLTOU

O NOVO MUNDO  
CONQUISTOU  
O SEXTO  
CONTINENTE

CONCURSO S.I.: TRÊS DATSUNS PARA VOCÊ!





**Há sempre lugar  
para mais um...**  
...quando usa sabonete Rexina!

É uma verdade bem conhecida da gente moça. Quem deseja agradar — usa Rexina! Porque só Rexina contém Deosteral, o poderoso ingrediente que elimina por completo as bactérias causadoras do Odor Corporal. Só Rexina garante uma presença fresca, simpática, jovem...

De distinto e insinuante perfume, Rexina dá-lhe no banho da manhã encanto para todo o dia. Prefira Rexina — o sabonete de quem gosta de conviver com perfeito à-vontade.



**Rexina, protecção activa contra o Odor Corporal**



**NESTE NÚMERO:**

**«S. I.» ACTUALIDADES**

Veruskha .....	Pág.	18
O homem na Lua .....	Pág.	33
O «Tour» e Joaquim Agostinho .....	Pág.	39
Bóldes na Granja do Marquês .....	Pág.	40, 41 e 42

**REPORTAGEM «S. I.» DA SEMANA**

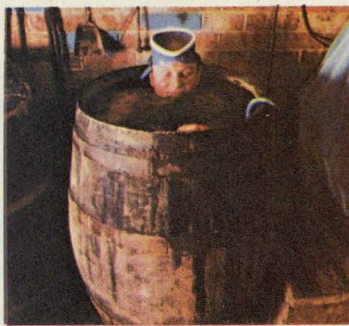
Os seguros na vida portuguesa .....	Pág.	20
-------------------------------------	------	----

**«S. I.» REPORTAGENS**

Os grandes criminosos portugueses — Giralдинha, a ladra de Lisboa.....	Pág.	25 e 26
Os excêntricos ingleses .....	Pág.	27, 28, 29 e 30



MARIA BEATRIZ DE SABÓIA, BELA COMO NUNCA, DESPREOCUPAÇÃO, CABELOS AO VENTO É O TEMÁ DE UMA NOSSA REPORTAGEM. A POPULAR «TITI» É DESVENDADA NUMA COMOVENTE NARRATIVA. LOUCA, LOUCA, LOUCA...



SEJA QUAL FOR A MANEIRA POR QUE SE MANIFESTE, A EXCENTRICIDADE DOS BRITÁNICOS É UM FACTO. APRESENTAMOS-LHE AS ÚLTIMAS. NO PAÍS DOS REIS, RAINHAS E PRÍNCIPES TODOS OS «MALUCOS» SE DIVERTEM DAS FORMAS MAIS EXTRAVAGANTES. PORQUE SERÁ ASSIM?



VERUSKHA APRESENTA OS MAIS EXÓTICOS «BIKINIS» NO EXÓTICO CENÁRIO DO SARA, NUMA REPORTAGEM FOTOGRÁFICA DE QUALIDADE INVULGAR. O BELO MANEQUIM, TALVEZ O LEITOR SE LEMBRE DELA DE «BLOW-UP» FOI O SÍMBOLO POR MOMENTOS, DO EROTISMO MAIS AVANÇADO. MULHER, COR, FANTASIA, A MODA DA ERA LUNAR...

**... E AINDA**

Há 30 anos .....	Pág.	4
TV .....	Pág.	6
Humor .....	Pág.	8 e 54
«S. I.» da próxima semana .....	Pág.	10
Extra .....	Pág.	11, 13, 15 e 17
Policitestes .....	Pág.	43
Palavras cruzadas .....	Pág.	44
Horóscopos .....	Pág.	46
Pop .....	Pág.	48, 49 e 50
Os nossos comentaristas .....	Pág.	51, 53, 55 e 57
Teatro e cinema .....	Pág.	58
Sábado a sábado .....	Pág.	59, 61, 63 e 65
Strippy .....	Pág.	66



# si HÃ 30 ANOS

## IDOLOS DE ONTEM

No dia 29 de julho de 1939, «S. I.» publicou uma reportagem sobre o XVII Lisboa-Porto, em ciclismo. Além de diversas fotografias da prova, ganha por Ildefonso Rodrigues, a nossa revista inseriu uma foto de José Maria Nicolau e Trindade que, na altura, eram considerados «ídolos de ontem», como se verifica pela seguinte passagem do texto então escrito:

«...Pois, Nicolau e Trindade reapareceram no domingo. Não ganharam como dantes. Mas, embora sem os rasgos audaciosos de outros tempos, eles voltaram a ser «eles», voltaram a ser os grandes ídolos do público.»



DIRECTOR: FRANCISCO MATA

**CHEFE DA REDACÇÃO:** Botelho Tomé. **REDACÇÃO:** Guedes de Amorim, Manuel de Lima, João Corregedor, Carlos Plantier, Conceição Gomes da Silva, Joaquim Gaio, Paulo Figueira, Duarte Figueiredo. **SECRETARIA DA REDACÇÃO:** Maria dos Anjos Mendes. **REPORTAGEM FOTOGRÁFICA:** Eduardo Gageiro, António Xavier, Augusto Cabrita, Beatriz Ferreira, Fernando Baião, Abel Fonseca, Salvador Ribeiro. **ARRANJO GRÁFICO:** Baltazar Ortega, Luís Filipe da Conceição, José Araújo, Mário Jorge. **COLABORADORES PERMANENTES:** Carlos Ferrão, Leopoldo Nunes, Luís Alves, Pedro Alvim, Roby Amorim, Mário Heitor, Manuel Figueira, Manuel Alves Matias, Etelvina Lopes de Almeida, Edmundo Nery Motrena, Álvaro Duarte de Almeida, Lauro António, Carlos Pinhão, Ruben Tristão de Carvalho, Francisco Nobre, Mário do Amaral, Mário do Rosário. **FOTOGRAFIA DE LABORATÓRIO:** Floriano de Oliveira, Henrique Albuquerque. **MONTAGEM:** Álvaro de Magalhães. **PUBLICIDADE:** Mário Vidreiro. **ASSINATURAS E AGÊNCIAS:** António da Silva Neto, Eugénio Costa. **EDITOR:** Fernando Castro. Edição semanal de «O Seculo». Redacção e Administração: R. de «O Seculo», 41-63 — Lisboa-2. Tel. P. B. X. 36 27 51 — Oficinas: Rua de «O Seculo», 59, Sucursal no Porto: Rua Sá da Bandeira, 5. **PROPRIEDADE:** Sociedade Nacional de Tipografia.

ilustrado

Ano XXXII-N.º 1647-Preço 5\$00  
26 DE JULHO DE 1969  
SAI AOS SÁBADOS  
PREÇO DE ASSINATURAS

Continente e ilhas:  
trimestral, 65\$00; semestral,  
120\$00; anual, 230\$00  
Províncias Ultramarinas, Espanha  
e Brasil: semestral, 130\$00;  
anual, 240\$00  
Estrangeiro: semestral, 160\$00;  
anual, 300\$00

VISADO PELA CENSURA

## NÃO PINTE

os cabelos  
use  
RESTAURADOR "OLEX"  
e os seus cabelos voltarão à sua  
cor primitiva

preço 27,50 • correio 2,50

Couto, Lda - Porto

## LIBRAS OURO

COMEÇARAM A SAIR AS LIBRAS NA  
PASTA COUTO VULGAR

1.ª 2.ª 3.ª 4.ª 5.ª 6.ª 7.ª 8.ª 9.ª 10.ª 11.ª 12.ª  
JÁ ANUNCIADAS

13.ª — RUI MÁRIO VILAR — GAIA

14.ª — BERNARDA MARIA RAMOS — PORTO

A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural  
dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto  
DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES

## ENTREGA DO PRÉMIO DO GRANDE CONCURSO NÍVEA

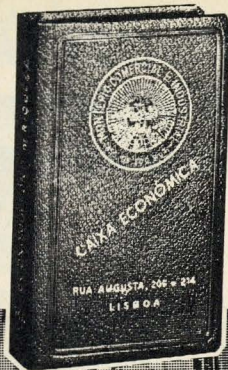


Realizou-se recentemente no stand dos Restauradores da Sociedade Comercial Guérin. SARL, a cerimónia da entrega do 1.º prémio do Grande Concurso Nivea 1969 ao Sr. José Ascensão de Sousa, residente em Castelo Branco, na Rua Prior S. M. Vasconcelos, 9-11. A entrega do prémio — um magnífico Volkswagen 1300 — assistiram os Srs. Luís Barros em representação da Sociedade Comercial Guérin e os Srs. Peter Stieler, administrador, e Manuel de Sousa, funcionário superior da Beiersdorf Portuguesa, SARL, fabricante dos produtos Nivea.

Os restantes 10 000 prémios (Bolas de praia Nivea), começaram a serem enviados aos respectivos premiados.



**TAXA DE JURO 4,5%**  
**A PRAZO DE 12 MESES E UM DIA**



### TAXA DE JUROS DOS DEPOSITOS

<b>A ORDEM</b> (isentos de impostos)	
até 30 contos	2 %
de 30 até 100 contos	1 %
de 100 a 500 contos	0,5 %
mais de 500 contos	0,25 %
<b>A PRAZO</b>	
3 meses	3 %
6 meses	4 %
mais de 12 meses	4,5 %

ATÉ 15 CONTOS POR DEPOSITANTE  
 ESTÃO ISENTOS DE TODOS OS IMPOSTOS

### EMPRÉSTIMOS

CAUCIONADOS POR:  
 propriedades  
 títulos de crédito  
 metais e pedras preciosas

•  
 compra de coupons  
 cobrança de juros e dividendos  
 administração de propriedades  
 arrecadação de valores nas casas fortes  
 aluguer de cofres individuais



**MONTEPIO COMERCIAL E INDUSTRIAL**  
 Rua Augusta, 206 - Telef. 32 32 24 - LISBOA



**D**

**DOMINGO** — 1.º Período — 12.30 — Abertura e Missa de Domingo. — 2.º Período — 19.00 — Abertura. 19.02 — Kimba. 19.45 — Programa de Actualidades Tauromáquicas. 20.05 — TV Rural, pelo eng.º Sousa Veloso. 20.35 — Folclore. 21.35 — Horizonte. 23.30 — «Ladrão, Precisa-se». 23.35 — Domingo Desportivo. 00.50 — Meditação e Fecho.



**II PROGRAMA** — 21.30 — TV 7. 21.55 — Noite de Cinema — «Cowboys à Força», com Abbot e Costello.

**2**

**SEGUNDA-FEIRA** — 19.02 — TV Educativa. 21.55 — Zip-Zip — Programa realizado no Teatro Villaret, numa produção de Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia.

**3**

**II PROGRAMA** — 21.30 — Folhetim — «David Copperfield». 22.15 — Universidade na TV. 23.05 — TV Clube, com António Mourão.

**TERÇA-FEIRA** — 19.02 — Série Juvenil — «O Bom Gigante». 21.35 — TV Clube, com João Maria Tudela. 22.15 — Segredos do Mar. 22.45 — «As Enfermeiras».



**II PROGRAMA** — 21.30 — Noite de Teatro — «Othelo», de Williams Shakespeare, em tradução e adaptação de Norberto Ávila, Cenários de António Casimiro. Realização de Pedro Martins. Intérpretes: Alexandre Vieira, Paulo Renato, Armando Cortez, Rogério Paulo, Mário Pereira, Luís Filipe, António Sarmento, Virgílio Macieira, Lourdes Norberto, Rui de Carvalho, Alberto Vilar, Rolando Alves, Isabel de Castro, Glória de Matos e Manuel Lereño.

**4**

**QUARTA-FEIRA** — 19.02 — TV Educativa. 22.05 — Noite de Teatro — «Casa da Penha» — De Figueiredo de Barros, com Joaquim Rosa, Luís Cerqueira, Rui Furtado, Luís Filipe, Rui Mendes, Emílio Correia, Barreto Poeira, Miguel Orrico, Patrício Álvares, Vieira Marques, Elvira Velez, Suzana Prado e Irene Cruz.

**II PROGRAMA** — 21.30 — Folhetim — «David Copperfield». 22.15 — «O Maioral».

**5**

**QUINTA-FEIRA** — 19.02 — Desenhos Animados. 20.10 — Sangue na Estrada. 20.30 — Parada da Indústria. 21.35 — Museu do Cinema. 22.05 — Variedades — Os Bons Velhos Tempos — A BBC oferece para a Eurovisão mais um programa desta série no qual participam os artistas seguintes: The Bachelors (grupo de cantores irlandeses); Potassy (ilusionista); Alan Randall; Les Rennos (trio cómico); Sheila Buxton (cancionetista) e Lennie Bennett (comediante). Acompanhados pela Orquestra The Northern Dance, dirigida por Bernard Herrmann. Apresentação de Leonard Sachs. 23.05 — Get Smart.

**II PROGRAMA** — 21.30 — Horizonte. 22.25 — Danger Man.

**6**

**SEXTA-FEIRA** — 19.02 — Juventude no Mundo. 20.35 — Turismo. 21.35 — Programa Literário. 22.05 — Noite de Cinema — «Desportistas à Força», com os intérpretes principais: Groucho, Harpo, Chico, Zeppo, Thiima Todd, David Landau. Realização de Norman McLeod.



**II PROGRAMA** — 21.30 — Folhetim — «David Copperfield». 21.55 — Zip-Zip (5.º programa).

**S**

**SÁBADO** — 19.02 — Nos Bastidores da Aventura. 21.35 — TV Clube, com Segundo Galarza. 22.05 — TV 7. 22.35 — O Fugitivo.

**II PROGRAMA** — 21.30 — O Túnel do Tempo. 22.45 — Variedades.



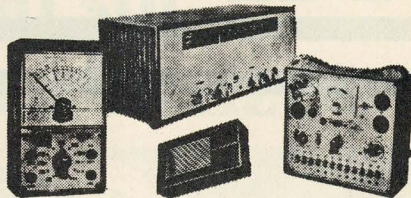


televisores  
rádios  
gira-discos

# TELEFUNKEN

## GANHE MAIS DINHEIRO E ASSEGURE O SEU FUTURO!

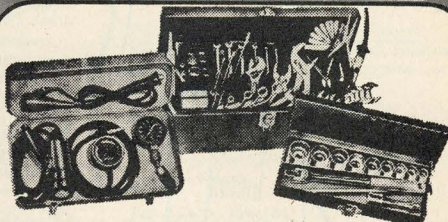
Melhore seu emprego e aumente sua renda!  
Aprenda em seu lar — Nas horas livres



### TELEVISÃO, RÁDIO E ELECTRÓNICA

Torne-se técnico em Rádio, TV, Electrónica Industrial, FM, Difusão, Sistemas de Alta Fidelidade, Registro de Som, Etc.

Receberá DOIS RÁDIOS um de válvulas e outro de TRANSISTORES, SOLDADOR e DOIS PROVADORES um de VÁLVULAS, outro de CIRCUITOS.



### MECÂNICA AUTOMOTRIZ E DIESEL

Prepare-se em Reparação, Conservação e Ajustagem de Motores, Transmissões Automáticas, Sistemas Eléctricos e de Injeção, Motores Industriais e Marítimos. Receberá ANALISADOR, INDICADOR DE PRESSÃO, LÂMPADA DE SINCRONIZAÇÃO, FERRAMENTAS E CHAVES.



### INGLÊS PRÁTICO, com DISCOS

Aprenda a LER, ESCREVER, ENTENDER e FALAR Inglês na forma mais rápida e conveniente com DISCOS e LIÇÕES. Assegure-se um posto importante e bem remunerado. Receberá LIÇÕES, EXERCÍCIOS, AUDIÇÕES FONOGRAFICAS, DICCIONÁRIO BILINGUÊ, ETC.



V. S. PODE PAGAR EM  
MOEDA DE SEU PAÍS

**NATIONAL SCHOOLS**  
4000 South Figueroa Street  
Los Angeles, Calif., U.S.A.

Prepare-se com o Sistema Rosenkranz de **APRENDER FAZENDO** de National Schools, Escola dedicada ao Ensino Técnico-Prático por mais de 50 anos. Uma Instituição capaz, responsável e séria.

**NATIONAL SCHOOLS**  
• MUNDIALMENTE RECONHECIDA DESDE 1905 •

4000 So. Figueroa St. Depto. P.J.X 3P-79-D  
Los Angeles, Calif., U.S.A. 90037

Envie-me informações completas sobre o curso de: (Indique somente um curso)

Rádio, Televisão  Mecânica Automotriz  Inglês Prático

Nome \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_

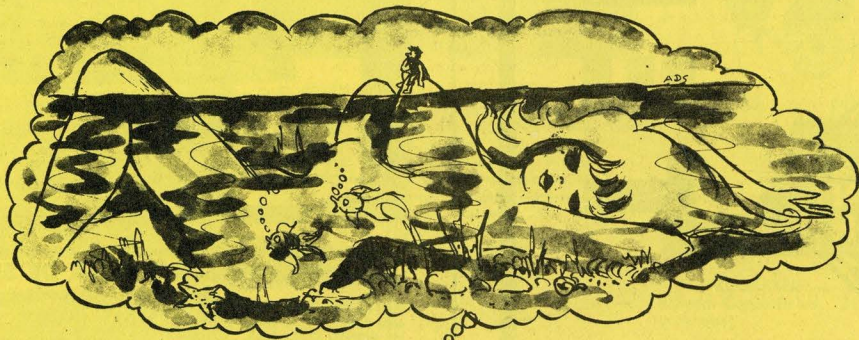
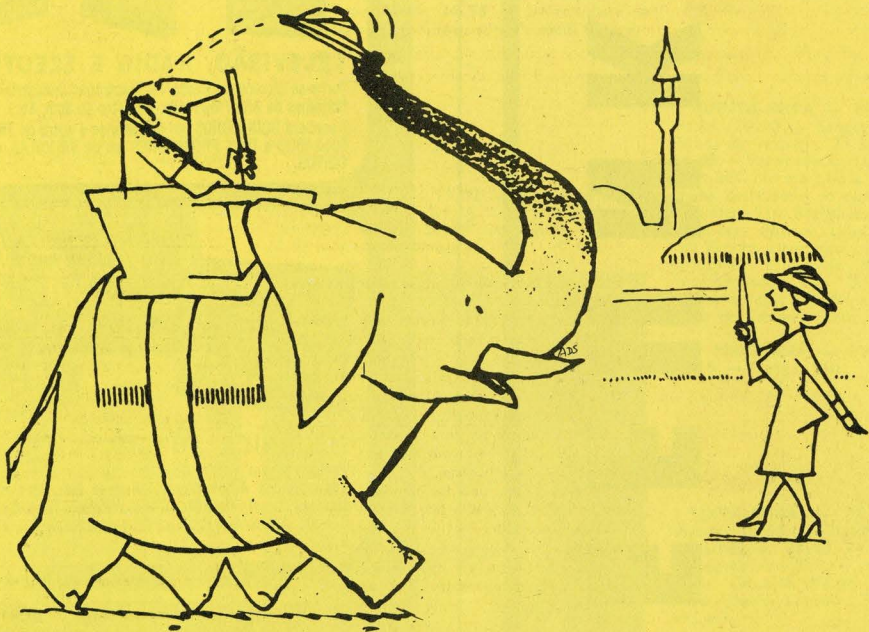
Endereço \_\_\_\_\_

Cidade \_\_\_\_\_ Est. \_\_\_\_\_

MANDE ESTE CUPAO  
HOJE MESMO









# A Verdade acerca dos efeitos do sol e dos produtos para bronzear

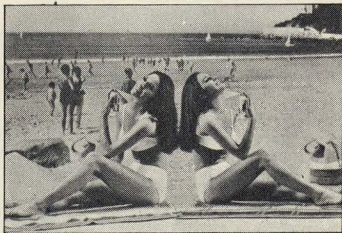
Uma franca declaração acerca daquilo que tem direito a receber contra o seu dinheiro, quando compra produtos das grandes marcas de bronzadores e, também, acerca das consequências da sua escolha para a beleza da sua pele, feita por «Spray-Tan», uma das principais marcas de produtos solares que pode encontrar em qualquer mercado da Europa.



## Bronzear com ou sem sol?

Atenção: não confundir os produtos para bronzear naturalmente com os produtos cosméticos, para bronzamento artificial (sem sol). O bronzamento natural é o da verdadeira beleza e da saúde da pele. No entanto, não se deve expor a mesma ao sol sem empregar um verdadeiro produto de protecção solar: senão a pele queima-se e acaba por cair ou envelhecer antes de tempo.

As embalagens «Spray-Tan» ou creme «Spray Tan» são autênticos produtos científicos para um bronzear saudável e natural.



Hoje em dia, já é possível o fabrico de produtos para bronzear de duplo efeito, os quais pigmentam a pele desde a primeira aplicação dando-lhe um tom dourado protegendo-a do sol.

O «Bronze Solaire» é um deles. Apresenta-se sob duas formas: tubos e óleo-filtro em frascos. A sua acção é, de facto, sensacional. Pode parecer inacreditável, mas é verdade: com «Bronze Solaire» a pele começa a bronzear antes dos primeiros banhos de sol e, depois, intensifica o seu processo de pigmentação natural de forma espectacular. Desde a primeira aplicação, a pele reveste-se de um lindo pré-bronzado dourado que evita as queimaduras e lhe dá um aspecto imediatamente atraente. Sem maquilhagem, sem bronzamento artificial!

Uma vez que o «Bronze Solaire» é um concentrado de óleos tropicais impermeáveis à água, a sua acção protectora só se elimina completamente com a utilização de sabão, ficando o rosto e o corpo totalmente protegidos do Sol durante todo o dia.

## Para intensificar o seu bronzamento

Quanto melhor a sua pele estiver protegida do sol mais intensos e duradouros serão os efeitos do bronzear. Mas, para isso, o produto escolhido deve conter um «filtro». Tais substâncias são mais ou menos activas (segundo

a intensidade de isolamento dos raios que queimam e a facilidade de passagem aos raios que bronzeiam) — e a sua actividade pode determinar-se com rigor e exprimir-se cientificamente através de gradações precisas: Percentagem de transmissão de raios bronzadores e índice de protecção contra as queimaduras.

O filtro «F 29 : 31» contido nos produtos Spray Tan (e somente nestes produtos) é de tal forma eficaz, que a sua actividade foi detalhadamente comentada nas revistas médicas e dermatológicas. Graças a este filtro de alto poder, o Creme especial Spray-Tan é hoje aquele que possui o índice de protecção mais forte e o único vendido com garantia de eficácia e segurança. No caso das peles ultra-sensíveis (a pele das loiras e das ruivas) ou nã de um sol muito intenso (mediterrâneo ou montanha) aconselha-se o creme Spray-Tan, que tem dado resultados surpreendentes e conseguido o que até aqui tinha sido impossível com qualquer outro produto.

Experimente: seja onde for que aplique o creme Spray-Tan a sua pele bronzeará como nunca. Porém onde não o aplicar, «queimar-se-á».

## Para acelerar o bronzamento

Quanto menos esforços pedir à sua pele para se adaptar ao sol, mais depressa se bronzeará. Assegure-se de que adquire um produto solar perfeitamente adaptado aos problemas particulares da sua pele — pois que nem todas as peles reagem da mesma maneira aos efeitos do sol.

Não faça da sua pele uma «vítima do sol». Melhore, sim, as condições de receptividade aos raios bronzadores do sol e obtenha pig-

mentação natural e surpreendente. Escolha, desde já, o produto Spray-Tan, especialmente concebido para o seu tipo de pele.

## Pele normal com tendência para secar?

Spray-Tan Hydratante (espuma de lanolina). Hidrata as células cutâneas à medida que o sol as desidrata.

## Pele com tendência para engordurar?

Spray-Tan não gorduroso, loção solar com vitamina A. Protege a pele sem a engordurar e resiste à água.

## Pele seca ou delicada?

Spray-Tan não gorduroso, óleo. Alimenta a pele e evita a formação das rugas de Verão.

## Pele extra-sensível ao sol?

Creme especial Spray-Tan (ultrafiltrante): o máximo de protecção para um bronzear intenso.

## Uma marca diferente das outras

Presentemente, todas as grandes marcas de perfumaria ou de cosmética fabricam também produtos solares mas, se a maior parte destes produtos são bons, os da marca «Spray-Tan» são obrigados a serem ainda melhores que bons, sob pena de perderem a sua reputação mundial de produtos diferentes dos outros. Com efeito, «Spray-Tan» ocupa-se unicamente de produtos solares destinados em especial a uma elite exigente e vendidos a preços relativamente acessíveis.

À venda em farmácias, perfumarias e todos os grandes estabelecimentos.

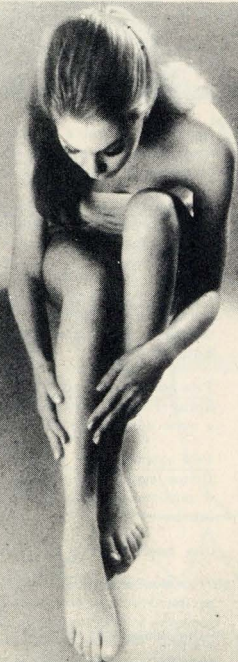
**F. LIMA & C.ª SUCR., LIMITADA**  
Avenida Fontes Pereira de Melo, 17.4.º — LISBOA



Toda a gama de produtos solares — e só produtos solares



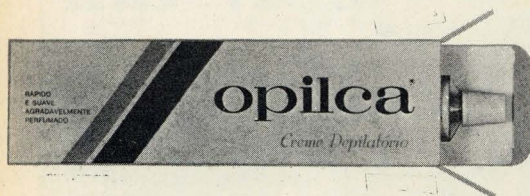
# DEPOIS DE OPILCA, A PELE APETECE




Porque não experimenta? Em vez de utilizar processos antiquados e pouco práticos, depile-se, suave e instantaneamente, com um depilatório brando e perfumado.

## opilca

é o depilatório feminino que deixa em breves minutos, a pele fresca, atraente e tão macia...



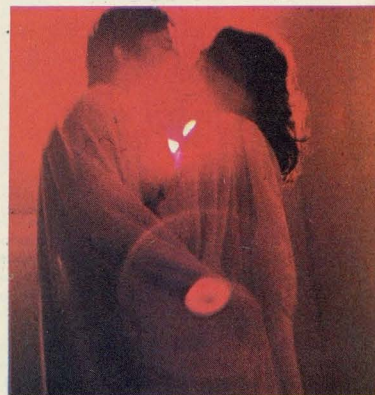
 Um produto OLIVIN

## NO **si** DA PRÓXIMA SEMANA



Mireille Darc, é incontestável, tornou-se num novo fenómeno do cinema francês. Aconteceu que a actriz se identificou perfeitamente com um personagem num filme aparecido na hora exacta e que respondia ao que o público esperava. A bellissima Mireille, para quem o amor é uma das belas-artistas, que simboliza perfeitamente a «nova vaga» francesa é um dos temas do «S. I.» da próxima semana.

Entrar em Cerebrum é como aproximarmo-nos de uma sociedade secreta, introduzirmo-nos no mistério da clandestinidade. Procura-se a liberdade total, a todas as horas. Cerebrum é outro dos assuntos de actualidade que publicaremos no próximo número.



A mitologia maoísta parece ser um facto e o seu alastramento não pára de aumentar. O tema de uma outra reportagem que publicaremos no próximo número é Kim Il Sung, o Mao Tsé Tung da Coreia do Norte. Muito pouco conhecido fora do seu país é, no entanto, um autêntico deus no seu paraíso...





**Aconteceu no Porto:  
 24 HORAS À VOLTA  
 DA ROTUNDA DA BOAVISTA!**



**De dia a assistência da população facilitou um pouco a proeza árida do jovem lisboeta**

António Bento Correia tem 18 anos. Iniciou em Lisboa uma Volta a Portugal... a pé! Na capital e em Coimbra realizou maratonas. No Porto quis repetir a proeza e durante 24 horas andou (a correr e a passo) à volta da Rotunda da Boavista.

Acerca da sua decisão de dar a Volta ao País, Bento Correia confidenciou-nos:

—Esta minha iniciativa, que julgo ser inédita, tem sobretudo fins publicitários. Desde há meses que sou vendedor de máquinas industriais. Estou convencido de que, se levar a cabo a proeza que intentei, isso será para mim um esplêndido impulso, no âmbito profissional. Para além disso, seduziu-me também a ideia de fazer turismo, logrando assim um conhecimento mais profundo do nosso País. Parti da Ericeira, em 21 de Junho, e já passei por Torres Vedras, Caldas da Rainha, Nazaré, Marinha Grande, Figueira da Foz, Coimbra, Curia, Aveiro, São João da Madeira, antes de atingir o Porto.



**O Bento Correia, durante a noite, continuou no seu propósito de completar 24 horas à volta da Rotunda da Boavista**

Depois de nos dizer que costuma percorrer em média 30 quilómetros por dia, Bento Correia, arrojado andarilho que na sua maratona teve «assistência técnica e moral» dos estudantes da «República dos Lysos» (na Avenida da Boavista), contou que havia chegado ao Porto com dois tostões no bolso e que ao partir levaria umas boas centenas de escudos.

A cidade tripeira durante as «24 Horas do Porto» ocorreu à Rotunda e, incrédula, esteve a ver se o moço aguentava o esforço; depois, já mais convencida, chocada pela realidade da gratuita aventura, deu-se a dirigir-lhe convites para almoços e jantares, criando ao Bento Correia um problema mais difícil (talvez) do que aquele a que meteu a vontade (sobre tudo os pés!...), quando saiu de Lisboa: aceitar refeições e hospedagens simultâneas...

O jovem aguentou as «24 Horas», sempre à volta da Rotunda da Boavista, a correr ou a passo, gastando os seus 18 anos na aridez de uma aventura insólita... Ou quiçá não, ele lá sabe!

**O SONHO TORNOU-SE  
 MONUMENTO HISTÓRICO**

Um sonho que se transformou num monumento nacional... É um caso estranho mas verdadeiro. O sonho que um humilde habitante da Drôme conseguiu realizar à custa de perseverança, coragem e esforços sobrehumanos. Esse sonho — hoje uma realidade — chama-se **O Palácio**



**FERDINAND CHEVAL, O CONSTRUTOR SOLITÁRIO, TRABALHANDO NA EDIFICAÇÃO DO SEU TÚMULO. AS FERRAMENTAS DE TRABALHO REPOUSAM FINALMENTE NO INTERIOR DO PALÁCIO IDEAL**

**Ideal.** É célebre agora em toda a França e até mesmo no estrangeiro. Esse monumento «em que a fealdade se tornou beleza» está envolto numa história extraordinariamente impressionante.

Ferdinand Cheval, nascido em 1836, foi um dos grandes viajantes dos fins do século XIX. Foi um viajante diferente de qualquer outro, pois jamais saiu do seu recanto. Contudo é difícil ter andado tanto como ele. Todos os dias fazia um percurso de 32 quilómetros a pé, ou seja, 10 mil quilómetros por ano, cerca de 300 mil em 29 anos. Ferdinand Cheval era carteiro rural. Como mensageiro dos correios e telégrafos tornou-se um homem rijo, que nunca soube o que era uma doença. Apenas se deitava para dormir. Um dia, porém... não se levantou mais. Morreu com 88 anos, de velhice, em casa de uma das suas netas, que vive ainda na agradável aldeia de Hauterives, a 30 quilómetros de Romans onde **O Palácio Ideal**, religiosamente guardado pela sr.<sup>a</sup> Rebattet, atrai as multidões. Todos os que visitam esse estranho monumento ficam admirados e mesmo desorientados, mas nunca indiferentes. De toda a parte chegam pessoas a Hauterives para admirar esta construção fantástica que o ministro dos Assuntos Culturais, André Malraux,



A CIÊNCIA RESTITUI A JUVENTUDE  
A MILHÕES DE MULHERES ANSIOSAS

ESPIRAL

# 2.º DÉBUT PARA AS MÃES

*Elas Agora Podem Adquirir Um "Novo Rosto",  
Em Casa, Sem Cirurgia Plástica.*

«A Descoberta de Wiesbaden» chegou agora a Portugal e está ao seu dispor — se é que está realmente interessada em gozar de novo as atenções que lhe foram dispensadas nos seus anos mais juvenis.

Ficará com um rosto completamente rejuvenescido: aspecto macio, fresco, enfim, jovem. E a beleza que as suas feições sempre tiveram retornará aquele efeito encantador e imprescindível que havia perdido.

Jornais médicos têm elogiado este trabalho científico de grande valor (realizado em Wiesbaden, Alemanha) que lhe permite (se não tem mais de 55 anos) um verdadeiro 2.º Début, isto é, uma segunda juventude.

## COMO O 2.º DÉBUT LHE DÁ UM NOVO ROSTO

O ingrediente activo que permite ao 2.º Début rejuvenescer a pele do rosto em pouco tempo é um componente vivo da pele humana até agora desconhecido. Os nossos cientistas chamam-lhe CEF 600. Uma vez colocado no rosto este ingrediente natural penetra imediatamente na camada superficial da pele, introduzindo nela milhões de pequenas partículas de água pura — que já havia sido perdida no processo natural de envelhecimento. A água corre sob as rugas e, à medida que vai eliminando as cavidades rugosas, possibilita ao rosto e ao pescoço adquirirem nova forma. O resultado parecer-lhe-á surpreendente. Deve interromper o tratamento, logo que a pele tome uma maciez satisfatória.

O CEF 600, extraído de tecidos verdadeiros, é um combinado com uma substância líquida e deliciosa de usar. Não é creme nem é loção. Usa-se à noite e de dia, sob a maquilhagem.

## QUANTIDADE LIMITADA

A extracção do CEF 600 exige cuidados especiais. Por esta razão tivemos de limitar o fornecimento do 2.º Début. (Só o encontrará nas melhores farmácias, perfumarias e drograrias da sua cidade). Este produto revolucionário custa apenas 60\$00.

Não espere mais: comece o seu tratamento de beleza ainda hoje.



TEM MAIS DE 45 ANOS E GOSTA DE VIVER?  
Use 2.º Début com CEF 1200, de acção dupla.

Agora, o novo 2.º Début com dupla acção contém CEF 1200, que actua muito mais rapidamente na revitalização das células da pele, «apagando» definitivamente as mais profundas rugas e oferecendo-lhe a possibilidade de possuir de novo uma pele fresca e suave.

PARA AS MULHERES MAIS NOVAS  
(ENTRE OS 24 E OS 45)

2.º Début CEF 600.

O 2.º Début com CEF 600 ajuda as mulheres mais jovens a parecerem ainda mais jovens durante mais anos. Se a sua pele é seca e começam a aparecer os primeiros «pés de galinha» em volta dos olhos, as primeiras rugas nas comissuras dos lábios, comece o seu tratamento com 2.º Début hoje mesmo. As rugas desaparecerão rapidamente, quase instantaneamente.

O preparado CEF 600 amacia a segura da pele com um véu invisível. Para as mais novas, 2.º Début com CEF 600 (preço 60\$00).

Para as mais velhas, 2.º Début com CEF 1200 (90\$00).

*2.º Début*  
COM CEF 600  
E COM O NOVO CEF 1200

## Da Alemanha A «Descoberta de Wiesbaden» faz com que os rostos mais velhos pareçam mais novos

WIESBADEN, ALEMANHA — Junho, 7 —

Desde que circulou a notícia sobre uma importante descoberta aqui verificada, cuidadosamente mantida secreta, de um pequeno mas poderoso grupo de fisiologistas de pele, as mulheres alemãs têm estado à espera, de respiração suspensa, que surja um esclarecimento oficial de como foi finalmente encontrada a verdadeira «fonte da juventude».

Autoridades científicas afirmam conhecer-se agora um modo de dar a «beber» à pele do rosto quantidades de água, diminutas mas suficientes, para que ela readquirir uma aparência jovem, macia e fresca que perdera há anos.

Afirma-se aqui que as rugas, especialmente os pés-de-galinha e a flacidez do pescoço, que marcam tão profundamente a passagem involuntária dos anos, desaparecem logo que esta água penetra sob a superfície cutânea. Qualquer coisa como um ressecar do rosto — mas sem qualquer cirurgia plástica.

Os cientistas esclarecem que este estudo não foi feito visando a descobrir um novo produto de beleza, mas sim com o simples propósito de um avanço científico no conhecimento das funções cutâneas. Mas reconhecem que os resultados a que chegaram levam milhões de mulheres a uma nova felicidade, embora, com toda a honestidade, isso não tivesse sido planeado.

Mediante um arranjo especial com os descobridores desta técnica de, pelo menos parcialmente, detor o processo de envelhecimento da pele do rosto, foi criada uma semi-loção que facilita e torna agradável e eficaz a aplicação da descoberta de Wiesbaden. O nome deste produto é 2.º Début.





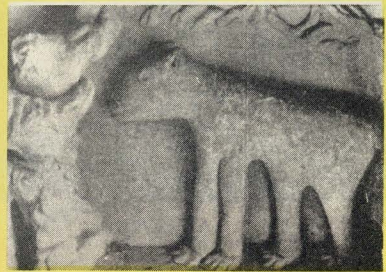
decidiu classificar como monumento histórico, a despeito de muitas opiniões contrárias. Mas o autor do **Museu Imaginário** entendeu que devia prestar uma homenagem à tenacidade de um homem e à sua indubitável genialidade.

Não falta quem se oponha à ideia de André Malraux. Há quem se ria à socapa, examinando o monumento com um ar trocista. Mas, na maior parte, as pessoas reconhecem o lado genial do construtor desse monumento sem época própria. Reconhecem o talento, a imaginação e a tenacidade de um simples carteiro rural e não podem deixar de admirar o seu empreendimento.

Foi nas horas vagas que Ferdinand Cheval juntou pedras cuidadosamente escolhidas a fim de as cimentar sobre sólidos alicerces, a constituir paredes de milhares de elementos fantásticos: pessoas, animais, plantas, etc.; torres de 12 metros de altura, salas ligadas por portas e corredores... e tudo ornamentado por estátuas, figuras sorridentes ou ferozes, enfim, personagens surrealistas, visões de um sonho ou de um pesadelo.

Uma tal junção de elementos é um feito prodigioso, uma prova de fantasia delirante, e de um espírito inventivo transcendente.

O **Palácio Ideal** contém na sua bizarra estrutura, como disse um jornalista francês, algo dos templos do Extremo Oriente, da mesquita africana, do palácio barroco e de um bolo feito por pasteleiro caprichoso. O seu aspecto mágico reside na sua inesgotável fonte de surpresas. Um visitante que o contemplasse todos os dias não acabaria mais de descobrir novos elementos insólitos e surpreendentes, na maior parte das vezes revestidos de



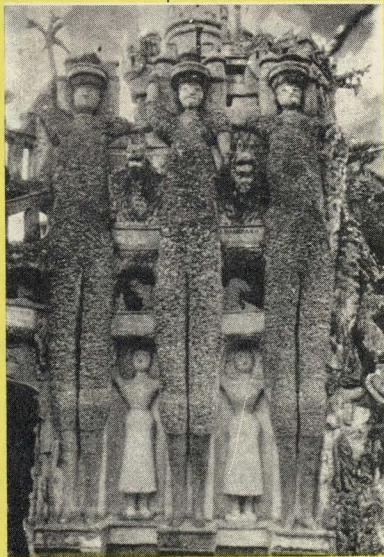
**CIRCULA-SE DENTRO COMO NUM VERDADEIRO PALÁCIO... QUE NÃO É, POIS NÃO SE PODE HABITÁ-LO. O CARTEIRO RESIDIA NUMA PEQUENA CASA, NÃO MUITO DISTANTE. ENTRE AS ESCULTURAS, HÁ PERSONAGENS DE PESADELO**

ingenuidade, outras inexplicáveis, mas sempre de uma grande pureza poética.

Ferdinand Cheval era filho de um camponês e tinha muito orgulho nisso. Ele próprio escreveu a esse respeito:

**Quero viver e morrer para provar que, na minha classe há também homens de génio e de força de vontade.**

Uma vez teve um sonho que o traumatizou: sonhou com um palácio fantástico que não se comparava com nenhum outro. Um palácio inexistente. Desde esse momento Ferdinand nunca mais deixou de ser perseguido por essa tremenda visão onírica. Em noites seguidas, de insónia, o palácio dos seus sonhos avolumava-se incessantemente. Este sonho durou 10 anos... Pouco a pouco, o edifício construíra-se na sua imaginação.



**EM 1912, CHEVAL COMEÇOU A EDIFICAR O SEU PRÓPRIO TÚMULO QUE ACABOU DOIS ANOS ANTES DA SUA MORTE**

Um dia, num dos seus percursos, tropeçou numa grande pedra, e ficou-se a meditar... Examinou-a, acariciou-a, acabando por a levar para casa. Sentiu-se fascinado e durante dias, ao chegar a casa, perdia-se na sua contemplação. Era a primeira pedra para o edifício dos seus sonhos. A partir dessa ocasião, todos os dias trazia para casa, dentro de um saco,



**O PALÁCIO IDEAL DO CARTEIRO FERDINAND CHEVAL QUE PODERIA TER ESTA INSCRIÇÃO: 33 ANOS DE INTENSO TRABALHO VOS CONTEMPLAM!**

todas as pedras que encontrava e que o impressionavam. Acabado o trabalho partia para longe, para distâncias de 10 a 15 quilómetros, em busca da pedra para o seu palácio ideal. Na aldeia, troçavam dele. Acabou por ser tomado como um indivíduo excêntrico.

Em 1879, o carteiro rural, no silêncio do seu recanto, começou a cavar os alicerces e a construir. Pouco a pouco, o edifício começou a surgir. Podia já adivinhar-se que nasceria uma habitação de 26 metros de comprimento, por quatorze de largura e cuja altura poderia variar entre 10 e 12 metros. Por fim as fachadas tomaram forma. A «moradia» acabou por se revelar na forma deste «palácio» de sonho, petrificado. O conjunto representa 1000 m<sup>3</sup> de pedra. O carteiro apenas comprou o cimento e a cal. Trabalhou, durante 33 anos, todos os dias, à noite, aos domingos. Foram dez mil dias, 93 mil horas. Os números estão gravados na fachada por cima de uma frase que é um desafio:

**Aquele que for mais teimoso do que eu, que meta mãos à obra.**

Em 1912 a obra estava concluída. O carteiro respirou. Tinha chegado ao fim do seu sonho. À noite subia ao terraço



# Gosta de automóveis ?

ENTÃO... COMPRE

O SÉCULO  
**ilustrado**

VAMOS OFERECER **3** ( E SÃO DATSUN !! )

SE NA VERDADE SONHA EM POSSUIR UM MAGNÍFICO CARRO  
LEIA O «S. 1.» E PARTICIPE NO SENSACIONAL CONCURSO

**3** DATSUN PARA VOCÊ!



OS CARROS DO CONCURSO DO «S. 1.»  
ENCONTRAM-SE EM EXPOSIÇÃO NO



**ENTREPOSTO**

ENTREPOSTO COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS S. A. R. L.  
Av. Duarte Pacheco, 21-A — Telef. 6851 75/6/7/8 — Lisboa 3



**si** EXTRA

da sua casa para contemplar horas sem-fim a sua obra que a penumbra envolvia. Uma obra absolutamente sua. Saíra das suas mãos, da sua imaginação, da sua alma. Do seu pensamento de solitário brotavam curtos poemas, máximas que se iam gravar nos sítios onde a contemplação do seu palácio provocava o fluir da sua inspiração de poeta simples.

Mas não estava tudo construído. Uma outra ideia perseguia ainda o grande sonhador: a de construir o seu túmulo. A esse trabalho consagrou os últimos dez anos da sua vida. Em 1922, aos 86 anos, abandonou, enfim, a sua ferramenta de construtor, «fiéis companheiros de trabalho». Dois anos depois, o túmulo recebia-o. Sobre o monumento construído com os mesmos materiais do **Palácio Ideal** estão inscritas algumas palavras gravadas pelo poeta-carteiro: **O túmulo do silêncio e do repouso sem-fim.**

Ferdinand Cheval realizou uma grande viagem. Quarenta e quatro anos depois da sua morte é-lhe prestada uma grande homenagem: a sua obra é considerada monumento histórico.

## O drama da princesa Maria Beatriz

por Bernard Debuyle



«QUERO ANDAR PELAS RUAS RINDO E FALANDO COM AMIGOS, COM UM MAÇO DE LIVROS DEBAIXO DO BRAÇO, SÃO ESTES OS MEUS PROJECTOS»

Julgava-se que estava curada dos seus amores infelizes. Demasiado sensível, demasiado espontânea, a mais jovem das filhas do ex-rei Humberto de Itália, a adorável e frágil Maria Beatriz de Sabóia, uma vez mais manifestou, recentemente, o seu desespero de princesa com sede de ternura.

«Titi», a filha querida do seu pai, nunca suportou a separação dos pais: o rei na sua residência do Estoril, perto de Lisboa, a rainha na sua propriedade campesina de Merling, em Genebra. Dizia-me ela, no Inverno passado:

—Tenho necessidade de ter sempre junto de mim todos aqueles que amo. Mas é tão difícil...

Maria Beatriz, adolescente, apercebe-se que não pode amar quem quer. Ela é a filha de um rei. E no entanto vive como toda a gente, não está num palácio. Não há grandes bailes com belos príncipes e ricos vestidos. Mas só uma casa de campo, um pouco fria, um pouco vazia, onde cada um vive por si mesmo: a mãe mergulhara na música, o irmão na colecção de armas antigas, e as duas irmãs ocupadas nos seus estudos universitários.

Isto não importa nada. Ela não consegue viver como toda a gente. É filha de um rei.

—Um rei que nem sequer vive conosco — nota ela.

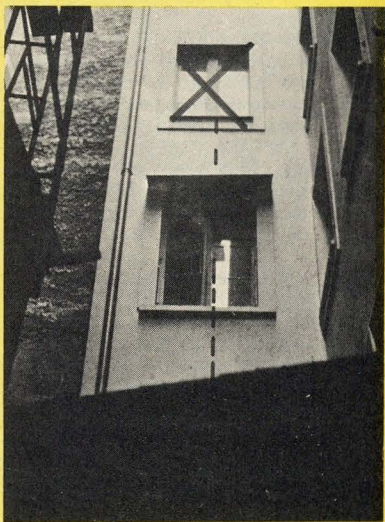
Permanece na sombra da mãe. Ela não a compreende bem. Não a compreende mesmo nada bem.

Em breve os seus estudos conduzem-na a Madrid. Está ainda mais só do que em Genebra. E, contudo, tem tanta necessidade de amor, de uma presença para a acalantar, a admirar. Então, um dia não pode mais. Um toureiro faz-lhe virar a cabeça. Abandona-se. Tudo é de novo possível. Tudo é maravilhoso. Mas a realidade decepcioná-la-á. Cruelmente.

Com o coração cheio de tristeza, volta a Genebra. A casa está ainda mais vazia. A irmãs partiram. Sem muitas ilusões, decide então viver como lhe impuseram: como a filha de um rei. Durante um Verão, acompanha a mãe às estreias musicais, faz esqui náutico com os amigos do irmão, e, num cavalo emprestado, galopa pelos caminhos que bordejam a propriedade. Mas tudo isto não rima com nada. As pessoas que a rodeiam parecem tristes. As outras são indiferentes.

Tem na boca um gosto de juventude falhada. E apesar disso existe uma pequena esperança: um rapaz ao qual o seu coração se agarra. É um actor italiano, Maurizio Arena. Maurizio Arena chega, Maurizio Arena está lá. Ao diabo com esta existência de falsa princesa, num falso palácio, «Leva-me». É a filmagem de uma película sob o sol andaluz. E pouco depois é como em Madrid.

—Ele não me ama. Não é possível. Se eu não fosse uma princesa, ele nem mesmo me olharia. Não, decididamente



AINDA NÃO ERA A FELICIDADE. DESTA JANELA DA COZINHA DO APARTAMENTO DE LUIS REYNA CORVALAN, MARIA BEATRIZ, UMA VEZ MAIS DESILUDIDA, LANÇOU-SE PARA A RUA

não fui feita para ser feliz. Tanto pior! Então serei séria... Até ao estoicismo? Entrar para um convento? Penso nisso. Mas mesmo assim, não. Será que sou escandalosa? Não. Sou somente infeliz. E haverá certamente um dia em que alguém me compreenderá.

Isto dizia-me ela na última Primavera, no seu segundo regresso ao local de origem, após uma viagem à volta do Mundo que o pai lhe havia oferecido para que ela voltasse a ser a sua «Titi», a menina sem problemas, sem desgostos.



# GRANDE CONCURSO

## 3 DATSUN PARA VOCÊ!

ESCLARECEMOS OS CONCORRENTES DE QUE É INDIFERENTE FAZER O ENVIO DOS CUPÕES LOGO APÓS A SUA PUBLICAÇÃO, OU TODOS JUNTOS NO FINAL. SE O LEITOR DESEJA HABILITAR-SE COM NÚMEROS DISTANCIADOS, ENVIE OS CUPÕES SEMANALMENTE; SE, PELO CONTRÁRIO, PRETENDE CONCORRER COM NÚMEROS APROXIMADOS, VÁ REUNINDO OS CUPÕES E ENVIE-OS TODOS JUNTOS NO FINAL. A CADA CUPÃO ENVIADO CORRESPONDERÁ UM NÚMERO NO SORTEIO.

A CADA CUPÃO ENVIADO CORRESPONDERÁ UM NÚMERO QUE O HABILITARÁ AO SORTEIO

## REGULAMENTO

1.º — «O SÉCULO ILUSTRADO», com a colaboração da prestigiosa firma Entrepasto Comercial de Automóveis, organiza entre os seus leitores o Concurso «TRÊS DATSUN PARA VOCÊ».

2.º — Os concorrentes, para ficarem habilitados aos 3 prémios que serão atribuídos por sorteio, deverão recortar de «O SÉCULO ILUSTRADO» os cupões publicados nos números dos dias 21 e 28 de Junho; 5, 12, 19 e 26 de Julho; 2, 9, 16, 23 e 30 de Agosto, e 6 de Setembro, colando cada cupão num bilhete-postal, que deverá ser enviado **pelo correio** (sem ser metido em sobrescrito), dirigido a CONCURSO DATSUN — «O SÉCULO ILUSTRADO» — APARTADO 2116 — LISBOA. É indispensável indicar com letra bem legível o nome completo e a morada.

3.º — Todos os cupões recebidos até às 18 horas do dia 6 de Outubro de 1969 e obedecendo às condições anteriores serão numerados para efeitos de sorteio (com numeração seguida a partir da unidade) segundo a sua ordem de entrada.

4.º — No dia 11 de Outubro de 1969, pelas 12 horas, no Salão de Festas de «O SÉCULO», Rua de «O Século», 51, em Lisboa, na presença de representantes do Governo Civil de Lisboa e dos concorrentes, proceder-se-á ao sorteio dos 3 prémios, extraindo das esferas que conterão as bolas numeradas, aquelas que determinarão os cupões premiados.

5.º — Os prémios a sortear serão:  
Um automóvel DATSUN — 2300 SUPER SIX no valor de 170 000\$00.

Um automóvel DATSUN — 1300 no valor de 76 500\$00.

Um automóvel DATSUN — 1000 (4 portas) no valor de 64 000\$00, no valor total de 310 500\$00.

6.º — O Sorteio é um acto público, podendo assistir os concorrentes bem como qualquer pessoa.

7.º — Cada concorrente poderá enviar em seu nome quantos cupões desejar, corresponden-

do a cada cupão um número que habilitará ao sorteio.

8.º — A entrega dos prémios será efectuada desde o dia 13 de Outubro de 1969 até ao dia 12 de Abril de 1970, mediante identificação do premiado, o qual assinará recibo com reconhecimento notarial, comprovativo de ter entrado na posse do prémio que lhe coube.

9.º — Os prémios não reclamados dentro do prazo estabelecido, reverterão para o estabelecimento de assistência que a autoridade competente determinar.

CONCURSO

3 DATSUN PARA VOCÊ! N.º

ORGANIZADO POR  
O SÉCULO ILUSTRADO

(PREENCHER COM LETRA BEM LEGÍVEL)

NOME COMPLETO \_\_\_\_\_

MORADA \_\_\_\_\_

LOCALIDADE \_\_\_\_\_

**IMPORTANTE:** Recorte este cupão pelo tracejado, preencha-o, cole-o num postal e remeta **pelo correio** para CONCURSO «TRÊS DATSUN PARA VOCÊ!» — «O SÉCULO ILUSTRADO» — Apartado 2116 — LISBOA.



Desta vez, Maria Beatriz parece ter-se recuperado da crise. Rodeia-se de amigos.

— Tenho a impressão de que gostam de mim — disse-me.

Vai fazer com eles corridas loucas e «ski-bob» nas derradeiras neves alpinas da estação, depois organiza piqueniques enormes nas margens do lago. Sorri. Não repele mais os repórteres. Pelo contrário, sorri-lhes. «A princesa radiosa retoma o gosto pela vida», anunciaram os títulos dos jornais. Decide fazer coisas grandes. Trabalhar primeiro num «kibbutz» em Israel. No início do Verão,



A «PRINCESA RADIOSA» VOLTA AO BERÇO NATAL DE MERLINGE. «DESTA VEZ COMPREENDO A MINHA MÃE. É UMA MULHER MARAVILHOSA»

embarca para a Galileia. No Outono, volta à casa materna de Merlinge.

— Sinto-me bem — disse-me. — Por fim compreendo a mamã. É uma mulher maravilhosa. É o meu melhor refúgio. Projectos? Sim, deambular e rir pelas ruas fora com os amigos, com um maço de livros debaixo do braço. Vou tornar-me a secretária principal de um grande banqueiro. Sim senhor! Como quero estar preparada, estou a seguir cursos de secretariado.

Via-se a deambular e rir com os amigos pelas ruas, com um maço de livros debaixo do braço. Parecia a despreocupada liceal que jamais fora.

— Quero também trabalhar com «marionnettes». Estou a iniciar no manejo dessas maravilhosas bonecas. Veréis; na próxima Primavera, vou montar um espectáculo.

Ora a princesa radiosa dava o troco. Primeiro a ela, sem dúvida, e depois aos outros. Porquê? Para tentar enganar essa sede de amor que não cessava de a mortificar interiormente. Para a esquecer. Em vão. Na véspera de Natal desapareceu. Nada de cursos, nada de «marionnettes», mas sim um jovem e belo funcionário internacional, uruguaiano, Raoul Trevi-Tali, adido há anos em Genebra numa organização gravitando à volta da O. N. U.

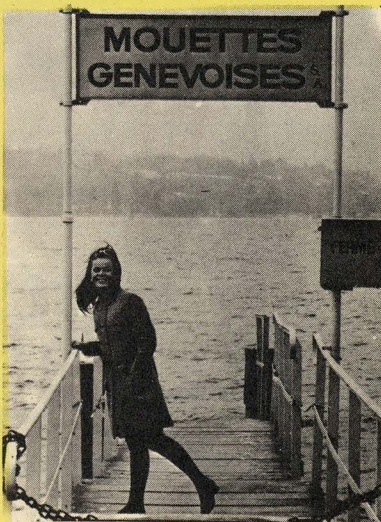
E, de novo, desapareceu. O homem da última oportunidade: um outro funcionário sul-americano. Um diplomata argentino acreditado nas Nações Unidas, sedutor, terno, com 25 anos e chamado Luis Reyna Corvalan. Não o deixou mais. Vivia só para ele, por ele.

— Ele ama-me — verificava, como que espantada.

Será que a amava? No pequeno apartamento da velha moradia de Luis Reyna Corvalan, momentaneamente abandonada por este, Maria Beatriz aproximou-se da janela da cozinha, e lançou-se no espaço, debaixo dos olhos apavorados de duas amigas venezuelanas.

— Que fizeste «Titi»? — murmurou o seu pai, que estava precisamente em Merlinge, na noite trágica, ao saber que a filha jazia destroçada numa cama do hospital cantonal de Genebra.

Copyright Europeanews - «S. I.»



À BEIRA DO LAGO EM GENEVE, «TITI» SORRI AO INVERNO, E ENFRENTA A VIDA COM NOVA ESPERANÇA

Era a nova esperança de «Titi». Não durou muito tempo. No princípio deste ano, iríamos reencontrar «Titi», que se apresentava mais desiludida, mais triste que nunca.

— É impossível — repetia —, impossível.



# VERUSCHKA

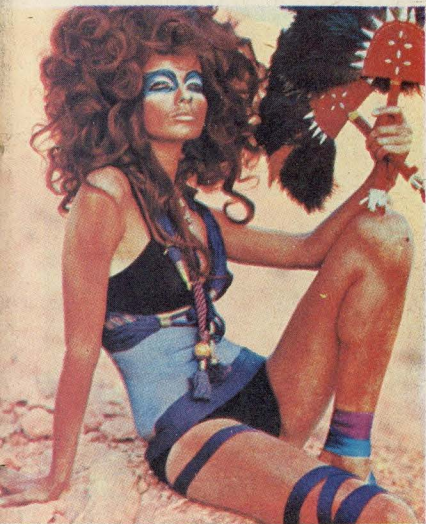
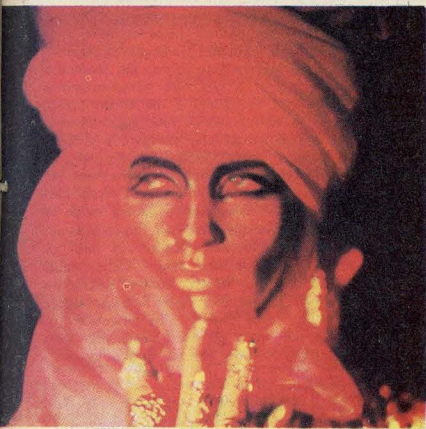
## COM B (DE BIKINI)

QUEM NÃO A CONHECE OU NÃO OUVIU FALAR DELA? CHAMA-SE VERUSCHKA VON LEHNDORFF, É LINDA, ARISTOCRÁTICA, TEM 1,80 M. E O SEU MAIS RECENTE ACESSO DE EXOTISMO LEVOU-A AO SARA, COM UMA MALA CHEIA DE «BIKINIS» ULTRA-REQUINTADOS. OS RESULTADOS ESTÃO À VISTA, NESTAS DUAS PÁGINAS: SUGESTÕES OPULENTAS E COLORIDAS QUE PARECEM SAÍDAS DE UMA HISTÓRIA DAS ARÁBIAS. FRANCO RUBARTELLIS FOTOGRAFOU ESTES MODELOS QUE PODEM CONSIDERAR-SE A ÚLTIMA PALAVRA NO TRAJO DE PRAIA FEMININO

Copyright (c) 1969, «Daily Telegraph Magazine» e «A. E. I.», em exclusivo para o «S. I.»









# AS COMPANHIAS DE SEGUROS DIZEM "NÃO" A 20 MIL AUTOMOBILISTAS

reportagem de Adelino Gomes

Vem primeiro a história daquela mulher choroza, inconsolável, atirada, por um acidente estúpido, para as tristezas da viuvez.

Direito a indemnização tinha ela, que ficara sem marido e com filhos pequenos para criar. Não havia dinheiro que pagasse um pai, mas ao menos umas notas, 150 contos, até mais, quem sabe, ajudariam os próximos anos, tão críticos para a educação dos filhos.

E veio um senhor de Lisboa. Cinquenta, 60 anos. Gravata preta. Modos afáveis. Falava directo ao coração da mulher vencida pela fortuna. Uma tarde levou junto dela, recordando o ente querido, interrogando o futuro dos órfãos de pai, chorando lágrimas de dor sentida.

Quando se despediam, as lágrimas da mulher correram agradecidas («Tão bons, 10 contos logo aqui a pronto, os senhores lá de Lisboa, da Companhia. Diga-lhes obrigado. Cá me hei-de arranjar.»). Que não agradecesse, eles é que estavam, as discussões, o tribunal, tudo complicações para a senhora e para a Companhia. Demorava tempo a resolver-se e entre tanto os filhos, quem lhes dava de vestir? Assim, tudo se resolvera, a bem. Saúde!

Em seguida, aparece estoura história de um senhor bem vestido, carro à porta e loja na cidade. Os azares da vida conduzem-no (mal) contra a montra do próprio estabelecimento. A companhia de seguros paga o vidro, nada barato.

Aborrecido do carro, da montra e, pelos vistos, do seguro, anula o contrato com a primeira companhia. Dirige-se a outra. E logo lhe participa um aborrecido acidente. Novo vidro pagou a nova companhia. Ainda uma terceira seguradora entra na defesa do património do senhor agora ainda mais bem

vestido. A quarta companhia de seguros, por precaução — não fora ela a seguradora —, consulta o «ficheiro técnico» das companhias (o leitor que prefira a realidade mesmo dura ao «manto diáfano» do eufemismo pode ler «lista negra») e... pronto. Acabou a «história» das montras partidas e dos seguros, para o senhor agora vestido como antes.

A quem quisesse, podia ainda contar-se a história daquele afamado industrial lisboeta cuja frota de táxis foi conseguida à custa de sucessivos «golpes» às companhias de seguros...

Quando as histórias de seguros não passavam desta dicotomia eterna (ora as companhias, ora os segurados «ao ataque») e as pessoas já bocejavam nas mesas de café pela falta de imaginação dos cronistas de escárnio-e-mal-dizer deste Reyno, apareceram no «S. I.» uns pedaços desgarrados de problema a alertarem as atenções. É o resultado de longa busca de elementos e informações que vos apresentamos aqui. Mas atenção: **toda e qualquer semelhança desta história com a realidade, só peca por ser menor que a menor das realidades.**

Em duas linhas se coloca o problema. O difícil é formarem-se ideias claras sobre ele. Muitas horas levei a ouvir segurados e seguradores, técnicos, homens que às questões de trânsito dedicam a sua vida.

**As companhias de seguros recusam segurar determinados automobilistas.** Parece que não tão poucos como à primeira vista se julgará (ouvi falar em 20 mil casos de recusa). Os automobilistas, por seu lado (e não só, pois o assunto ultrapassa os limites estreitos dos seus directos interessados), sentem-se lesados num direito que bem se pode considerar de projecção social. O seguro não é, não pode ser

entendido como mero acordo de vontades, sujeito aos usos e costumes de tal contratação, em que as partes, com direitos e obrigações recíprocas, se permitem anular ou manter as condições contratuais. O seguro, pelas implicações profundas na vida e bens do cidadão e família, deixou há muito de ser apenas «negócio» para se tornar FUNÇÃO SOCIAL. Função social, isto é: problema que a todos toca; problema cujos dados deve ter em conta o interesse do maior número. Isto no meu entender (que não tenho carro nem seguro). Isto no entender do leitor menos metido nos meandros da questão.

Vinte mil recusas para um parque automóvel de cerca de 5 centenas de milhar, em que muitos dos automobilistas ainda não compreenderam a necessidade urgente de segurarem o carro, o perigo grande que correm em deslizar pelas estradas onde todos os dias se dão acidentes (e todos o sabemos bem de mais) 20 mil recusas, dizia, são fenómeno que impressiona e precisa que nele nos detenhamos para lhe analisarmos as causas e lhe encontrarmos solução, já que os efeitos são de fácil entendimento.

Eis o carro, o automobilista, o seguro e o NÃO. — Estou seguro desde 1958. Inicialmente fiz **seguro contra terceiros.** Após um problema com um camião do Exército (cuja indemnização só recebi passados 3 anos), resolvi fazer **seguro contra todos os riscos.** No 2.º acidente que tive, não fui considerado culpado. Mais tarde, foi-me roubado um farol do carro. «O senhor doutor tem seguro contra todos os riscos, mas não tem seguro contra acessórios» — disseram-me na Companhia. Passei a pagar **seguro contra acessórios.** Pouco depois informaram-me que se eu partisse um vidro do carro, este não seria considerado abrangido pelo seguro. Então, passei a





ter seguro contra vidros. Informara-me ainda de que, se levasse no carro passageiros sem ser da família, seria também passível de risco, de modo que fiz mais um **seguro contra passageiros transportados gratuitamente**. A partir de 1967 fiz **seguro de responsabilidade civil ilimitada**, após a leitura, nos jornais, de um acidente com um médico, em que as indemnizações pedidas ascenderam a milhares de contos. Sem aviso prévio, em Fevereiro do ano passado, após a participação de um acidente em que não tive culpa, a ponto de ter sido indemnizado pela seguradora do outro automobilista, subiram-me a taxa para quase o triplo (cerca de 7 contos — eu pagava à volta de 3). Neguei-me e fiquei apenas com seguro contra terceiros e passageiros transportados gratuitamente. Nessa altura, apesar de ter reduzido os seguros, vi-me aumentado para 4 800\$000... Este ano, em princípios de Fevereiro, recebi da Companhia um impresso a anunciar-me a anulação da apólice. Todas as companhias tentadas me recusaram o seguro. Estava incluído na «lista negra» das companhias. Só uma companhia estrangeira, a Caledonian Insurance Company aceitou segurar-me. E aceitou-o por ser associada da British Oak, com a qual mantém reciprocidade de serviços e onde eu tenho outros seguros.

Como o dr. Granadeiro Vicente, médico em Lisboa, haverá mais **20 mil pessoas** para quem o carro não é um luxo. Para quem o carro é instrumento necessário da profissão que exercem. Obrigados pelas circunstâncias a fazer 20 mil, 40 mil quilómetros por ano, num momento, com razão ou sem ela, são postos perante o problema da RECUSA. A companhia de seguros recusa-se a ajudá-los na prevenção do pior (que é a ameaça de cada quilómetro).

## Onde a justiça de tal atitude?

Filipe Nogueira condena o actual sistema, «sobretudo pela arbitrariedade das companhias de seguros. Uma companhia reserva-se o direito de recusar o seguro aos clientes com vários desastres. E não só: participa o facto à chamada «lista negra», o leva as outras companhias a conhecerem quem lhes não convém e a recusarem também o seguro ao automobilista caído em desgraça. É **inegável que deste modo o seguro não cumpre a sua função social**».

O mesmo pensa o major Enes Ferreira, comandante da Polícia de Viação e Trânsito, considerando o sistema «condenável a todos os títulos».

De «grave e arbitrário» o classifica o automobilista António José Mocho, que aponta ainda a unilateralidade do contrato, pois sendo os contratos iguais em todas as companhias, o candidato ou «aceita» os termos da apólice-tipo ou não faz o seguro».

Mais longe vão os automobilistas incluídos na lista dos recusados. As razões não andam longe das que encontrará qualquer pessoa ao meditar uns minutos no problema: num acidente entre uma motoreta e um peão, o peão é morto. Não há seguro. A mulher e os filhos da vítima levam o caso a tribunal. O causador do acidente não tem bens que lhe permitam indemnizar a família da vítima. Gastam-se 6 ou 7 contos no tribunal. E só ao valor da motoreta, 2 ou 3 contos, se poderá ir buscar um esboço de indemnização. Não há dúvida, pois, que, nas suas possíveis e lógicas consequências, o sistema falha, é perigoso e indesejável. Mas decerto que haverá razões para ele se manter.

## As razões apontadas pelas companhias

Joaquim José Barata, procurador da Companhia de Seguros Metrópole:

— Em princípio, recusamos carros muito velhos, sem um mínimo de segurança. Baseados numa certa experiência, recusamos ainda segurar os condutores que nos pareçam mais susceptíveis de provocar sinistros, como gente moça com carros desportivos, indivíduos com propensão para a bebida e outros. Há

ainda carros novos, cujos acessórios são de impossível aquisição no nosso País.

Anulamos o contrato do segurado (o que é legal à face do artigo 18.º do contrato, cujas condições, gerais vêm expressas na apólice) quando a frequência de sinistros nos mostra não ter o segurado capacidade para bem guiar. Repare que muitos clientes das companhias de seguros têm acidentes graves, da ordem de centenas e até de milhares de contos, e não se lhes anula o contrato. Isto porque todos estamos sujeitos a um percalço, e para tal existem as companhias de seguros. Mas só em casos esporádicos. Agora segurados que todos os anos nos participam dois e três acidentes, muitas vezes no montante, cada um, de apenas algumas centenas de escudos, são clientes que não interessam a uma companhia. Note-se, aliás, que, para as companhias, as despesas não se limitam às três ou quatro centenas de escudos que referi: há as custas dos processos, as peritagens, o tempo perdido, uma infinidade de despesas.

de elementos que nos provem a falta de educação cívica, a irascibilidade, enfim, uma propensão elevada para a sinistralidade do condutor, lhe anulamos a apólice. E nem sempre. Preferimos propor uma revisão de prémio que agravamos consoante as qualidades do automobilista. É um reajustamento perfeitamente aceitável, por serem mínimas as tabelas que se começam por aplicar.

O dr. Granadeiro Vicente, na história-trágico-automobilística que nos contou, acusava a companhia de seguros Metrópole de ter agido precipitada e injustamente, ao anular-lhe o contrato, no fim de 11 anos de troca de serviços entre as duas partes.

O procurador desta companhia, depois de rectificar o número de acidentes do dr. G. Vicente (16), admitiu que aquele médico teria dado lucro à companhia, mas considerou-o «um caso grave em potência, pelos acidentes que pode vir a causar». Foi mais longe: «pessoas com tantos acidentes deviam ser proibidas de conduzir» (aqui o sr. J. J. Barata sugere a tais automobilistas a renúncia à condução



«EM 31 DE DEZEMBRO DE 1968, HAVIA EM PORTUGAL: Automóveis ligeiros de passageiros e mistos: 355 500; veículos comerciais ligeiros e pesados: 94 500; motocicletas e «scooters»: 42 200; tractores de rasto e rodas: 25 000. Total: 517 200

O engenheiro Matos de Moraes, administrador da Companhia de Seguros Douro, conta o caso de um motorista que, em três anos, originou dois atropelamentos mortais e mais sete acidentes de danos materiais. Considerou a propósito:

— A formação de um prémio de seguro, o seu preço, é estruturado em função de análise estatística do comportamento dos grupos em risco. É evidente, que o excesso de sinistralidade de elementos de um grupo fatalmente atingirá o prémio futuro de todos os outros. É precisamente na tentativa de frenar os aumentos de preços, e na defesa de todos os segurados de risco normal que as companhias devem expurgar aqueles elementos. Para alguns destes será evidentemente possível conceder-lhes a garantia do seguro através de um prémio adequado ao seu risco. Mas outros haverá cujo prémio teria de atingir o valor do capital seguro.

E continuou:

— Certos automobilistas constituem estatisticamente riscos inseguráveis e para eles não se deve pôr o problema de encontrá-los ou não cobertura. O problema é de saber se devem ou não continuar a ser condutores!

Por seu lado, declarou-nos o dr. Adriano de Pinho Morgado, director da Tranquilidade:

— As coisas passam-se, por norma, assim: aparece um indivíduo com dois ou três sinistros. Escrevemos-lhe uma carta de prevenção (amável). Só depois de duas ou três cartas de prevenção, e de posse

ou... a contratação de um motorista...). A propósito, registe-se o interesse de uma medida que o eng. Moraes sugeriu, à semelhança do que se adopta em alguns países, em relação a encartados de recente data: em França e na Inglaterra os condutores com carta há menos de dois anos só podem conduzir com velocidades limitadas, pelo que apresentam à frente e na retaguarda do veículo uma placa identificadora. Esta medida por certo conseguirá corrigir desvios de frequência de sinistralidade verificados em relação a este grupo de automobilistas.

Levantado o problema da **função social** das companhias de seguros, todos com ela concordaram. Os seguros são um negócio que a administração das companhias tem o direito de fazer prosperar o mais possível. Mas são também a garantia contra a adversidade, a defesa dos bens e da família do cidadão. Ora bem: a RECUSA em segurar o automobilista ou o seu carro aparece ao condutor (e a nós) como **TRAIÇÃO** aos mais elementares princípios da justiça social. O automobilista que não dê a margem de lucro considerada conveniente à boa marcha do negócio é posto na rua sem mais nem menos. É deixado às incertezas do acaso que lhe pode reservar grave acidente — e o mais prudente dos condutores não deixa de a ele estar sujeito. E acidente grave, para quem não tenha seguro, significa ou o carro destruído e a obrigação de reparar os danos causados a outrem, ou uma família desamparada sem



cada pelo segurado.

**Art. 18.º — A Companhia ou o Segurado podem, a todo o tempo, anular ou reduzir o valor seguro por esta apólice, mediante aviso registado, com antecipação de 15 dias pelo menos, à outra parte.**

**O prémio a devolver pela Seguradora será calculado proporcionalmente ao tempo e ao valor da apólice.**

o seu chefe e ganha-pão, que por hipótese terá morrido (o leitor sabe, pelas notícias de todos os dias, não se tratar aqui de «literatura» a fazer transbordar a bolsa lacrimal. Por exemplo: segundo elementos fornecidos pela O. C. D. E. referentes a 11 países da Europa, na década de 1955-1965, Portugal manteve-se sempre à frente da lista com o maior número de mortos por 1000 veículos. É na previsão de tal hipótese — nada inédita entre nós — que se clama contra a atitude discriminatória das companhias de seguros).

Pois bem, ao colocar a questão da função social aos representantes das companhias com quem falei, estes responderam-se de modo assaz curioso e inesperado.

**Enquanto os segurados consideram injusta e socialmente grave a recusa das companhias, estas orgulham-se de exercer uma função socialmente benéfica no nosso País...** Afirmou o dr. Pinho Morgado:

— Há indivíduos a quem não devia ser concedida carta de condução. E àqueles a quem é concedida e originassem vários acidentes, devia ser retirada a carta. Ora, é precisamente em relação aos maus condutores, negligentes ou inaptos para guiar, e na falta de um organismo que actue em conformidade, que nós exercemos essa função social, impedindo-os que conduzam e ocasionem novos desastres.

E o sr. J. J. Barata:

— Conheço casos de indivíduos a quem foram anuladas as apólices e que depois disso nunca mais tiveram desastres. A psicologia do condutor com seguro contra todos os riscos, por exemplo, é «facilitar» em situações que podem provocar desastre, com o à vontade de quem, se houver azar, nada terá de pagar. Assim, ao anular-lhes a apólice, a companhia de seguros fê-los conhecer as suas incapacidades e obriga-os a um maior cuidado na condução, o que se torna benéfico para eles próprios.

Mas será que as razões das companhias se podem enquadrar neste esquematismo fácil em que, pesando-se a capacidade de condução do segurado, se opta pela anulação da apólice com o fim altamente louvável de eliminar ou atenuar o perigo ambulante que é o condutor sem aptidões?

Ninguém de boa fé, nem as próprias companhias de seguros acreditam nesta resposta como a única ou a mais importante das razões que motivam a recusa de segurar tantos automobilistas. Há realmente outras razões de grande importância. Tantas quantas as companhias. Tantas quantos os complexos problemas de administração que em cada dia se põem às seguradoras.

Uma primeira razão para esta política de rateio foi-nos dada pelo sr. J. J. Barata. «Dos seguros no ramo automóvel, 20 por cento das apólices têm sinistros; 80 por cento nada têm. Mas os 20 por cento levam os prémios dos 100 por cento e nunca sabemos quanto os segurados que fazem parte dos 80 por cento passarão para o rol dos 20 por cento. São as chamadas incertezas dos seguros... Passemos a números (facultados pelo Grémio dos Seguros).

Em 1967 as companhias de seguros, só no ramo automóvel, receberam de prémios 727 587 contos e pagaram de indemnizações 540 830 contos. Lucro bruto de 187 357 contos. Em 1968 as mesmas companhias receberam de prémios 870 678 contos e pagaram de indemnizações 583 276 contos. Lucro bruto de 287 402 contos — mais 100 000 contos do que no ano anterior (1968 foi o ano de aumento dos prémios das apólices). Importa, como é evidente, deduzir do lucro bruto, despesas gerais, ordenados, contribuições e impostos, enfim, a quota-parte dos gastos com que o ramo automóvel contribuirá para a organização contabilística da companhia — números estes que não me foram facultados nem sei se existem discriminados.

Chegámos, pois, ao problema máximo de toda a questão: o problema dos números. O problema das contas. Aqui sim. Aqui entroncam todas as discussões; daqui nascem as recusas de que estamos a tratar. As companhias de seguros dizem NÃO aos automobilistas cuja conta de Perdas seja superior à conta de Ganhos.

Nas conversas havidas com funcionários ou directores de companhias, sempre um fantasma surge: a FALENCIA. Na Inglaterra, nos E. U. A., numerosas companhias de seguros têm falido. Em Portugal o problema não atingiu a situação catastrófica de outros países, precisamente pela política de união que as seguradoras têm seguido entre si — assim justificam a existência da conhecida «lista negra» a que preferem chamar «troca de informações» ou «ficheiro técnico». Uma razão é apresentada para esta política administrativa: na medida em que se preservar a companhia dos riscos da falência se acuatelarão os interesses dos segurados, o seu dinheiro ou os seus bens.

Assim ficariam anulados argumentos como o da existência de numerosos prédios pelas cidades com o nome de determinadas companhias de seguros. Para o dr. Pinho de Morgado, da Tranquilidade, como para o dr. Xara Brasil, do Grémio dos Seguradores, a designação exacta a ser inscrita nesses prédios seria «Propriedade dos Segurados da Companhia X», já que tais bens são a garantia dos clientes contra uma hipotética falência da seguradora.

A isto pode responder-se que:

1 — O lucro de tais prémios pertence à companhia; a) logo, é uma aplicação de capitais, cujos lucros os senhores do capital nunca verão;

2 — A companhia é a mais beneficiada; a) pois acatela complicações de falência; b) e recebe dinheiro de um negócio em que nada investiu de seu.

Acresce que: há a obrigatoriedade, para as companhias, de depositar uma percentagem, nada pequena, de cada prémio, de modo a cumprir-se a tal necessidade de acatелamento dos interesses dos segurados.

Logo, ou as companhias são bicatелosas ou o negócio de acatелamento é mesmo rendoso, como parece ter ficado demonstrado.

Mais: não há, realmente, razão para críticas por as companhias realizarem dinheiro em prédios. Fa-

zem muito bem, pois assim se beneficiam extraordinariamente. Não venham dizer é que acatелam os interesses dos segurados, em primeiro lugar. Pois: 1 — Para o segurado não será assim tão crucial a falência da companhia, porque os seus interesses são acatелados por lei logo no acto do contrato — RESERVA DE INDEMNIZAÇÕES A PAGAR; 2 — E não é assim tão importante porque, se a companhia falir, as RESERVAS TÉCNICAS necessariamente acorrem em favor dos automobilistas que tenham casos de indemnização pendentes.

Logo, as companhias podem e devem ter prédios — é até a melhor forma de aplicação de um capital que por lei deverá ser ou depositado na Caixa Geral de Depósitos ou aplicado na aquisição de títulos ou outros bens, por aprovação da Inspeção-Geral de Crédito e Seguros do Ministério das Finanças. Não podem nem devem proclamar que o fazem no interesse exclusivo dos segurados.

Aliás, este é um tipo de argumentação válido para qualquer outro ramo de negócio.

Permita-se-me, porém, declarar não ser a discussão sobre os lucros ou défices das companhias o problema mais importante em toda esta questão. Explico porque: como os leitores podem ler no quadro dos resultados de exploração do ramo automóvel para o decénio 1957-1966, fornecido pelo Grémio dos Seguradores, as companhias de seguros apresentam um prejuízo total de quase 450 000 contos. Ouvi, no entanto, muita gente pôr em dúvida a validade absoluta de tal panorama; uns não acreditando mesmo no quadro, outros dizendo que as receitas das companhias se devem avaliar na sua totalidade e não por compartimentos estanques, pois é como tal que as companhias têm existência. Há quem aponte, ainda, uma terceira via (nós, por exemplo) segundo a qual se encontram no ramo automóvel companhias com lucro e companhias com prejuízo, o que nos levará a ver este ramo não como uma actividade de regime deficitário por natureza, e sim como uma actividade delicada, na qual uma política administrativa sábia poderá alcançar resultados compensadores.

Ora, tenham ou não as companhias lucro no ramo automóvel, o problema das recusas existe, mantém-se afecta milhares de pessoas. Importa, pois, discutir-se o sistema e logo a seguir proporem-se soluções.

## ○ sistema

A condenação do actual sistema de seguros é unânime. Segurados, seguradores e técnicos não concordam com ele, cada parte por motivos diversos, é claro.

A mais simples das razões dos segurados é a de que pagam muito dinheiro por uma segurança que lhes sai arriscada — é o problema do médico que fez seguro contra todos os riscos e veio a saber, por experiência própria, que as coisas não devem ser tomadas tanto à letra: um farol de nevoeiro não faz parte de todos os riscos, é um acessório; um vidro nem é acessório nem está incluído em todos os riscos... é um vidro.

O automobilista fala com o anagardador ou com o funcionário, resolve fazer seguro contra todos os riscos e a gente está mesmo a ver que a primeira coisa que na companhia lhe iam dizer era que todos os riscos não significam TODOS OS RISCOS, mas todos os riscos menos alguns riscos! Seria «arriscar»... o negócio.

Nesta resma de problemas aflitivos não se pretende acusar as companhias de ilegalidade na sua actuação. Seria até falta de inteligência por parte delas, se o fizessem. Não restam dúvidas, no entanto, que um complexo emaranhado de disposições contratuais facilita e provoca a maior parte das incompreensões e dos litígios entre segurados e seguradoras.

Mas não são só os automobilistas e os técnicos a queixarem-se das insuficiências do sistema. Também as companhias lhe reconhecem defeitos. Por isso, o dr. Pinho de Morgado propõe o averbamento de todos os acidentes na carta dos automobilistas. «A retenção da carta a indivíduos sujeitos a certos tratamentos médicos, exames psicotécnicos periódicos

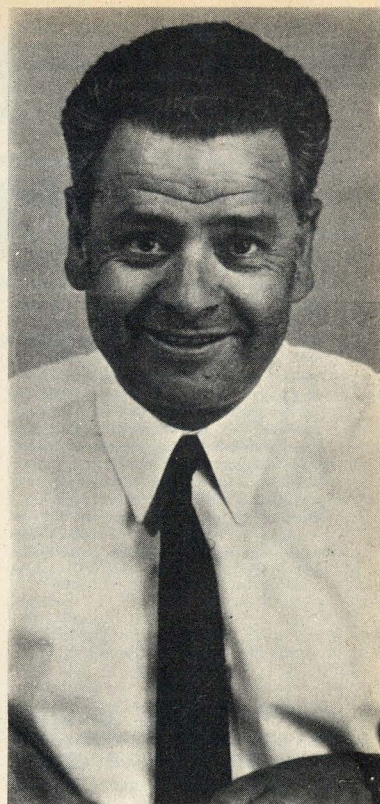




**FILIFE NOGUEIRA:** «Estou convencido de que, dentro em breve, o seguro obrigatório será uma realidade. Não sei até que ponto estaremos preparados para se entrar na sua concretização»



**FRANCISCO DO CAZAL-RIBEIRO:** «Nunca fui contra uma eventual alteração de tarifas; o que me parece foi ter havido, na nova tabela de taxas de seguros que o Grémio pretendia pôr em vigor em 1967, uma certa precipitação e uma tomada de posição unilateral, sempre antipática, mesmo que justificada»



**J. J. BARATA (PROCURADOR DA METRÓPOLE):** «O dr. Granadeiro pode ter dado lucro à companhia mas um condutor como ele é um caso grave em potência pelos acidentes que pode vir a causar. A atitude da companhia até será útil ao automobilista, que concluirá não ter condições para conduzir»

cos, o estudo atento das circunstâncias de cada acidente, formariam um conjunto de medidas que poderiam determinar com justiça as aptidões de cada condutor e o seu grau de sinistralidade.»

Para tanto, necessária se torna a existência de um organismo isento a quem fosse confiada esta tarefa. Na moralização do sistema que Filipe Nogueira, por seu turno, propõe, vedada às seguradoras a anulação das apólices, preconiza-se a «estipulação de uma tarifa tendo em conta a antiguidade dos clientes e o número de vezes que bateram ou o montante de prejuízos dados à companhia».

As duas sugestões propostas levam-nos a um tipo de solução fácil e com evidentes vantagens para as partes: por um lado, as aptidões automobilísticas do segurado eram julgadas por um organismo estranho aos interesses das companhias; por outro, as seguradoras viam acautelado o equilíbrio financeiro que tanto as aflige. Até os peões ganhavam, ao diminuir o número de condutores perigosos...

Mas falou-se noutra solução:

## O seguro obrigatório

Ninguém duvida da necessidade, da urgência desta medida.

— O seguro de responsabilidade civil obrigatório resolveria o problema no que se refere aos segu-

rados, embora, neste caso, deva ser acompanhado de uma legislação complementar apropriada (Francisco do Casal-Ribeiro).

— Acho-o do maior interesse, na defesa do cidadão. As companhias farão a sua escolha, mas o automobilista terá sempre a possibilidade de segurar o carro (J. J. Barata).

— Estou convencido que dentro em breve será uma realidade (J. Filipe Nogueira).

— O seguro obrigatório é fundamental, não só pelo efeito do próprio seguro — cobrir certo número de consequências materiais que resultam do acidente — como também pela vantagem dada às companhias de seguros, porquanto o aumento do número de segurados se traduzirá num aumento de receitas para as companhias, que talvez até pudessem baixar o prémio de seguro. Teríamos, assim, muitos a pagar para poucos, quer dizer, a percentagem, que é mínima, de causadores de sinistros, seria coberta pelos prémios de todos os automobilistas (comandante Enes Ferreira).

— As vantagens que resultam do seguro obrigatório excedem largamente as dificuldades que o seu estabelecimento possa trazer (dr. Tito Arantes, na sessão da Assembleia Nacional de 22 de Novembro de 1967).

Portugal é dos poucos países da Europa (acompanham-no a Itália e a Grécia) onde não está institucionalizado o regime do seguro obrigatório. Vá-

rios estudos foram feitos nesse sentido. Em 1936 a Assembleia Nacional rejeitou uma proposta do deputado Saudade e Silva, apesar do parecer favorável da Câmara Corporativa e de um contraprojecto do prof. Mário de Figueiredo, igualmente a favor do seguro obrigatório. O mesmo destino conheceu o relatório de uma comissão de estudo nomeada em 1962 por Portaria conjunta dos Ministérios das Finanças e das Comunicações. Recentemente, também o prof. Vaz Serra elaborou um anteprojecto a ser incluído no novo Código Civil, onde se institua o seguro obrigatório para os automóveis ou a prestação de caução. Em 1968, o Ministério das Comunicações encarregou nova Comissão de estudar o problema. Desta comissão faziam parte representantes do Grémio dos Seguradores, delegados do Ministério da Justiça, Comunicações e Finanças, Corporação de Transportes e Turismo, Automóvel Clube de Portugal e Prevenção Rodoviária Portuguesa. Entregue em Janeiro passado, espera-se agora sorte favorável para este novo projecto.

## As linhas gerais do projecto

O eng. Matos de Moraes fez parte desta Comissão de trabalho. Compreensivo, facultou-nos elementos de cuja análise poderemos inferir os critérios



que presidiram à sua elaboração. A serem aprovadas as propostas da Comissão, haverá a considerar cinco pontos fundamentais no regime do SEGURO OBRIGATORIO.

**I — A obrigação de prestar a garantia é feita através de um seguro ou pela prova de solvabilidade económica e pertence ao proprietário do veículo.**

**II — Excluem-se de garantia obrigatória os danos sofridos pelo próprio e familiares que com ele vivam em economia comum, sendo os limites sugeridos os previstos pelo Código Civil para a responsabilidade pelo risco — estes limites referem-se aos capitais mínimos a garantir. Não se institui uma garantia obrigatória com maior amplitude por se entender que desse modo se tornaria economicamente incomportável para a maioria dos proprietários de veículos no nosso País. Prevê-se uma franquia para danos materiais, a cargo do segurado — esperando-se que contribua para a prevenção da sinistralidade e possibilite uma redução dos prémios do seguro.**

**III — Prevê-se um mecanismo que solucione os conflitos resultantes da recusa pelos seguradores em aceitarem segurar certos riscos.**

**IV — São propostas medidas para os veículos**

com estabelecimento habitual no estrangeiro.

**V — Institui-se um FUNDO DE GARANTIA de modo a que nenhuma vítima fique por indemnizar (previsão de casos em que não haja garantia — apesar de ser considerado crime o não cumprimento desta obrigação — e de casos de impossível identificação do responsável, fuga, por exemplo). Este FUNDO só indemniza danos pessoais. As receitas provêm de várias fontes.**

Numa primeira análise, há dois ou três pontos cuja clarificação se impunha, a meu ver:

1 — Como se concilia a recusa pelas seguradoras em aceitarem certos riscos ou certos automobilistas com a obrigatoriedade de segurar?

2 — Porquê a existência de uma franquia para danos materiais? Se a Comissão acredita que tal disposição será útil na prevenção da sinistralidade e possibilita uma redução dos prémios do seguro, não se pode também acreditar que as maiores beneficiadas com a disposição vão ser as companhias?

3 — De que modo irá funcionar o FUNDO DE GARANTIA?

Seria útil mas não parece oportuna a discussão, aqui e agora, destes aspectos do projecto. Importante, sim, a divulgação cedo das conclusões a que chegaram no Ministério das Comunicações.

Inclusivamente, e porque são o tempo e a prática os melhores juizes do acerto e da eficácia das leis, alvitra-se: entre a publicação e a entrada em

vigor da lei sobre seguro obrigatório fixe-se um prazo dilatado em que todos — legislador, segurados, técnicos, seguradoras e público em geral — possam discutir em boa ordem as disposições cuja vigência menos convenha

**RESULTADOS DA EXPLORAÇÃO DO RAMO AUTOMÓVEIS, NO DECÉNIO 1957 - 1966**

1957	prejuízo	18 702 contos
1958	»	23 230 »
1959	»	16 848 »
1960	»	22 071 »
1961	»	29 779 »
1962	»	29 865 »
1963	»	38 738 »
1964	»	55 766 »
1965	»	83 917 »
1966	»	122 858 »

**TOTAL ..... 441 774 contos**

**DR. PENHO MORGADO (DIRECTOR DA TRANQUILIDADE): «Exercemos, sem dúvida, uma função social no nosso País. Acontece é que há casos em que somos nós a actuar e devia ser a Direcção-Geral de Transportes Terrestres»**



**MAJOR ENES PEREIRA (COMANDANTE DA P. V. T.): «Um carro de 100 contos é seguro no seu valor. Dois anos depois tem um acidente e a companhia avalia a indemnização não nos 100 contos mas pela desvalorização que o carro entretanto sofreu. Isso corresponde à verdade, mas então porque é que o prémio não vai diminuindo de acordo com essa desvalorização?»**



# GIRALDINHA

## UMA LADRA DE LISBOA

por A. Varatojo

Entre os criminosos de aceitação popular, os gatuos constituem uma classe privilegiada quando as suas proezas se consignam em golpes de audácia que lhes permitem o ludíbrio das autoridades. Em Portugal existiram, por diversas épocas, alguns amigos do alheio famosos e — em menor número — certas celebridades de salas que ilustram o nosso registo cadastrol. Chamaremos hoje «à cena» uma vedeta dos anos 1883 e seguintes e que fez carreira sob o nome de «Giraldinha».

A inconstância do «habitat» criminal de Maria Rosa, fazendo-a «girar» com frequência pelas ruas e vielas de Lisboa, constituiu o motivo inspiratório do apodo de «Giraldinha», que passou através dos tempos e chegou aos nossos dias como sinónimo de termo de giria. «Gostar de andar na giraldinha» é apreciar a vida nómada, irreverente e desprezada, sem complexos de obediência a códigos elementares. Era assim a Maria Rosa.

Os cronistas da cidade descobrem-na aos 18 anos e pouco mais sabem da sua ascendência. Olhos alegres, num rosto esguio, corado e jovial, dão-lhe um ar gaiato e simpático que funciona como gazua eficiente nos lares e lojas onde se insinua.

A aprendizagem do gesto ligeiro para subtrair objectos de valor, adquire-o junto dos ambientes sórdidos do «bas-fond» citadino, onde paga as lições com favores do seu corpo apetecido. Em breve obtém o «diploma» da sua licenciatura na arte de roubar e os retoques finais são ganhos nas primeiras prisões por onde passa. Maria Rosa, a «Giraldinha», está apta a desempenhar lugar de relevo na longa galeria da escória do tempo.

### Os «golpes»

A «Giraldinha» não era ladra que preparasse os «golpes» com a antecedência ponderada do gatuno meticuloso e experiente. Julgamos mesmo — ao analisá-la a maneira de ser — que ela era uma rapariga desprezada, adorando o improviso e o sabor do risco. Dessa «especialização» se valeu por diversas vezes quando o perigo a enredou inesperadamente nas suas finas malhas. Sigamo-la despreocupadamente através do tempo e do espaço como esbirros curiosos.

São 16 horas. Lisboa caiu num letargo de sesta, nas ruas sem transportes. Os animais com a hortaliça regressaram às hortas, os pregões perderam-se ao longe, após a manhã febril. O calor convida à janela aberta e só se mantêm cerradas as que aguardam um inquilino novo para abri-las. Maria Rosa vai ali. É aquela de xalle de seda pelas costas, andar ondulante de ancas meneadas, lengo de ramagens.



Reconhece-se facilmente pelo movimento pendular dos braços, que vagueiam ao sabor do vento. Não tem destino. Levanta a cabeça, agora, e pára. É isso. Já viu a casa para alugar.

Estamos na Rua de S. Salvador. É um terceiro andar. (Reconhecem-na agora? Acaba de se voltar para nós.) Sorri. Balxa a cabeça uns segundos a germinar alguma. E entra. (Venham daí. Vamos atrás dela...) Batem à porta do segundo. «É aqui que está uma casa para alugar?» Sente-se mirrada dos pés à cabeça e confia no ar simpático e lavado que exhale. É suficientemente boa observadora para saber que passou no exame da outra.

— É o andar de cima. Mas, se deseja vê-lo, eu tenho a chave.

— Se não é grande incómodo para si... As palavras são escolhidas com a cautela de quem esboça as primeiras linhas de um quadro.

— Não incomoda nada, ora essa! Não estamos cá para outra coisa.

Maria Rosa só por esta resposta já sabe que está perante alguém que gosta de ser prestável. Faltava-lhe saber se vive só.

— Veja lá!... Naturalmente a senhora estava a tratar do seu jantar e o seu marido — se é como alguns — talvez não goste de esperar.

— Não, não! O meu homem que Deus tem, já não me incomoda, coitado! Vivo sózinha e ainda nem sei o que vou fazer para a ceia. Para mim qualquer coisa serve.

Se a «Giraldinha» não sentisse a segurança da penumbra da escada talvez não esboçasse um sorriso tão aberto de triunfo. Estava certa da presa, faltava apenas escolher a isca.

— Nesse caso!...

A mulher foi buscar a chave e deixou-a à porta uns segundos que lhe permitiram lançar uma espiadela para o interior, a avaliar mentalmente o que haveria de valor. A vista, pouco! Subiram até ao terceiro e a Maria Rosa começou a mostrar-se encantada com a casa e a fazer conjecturas de arrumação futura dos móveis. Aqui a cómoda. Ali o guarda-vestidos. A cama de frente para a janela... Demoraram-se um bocadinho mais, porque a «Giraldinha» queria opiniões, conselhos «de quem estava mais habituada a estas coisas...» E a «futura vizinha», a princípio tímida, depois afoitamente... foi dando sugestões. Maria Rosa pediu também a morada do senhorio, para ir falar com ele. A mulher deu-lhe a morada, e afoitou-se a discutir a renda. Despediram-se, beijando-se no patamar, como amigas de longa data. (Vamos deixar sair a «Giraldinha» «giraldar», a fazer horas, sem a seguirmos, ela voltará daqui a pouco.)

(Ela aí está! Nós não dizíamos?... Deixem ver quanto tempo passou. Duas horas! Que traz ela naquele embrulho? Agora sim, vamos outra vez atrás dela, até ao segundo andar. Despachem-se para não perdermos pitada.)

— Ai é a senhora outra vez?... Então? — Correu tudo bem! A casa é minha. Mas só posso ir buscar as coisas amanhã. Voltei cá para lhe dar a notícia. Agora vou ver se arranjo aí um sítio para dormir. Já comprei uma galinha.

(Então o embrulho era a galinha... Temos de concordar que esta Maria Rosa sabe armar o laço.)

— Mas porque é que não fica em minha casa esta noite?

(Ouviram. Mordeu a isca.)

— Ai, vizinha, não senhor! De maçada já basta a que lhe dei há bocadinho.

— Ora essa! Não foi maçada nenhuma... Tive até muito gosto!

— A vizinha tem sido tão simpática que nem sei como lhe hei-de agradecer. Nesse caso, fazemos já esta galinha para o nosso jantar.

E a Maria Rosa entrou. Panela a ferver para escaldar e depenar o bicho, foi obra de um momento. Com desembaraço e segurança iam trabalhando juntas e trocando confidências. A vida de Maria Rosa era interessante de ouvir pelo muito de fantasioso que a sua ajuara sabia imprimir-lhe. Era a vida de uma mulher simples, talvez como no fundo ela gostasse de a ter vivido. Conversavam juntas há mais de uma hora quando a gata da vizinha aproveitou uma distração para filar nos dentes um pé da galinha e escarpar-se com ele. A dona gritou-lhe:

— Anda cá «Giraldinha», maldita ladra! Não viu que Maria Rosa tinha empalidecido.



De frente para a chaminé, estremeceira. Tranquilizou-se ao voltar-se, percebendo que a outra falava com a gata, mas inquiriu:

— A bichana chama-se «Giraldinha»?  
— Fui eu que a baptizei com o nome dum ladrão que anda para aí a apouquentar a gente. Malvado bicho, que é outra que tal, não nos podemos distrair um segundo.

«Giraldinha» sorriu ao apreciar a colega felina, que se escapulira para os telhados.

— Al isso é verdade minha amiga, todo o cuidado é pouco.

No dia seguinte de manhã a dona da casa veio acordá-la cedo, pois tinha de ir à praça comprar coisas para o almoço. A «Giraldinha» real protestou, surpreendida, ao saber as horas. «Tinha dormido como uma gata ao borralho.» Riram ambas. E a outra saiu.

— Deixe-se estar mais um bocadinho que eu não me demoro!

Maria Rosa aceitou «contrariada». Também ela tinha «pressa». Tanta «pressa» que mal a outra saiu, vestiu-se num ápice e deu volta a tudo enquanto «o Diabo esfrega o olho».

Quando a locatária voltou, limitou-se a verificar a falta das roupas melhores, de um cordão e algum ouro que tinha dentro de uma caixa. Na polícia teve conhecimento que a «madrinha» da sua gata fora sua hóspede por uma noite.

## «Giraldinha bate a asa»

Para manter incólume a tradição do seu nome, Maria Rosa não era rapariga que aquecesse o lugar. Durante uns dias residiu na sobre loja do n.º 92 da Rua das Portas de Santo Antão. Da janela das traseiras procurava relacionar-se com duas vizinhas que lhe pareceram gente de posses e onde poderia talvez depois fazer uma «visita de cortesia». Dias depois apareceu-lhe na janela o «dono da casa» e Maria Rosa preferiu ir «giraldar» para outra freguesia. Reconhecera no «vizinho» um conhecido chefe da polícia...

O «Pardal» era um assassino perseguido por ter morto um homem à luz do dia na Travessa dos Remolares. Mais, havia um prémio pela sua captura: 50.000 réis! Maria Rosa aguardava no gabinete do escrivão que a conduzissem ao Aljube. Falava-se com sempre no «Pardal» que ainda não fora preso... e ela ia ouvindo, ouvindo. Quando entrou o agente Feijão que se meteu na conversa já adiantada, ela timidamente disse do seu canto:

— Eu sei onde está o «Pardal».

Todas as atenções convergiram para ela. E foram tais os pormenores que deu sobre o assassino (que tinha escutado, sem ninguém se aperceber), que o agente Feijão se comprometeu a pagar-lhe a fiança se ela lhe permitisse a captura do foragido. Foram de trem para o Arco do Cego onde a «Giraldinha» mandou fazer alto por precaução. Tinham chegado junto de uma quinta que tinha entrada pela estrada real... e uma saída para o Largo do Leão. O agente só conhecia a entrada. «Giraldinha» tomou o comando das operações:

— O sr. Feijão fica aqui para ele não suspeitar. Daqui a 10 minutos eu saio com o «Pardal» e vamos jantar àquela taberna além. Dê-nos tempo para nos sentarmos. Entra e deita-lhe a mão.

O agente concordou antevendo as honrarias da captura, formulando aplicações práticas para os 50.000 réis do prémio. Esperou 10 minutos e nada. Um quarto de hora. Meia hora... Uma hora. Tirou-

-se de cautelosa e entrou. Do «Pardal» nem rastros, e da «Giraldinha»... muito menos. Jurando vingar-se voltou para a esquadra e mais desejoso agora de apanhar a «Giraldinha» do que o próprio «Pardal». De si para consigo, remordia o provérbio: «Mais vale um pássaro na mão que dois a voar!»...

Como se vê, a carreira da «Giraldinha» ia-se firmando. Deixou de ser uma ilustre desconhecida para o seu rosto se tornar familiar à maior parte dos polícias de Lisboa. Conta-se que certo dia, ao descer a Calçada Marquês de Abrantes, deu de caras com um esbirro da esquadra dos Lagares. Era tarde para reconhecer e Maria Rosa sempre soube reconhecer as suas possibilidades de fuga. Dirigiu-se ao guarda comendo e afivelando uma máscara de satisfação pelo encontro.

— O sr. guarda, vá num instante dizer ao cabo Jacob que os homens que ele sabe, estão aqui nesta rua.

Meio surpreendido, meio desconfiado, o guarda ainda esboçou uma dúvida.

— Quais homens?

— Os da moeda falsa. Mas despache-se, homem! Mexa esses pés rápido, que eu fico aqui à espera.

Era tão sincera e bem interpretada a aflição colaborante de Maria Rosa que o polícia foi e entrou esbaforido e afogueado na esquadra direito ao cabo.

— Sr. Jacob, os homens que o senhor sabe, estão na Calçada Marquês de Abrantes.

— Quais homens?

Jacob, céptico e dando-se ares de superioridade, mantinha a mesma pergunta.

— Quais homens?

— Os da moeda falsa, que a «Giraldinha» me disse...

Nem terminou. A gargalhada dos colegas e o erigar dos bigodes do Cabo Jacob apareceram-lhe como sinal de alarme da cor das suas bochechas ruborizadas.

— Meu estúpido! Essa ladra enganou-te bem.

As arrecuas, pediu licença para voltar lá e ver se a apanhava.

— Vai sim, que lhe encontras o sitio!...

Quando chegou a Calçada, da Maria Rosa nem cheiro...

## A Giraldinha vai à bruxa

A «Giraldinha» saíra de umas férias no Aljube quando ruiu certo dia para Alcântara em busca da «Chica Russa», a bruxa da Ajuda. A sina conhecia a ela de cór, mas agradava-lhe um golpeito espectacular. Os problemas de amor mal compreendido que pôs à consideração da bola de cristal, arrebiteram as orelhas da bruxa, que os considerou de difícil solução. A não ser...

— A não ser?... — Interrogou a «Giraldinha».

— Que se arranje dinheiro suficiente para umas mezinhas...

— Ora essa!...

Uma senhora amiga dela podia emprestar-lhe tudo o que fosse preciso.

— Se a Senhora Francisca me quiser acompanhar a casa dela, é pessoa de posses e faz tudo por mim.

Francisca da Conceição Ferreira, «A Chica Russa», anteviu na senhora sobre uma cliente em potência. Aperaltou-se com as melhores arrecadas e vestiu o melhor fato de seda, enquanto a Maria Rosa esperava na sala. Saíram as duas em demanda da casa rica. No caminho, por volta de Alcântara, o caso favoreceu a «Giraldinha». O fecho do cordão da

«Chica Russa» avariou-se, e entraram num ourives para o mandar arranjar. Ruas mais adiante, a Maria Rosa arranjou pretexto de a deixar à espera uns minutos, «enquanto ia ali dar um recado.» Voltou atrás a casa do ourives.

— O senhor desculpe, mas a minha mana diz que primeiro tem que consultar o marido por causa do conserto do cordão. O meu cunhado desconfia de tudo e de nada. Se não vê o cordão escangalhado, não acredita.

O homem, que as vira juntas há momentos, entregou-lhe o fio. A bruxa é que nunca mais lhe pôs a vista em cima. Nem a bola mágica lhe indicou o paradeiro da «Giraldinha.» A vida agitada da ladra e a humidade das celas foram aos poucos «roubando» à Giraldinha a saúde e a mocidade. Rezam as crónicas que a «tísica» tomou conta dela com mais firmeza que as garras da lei e, já em 1891, não seguiu para África, quando foi posta à disposição do Governo como vadia e gatuna incorrigível, por causa da saúde. Assim desapareceu das ruas de Lisboa uma das mais famosas cadastradas do mundo criminal da época.

A título de curiosidade, aqui têm a parte mais importante do registo de prisões de Maria Rosa, «A Giraldinha.»

1883

Capturas por vadiagem .....	3
Capturas por furto .....	2
Entradas na cadeia .....	4
Dias de prisão .....	120

1886

Capturas por furto .....	2
Dias de prisão .....	90
Nota: Fugiu uma vez à polícia ao ser conduzida do tribunal à cadeia.	

1887

Capturas por furto .....	2
Entradas na cadeia .....	2
Dias de prisão .....	300

1888

Capturas por furto .....	7
Dias de prisão .....	210

1889

Passou todo o ano na cadeia do Aljube.

1890

Capturas por furto .....	1
Capturas por vadiagem .....	1
Dias de prisão .....	210

1891

Capturas por furto .....	1
Dias de prisão .....	330

1892

Capturas por furto .....	1
Dias de prisão .....	248

1893

Passado na cadeia.

1894

Capturas por furto .....	1
Dias de prisão .....	312

Pouco mais se sabe dela até à sua morte.



## "EXCÊNTRICOS"?

## NOUTRO PAÍS CHAMAVAM-LHES OUTRA COISA...

texto de Rupert Watts fotos de Dick Swayne

A Inglaterra é famosa entre outras coisas pelos seus excêntricos. Cinco deles, escolhidos ao acaso, são o objecto desta reportagem. Encontram quer outro modo de viver quer algo que lhes tornou as vidas mais interessantes.

## O professor Bruce Lacey

Atrás de um velho vidro de montra riscado do tempo, próximo da Caledonian Road, no Bairro Islington, de Londres, trabalha o professor Bruce Lacey, artista e cientista, criador de numerosas máquinas electrónicas que representam e ilustram as emoções humanas. Lacey, de 41 anos, é um antigo estudante de arte e ex-empregado bancário que insiste que as pessoas nada sabem acerca do que não experimentaram. O seu objectivo é fazê-las viver, construindo engenhos que exprimem o amor, o ódio, o medo e a piedade. As máquinas do ódio são as suas favoritas desde há muitos anos, e Lacey está actualmente a conceber um dispositivo de «ódio a Enoch Powell» com o qual tenciona exercitar aquilo que sente contra o conhecido parlamentar conservador, famoso pela sua cruzada contra os imigrantes de cor na Grã-Bretanha. A sede de Lacey, muito discreta do exterior, é uma casa alugada de quatro andares, destinada à demolição. As salas de experiências, juncadas de toda a espécie de artigos eléctricos, equipamento de rádio, membros artificiais e outros dispositivos invulgares, constituem o dobro dos quartos habitáveis.

Uma vez entrado, o visitante encontra-se imediatamente naquilo que foi em tempos uma pequena mercearia, e que se assemelha, agora, ao resultado da colaboração de um grupo de engenheiros, médicos e habilidosos que tivessem enlouquecido todos ao mesmo tempo. É difícil alguém mover-se, sem tropeçar num objecto extraviado; estranhos engenhos, ligados a enormes estruturas complicadas de ferro, vêem-se a cada canto, e numa prateleira, uma grande boneca de porcelana com meia dúzia de bonecas mais pequenas, crescendo-lhe na cabeça, olha fixamente, grotesca como uma figura de uma tela de Hieronymus Bosch.

No cimo das escadas, fica a sala de estar (que também serve como principal quarto de dormir) e a cozinha; no andar superior, quase só se vê trastaria. A cave constitui uma versão ultra-realista de uma câmara de horrores de figuras de cera e é aqui que se encontra a maioria das criações ilustrando o medo e a compaixão.

Uma criação intitulada «Instituição» apresenta uma velha forçada a viver num tugúrio esquálido, devido à pobreza e às circunstâncias. A sua face é uma velha máscara de horracha vermelha, transformada pelos anos numa horrenda massa de rugas. Um dos olhos fixa tristemente a parede.

O corpo da velha é uma exibição de postais vitorianos, representando o seu feliz passado; as pernas são pedaços gastos de borracha e a cadeira, uma cómoda. Numa pequena saliência, um ovo estrelado de plástico repousa numa frigideira de gordura suja, e a criação é completada por paredes moldadas como o interior de um caixão com autênticas pegas de metal.

— É deste modo que muita gente de idade é forçada a viver — diz Lacey.

O canto mais escuro da cave chocaria o mais corajoso dos homens se não estivesse





ao corrente das criações de Lacey. Num velho receptáculo de ferro repousam os restos decompostos de uma família depois de a sua casa ter sido bombardeada. Lacey, há tempo, pôs as figuras de plástico lá fora no jardim das traíças, para que o Inverno inglês as tornasse mais realistas. Hoje, o pó e as aranhas ajudam ao efeito repulsivo.

Outra exhibição representa o vício das drogas. Uma janela aberta para o estômago mostra como é arruinado pelas pímulas, enquanto outras várias seringas hipodérmicas enormes completam o quadro. Quando Lacey exhibiu algumas destas criações, em exposições de arte, achou que os críticos tremeram de horror.

— O problema é que as pessoas esperam que a arte as faça felizes — declara Lacey, que deplora os métodos convencionais de ensino. Na sua própria escola de arte, os estudantes foram limitados a escolher ou a pintura ou a escultura, e proibidos de misturar uma com a outra.

Lacey descreve-se a si mesmo como um actor desde a idade dos 9 anos, mas, enquanto criança, teve de montar os seus próprios espectáculos. As peças tradicionais escolhidas pelos professores nunca lhe agradaram. Mais tarde, chegou a apresentar algumas das suas próprias ideias em espectáculos de clubes nocturnos. Uma vez apareceu com uma velha bicicleta com cordas de harpa e tocou algumas cantigas nos raios da roda maior. Noutra ocasião, exhibiu-se com um gramofone antigo tocando: «Estou sempre a soprar balões.» A medida que os balões emergiam da campânula, davam-lhes tiros.

Desde a infância sempre se ocupou a construir engenhos eléctricos e mecânicos. Durante a segunda guerra mundial, quando fez 16 anos, construiu um atirador de archotes aos pilotos, completando o trabalho com cenários revoltantes de ambos os lados.

Como não era capaz de ser piloto, quis fazer o melhor. Costumava bombardear os alemães através de um buraco no chão.

Quando veio a mobilização, Lacey fôlhou no teste matemático requerido para os pilotos, e em vez disso foi para a marinha como mecânico eléctrico.

As máquinas de propaganda de Lacey impressionaram outras pessoas, além de professores e críticos de arte. Certa vez, quando estava a residir em Edmonton, Lacey teve uma querela com alguns vizinhos que acharam que o efeito das máquinas era prejudicial para os filhos (em conjunto, Lacey tem oito filhos, de dois casamentos). Uma mulher chegou mesmo a dirigir-se à Sociedade Nacional de Prevenção da Crueldade para com as Crianças, mas quando o inspector veio ver não encontrou falta alguma no ambiente caseiro de Lacey. As crianças sentiam-se felizes numa atmosfera de amor e de amizade. Depois Lacey decidiu construir uma máquina de bisbilhote.

Esta máquina, que apresentava meia dúzia de filãs de dentes, batendo uns nos outros, e desfilando uma quantidade de frases resmungatórias, impressas numa folha de papel, foi exibida numa próxima exposição de arte.

— Creio que um dos meus vizinhos a viu, porque não houve mais queixas — diz Lacey.

Todas as máquinas de Lacey são simuladoras e cada uma representa aqueles aspectos da realidade de que ele ou gosta ou não gosta. Lacey, cuja maior ambição é construir uma máquina que «amalgama tudo», diz que, embora muitas pessoas se irriem com as suas obras, espera que as máquinas possam ajudar a aliviar alguma das dolorosas condições que prevaleçam no mundo de hoje.

Presentemente, planeia um simulador de campo de batalha, para dar às pessoas um sentido realístico de estar na guerra, enquanto, ao mesmo tempo, tem pensada uma máquina que lhes dê a sensação de se encontrarem entre aqueles que morrem de fome na Índia. Lacey também construiu um simulador de sexo, nos quais os participantes são fechados num com-

partimento, para sentirem os aspectos do acto sexual. Isto pode ou não tornar-se popular, mas Lacey avisa:

— Não é recomendável para os que sofrem de claustrofobia.

Os membros artificiais desempenham um importante papel nas construções de Lacey. Têm de ser comprados em segunda mão, através do Ministério da Saúde, e têm de ser apresentados motivos específicos antes de poderem ser adquiridos. Lacey, que tem vários desses membros, estabeleceu uma regra severa. Nunca os alugará como artigos de cena teatral. Ao visitar certa vez o Ministério, Lacey impressionou-se até as lágrimas ao ver membros feitos especialmente para crianças.

Olhando em volta da sua casa que contém quase tudo menos os utensílios normais de uma família, Lacey liga os seus pensamentos à iminente demolição:

— Suponho que em breve tenho de pensar de me mudar. Ofereceram-me um andar, mas que posso eu fazer nele. Preciso de espaço.

## Martin Lewis

Um grande estrondo ecoa pela garagem e de um velho barril de cidra cheio de fumegante água quente, surge Martin Lewis, com os pés para a frente. Submerge de novo e depois aparece a cabeça e os ombros, ornada de óculos de protecção e tubo de respiração. A água deita um forte cheiro a cidra.

— Tomar banho num barril? Recomendado a toda a gente — diz Lewis. — É formidável.

Lewis, de 31 anos, cujas várias manias incluem o fabrico de cidra, guarda dois barris lado a lado na garagem da sua casa em Hailsham, no Sussex. Enquanto a cidra fermenta num, utiliza o outro para tomar banho. Quando a bebida está pronta, liga os barris e, por isso, não se ensaboa enquanto toma banho.

Para Martin Lewis, tomar banho no barril tornou-se um ritual. Há três anos, quando trabalhava numa fábrica de cidra perto dali, os enormes barris inspiravam-no. Desde então, tem seguido esta insólita rotina de tomar banho quase todos os dias.

— Existem duas coisas que tenho de fazer antes de ir trabalhar. Tomar banho no barril e moer uma libra de trigo. A rotina de moer o trigo leva quatro minutos e Lewis está convencido de que o banho o ajuda nesse trabalho. O serviço tem importância, uma vez que Lewis insiste em fazer a sua própria farinha:

— Com todas as coisas que entram na composição da farinha que se vende, tenho a certeza de que está envenenada. Infelizmente, quando faço um bolo, tenho de usar fermento, senão não sobe. Mas daí até usar farinha oxidada, livra!

— O banho é aquecido por um mecanismo caseiro de aquecimento por imersão, ligado a uma ficha eléctrica. São necessárias 8 horas para elevar a água a uma temperatura satisfatória da ordem dos 105 graus. A água é mudada de três em três dias. Lewis também toma um banho normal — cerca de uma vez por semana, na sua casa de banho — mas afirma que não é satisfatório, uma vez que certas partes do corpo ficam à mostra.

— Muito poucas pessoas sabem da minha mania de tomar banho num barril. No trabalho contei-lhes, mas não acreditaram — diz Lewis.

A mulher não compartilha o seu amor pelo barril, mas os dois filhos agora com 7 e 4 anos serão um dia iniciados nele.

— Talvez quando forem um pouco mais velhos.

Lewis, que sempre teve umas manias esquisitas, comprometeu-se para com a sua mulher a não interferir com a casa que é domínio dela, e o jardim, o dele. O seu território inclui a garagem (tem dois carros que nunca lá entram), o armazém das ferramentas e um

relvado que parece um campo de obstáculos. Um aparelho parecendo um complicado baloiço ergue-se no centro.

— É o meu arremessador de pedras — diz Lewis, apontando para a gigantesca catapulta que construiu com ferro velho, madeira e a parte de dentro de um pneu de automóvel. Uma pequena tampa de caixote do lixo completa o conjunto. Há três anos, Lewis fundou a Associação dos Arremessadores de Pedras de Hailsham, uma sociedade que não tem regras nem direcção. O número de membros é limitado, mas apenas outras pessoas se associaram, a maior parte delas, colegas de Lewis.

— Reconheço que fiz reviver o velho desporto de arremesso de pedras, e, tanto quanto sei, ninguém o tentara desde os tempos do Império Romano.

A associação reúne-se casualmente, de preferência aos domingos de manhã. Um dos amigos de Lewis, um camponês, empresta um campo, e o jogo é disputado um pouco como o golfe, sendo o objectivo a colocação da pedra à volta do círculo.

— Os membros usam couraças de aço e elmos romanos que Lewis construiu com cartolina e pintou de prateado — e o desporto começa.

— Tive de fazer pedras de papel, embrulhadas em fios de arame, uma vez que os arremessadores não tem força suficiente para outra coisa. Se conseguir um mais forte, virei talvez a usar verdadeiras pedras.

Lewis tem muitas outras manias, incluindo soprar vidro, chapeamento de níquel, escrever poesia, fazer filmes, jardinar, fazer vinho e cidra, em casa, e ser membro da Sociedade de Fogueiros.

Mas uma das suas grandes paixões é o mar, e vai andar de barco sempre que pode para o rio Hedway ou para o estuário do Tamisa. O seu barco feito em casa — uma espécie de cruzador com uma cabina minúscula, construído em três secções destacáveis, ligado por grampos de madeira — chama-se «O Guard-Roupa».

Lewis instalou no chão uma escotilha para observação submarina, e recentemente, construiu um sino de mergulhador a partir de dois velhos tambores soldados em vários metros de superestrutura de ferro.

Uma das suas maiores ambições ainda por realizar é, contudo, aquilo a que ele chama «Operação Cargo». Planeia construir uma grande jangada, na qual leve um carro velho através do canal em direcção a França.

— Posso comprar tambores de petróleo por cerca de 4 xelins cada, e penso que uma dúzia bastarão — diz.

Claro que ele sabe que muitas das suas invenções poderiam ser registadas, contudo não tem verdadeiramente desejo de pôr nada no mercado.

— O quê, eu ir fazer negócio? Bem, não me deixaria tempo nenhum livre para as minhas invenções. É claro, toda a gente diz que sou mauco, mas eu sei que sou e por isso não me importo.

## «Mrs.» Betty Vickery

Soa um apito e fumo branco envolve o enorme compressor preto e castanho. A sua dona e condutora, Betty Vickery, põe o mecanismo a funcionar e deita um olhar duvidoso à chaminé:

— Não é bom que o fumo seja branco, sabe. Talvez esteja qualquer coisa estragada na caldeira. O meu pai costumava dizer que o fumo deve ser amarelo no interior, e preto no exterior.

«Mrs.» Vickery, uma dona de casa de 34 anos e mãe de 4 filhos, segue as pisadas do seu pai no que diz respeito a motores de tracção. Porque o pai, Franck Pratey, lidou com eles durante toda a sua vida de trabalho. A sua firma, a Oxford Steam Ploegh,



alugava aparelhos aos agricultores, e enquanto criança Betty Vickery passou muitas horas com ele nos campos.

O seu compressor, um impressionante modelo de 6 toneladas, construído em 1907 por Avelicó e Porter, foi um presente de aniversário do marido há cerca de dois anos. Talvez um presente insólito, mas não para «mrs.» Vickery que tem vivido com mecanismos a vapor durante toda a vida.

—Uma vez que isso se instale no nosso sangue, é terrível para o desalojar de lá. O meu pai ensinou-me a conduzir quando eu era jovem e desde então sempre quis ter um rolo compressor só para mim.

Enquanto as mulheres que conduzem continuam a ser objecto de ridicularização por parte de várias pessoas, uma mulher que conduz um engenho de tracção tem que receber remoesques adicionais. «Mrs.» Vickery que participa em todas as corridas de motores a vapor que se realizem perto da sua casa em Redbourn, no Hertfordshire, acha que embora muitas mulheres ajudem nisso os maridos, geralmente a parte de condução e arranjo do motor é atribuída aos homens. O marido, Alan, agora tem um motor dele, mas muito do entusiasmo adveio-lhe da mulher.

—Se existem outras mulheres condutoras, nunca as encontro! — diz «mrs.» Vickery — Algumas mulheres acham que sou louca. Digo a todas que ponho óleo de cilindro por detrás das orelhas em vez de Chanel n.º 5.

Alan Vickery, que dirige uma garagem em Redbourn, em breve compreendeu que um rolo compressor a vapor era o presente ideal, uma vez que as corridas desempenham um papel importante na vida da família.

O filho mais velho, Jonathan, de 11 anos, é já um condutor experiente, contudo, pelo facto de ser muito jovem, apenas pode guiar em campos e terrenos privados. O avô, Frank Prately, que morreu com 73 anos, tinha-lhe mostrado os rudimentos.

—Estou satisfeita que ele tenha chegado a ver o Jonathan a conduzir — declarou «mrs.» Vickery.

Com um tal trabalho de equipa na família, os outros filhos, Simon de 10 anos, Charlotte, de 5, e Rachel, de 3, podem muito bem seguir as suas pisadas.

Embora tenha por detrás vários anos de experiência de motores de tracção, «mrs.» Vickery tem que admitir que falhou em dois testes de condução. Numa corrida ganhou contra dois homens muito competentes, mas o conduzir na estrada principal, sob o olho de água do examinador dos transportes, é algo de diferente.

«Mrs.» Vickery fez o seu primeiro exame no Verão, no auge da estação das corridas.

—Mas sabia que ia falhar. Fui e esbarrei na vedação.

O segundo exame foi cinco meses mais tarde, apenas para se ver ela falhar na inversão de marcha.

—É tão difícil inverter num espaço confinado, e estou certa que foi nisso que falhei.

O ter ficado mal em dois exames não é o fim de tudo para ela, mas antes de ir a terceiro, irá dar lições de condução automobilística.

Embora tenha mais experiência com motores de tracção, «mrs.» Vickery reconhece que o automóvel será mais fácil. De qualquer modo o exame apenas demora 25 minutos, enquanto o exame de motores demora 50.

Fazer funcionar um rolo compressor está longe de ser barato e agora já não estão em uso diário, e todos os sobressalentes têm de ser feitos por encomenda. Tem de se fazer um exame à caldeira duas vezes por ano, e é essencial que toda a tubulagem esteja em boas condições. Recentemente «mrs.» Vickery comprou um novo conjunto. Custou 26 libras, libras.

O carvão envolve outra pesada despesa, e como «mrs.» Vickery insiste em usar só a melhor qualidade caseira, que custa 1 libra,

5 xelins e 6 dinheiros por cada 100 quilos, um passeio de 20 milhas pode ser muito dispendioso. Para uma viagem deste tamanho, são necessários 600 quilos para ida e volta.

O tomar parte em corridas pode significar perda de tempo, assim como dispêndio de dinheiro. O aquecimento da caldeira é um processo demorado, e no total são precisas três horas de trabalho antes de o motor poder começar a trabalhar.

—Quando os motores de tracção vão trabalhar, deixam-se as fornalhas acesas durante a noite para que no dia seguinte liguem rapidamente — disse «mrs.» Vickery.

Como a sua família não pode fazer isso assim, ir às corridas obriga-os frequentemente a levantarem-se às 5 da manhã, de modo a terem tudo pronto a tempo.

—Temos também de ter muito cuidado com a velocidade — diz. — Apenas nos deixam andar a 2 milhas por hora em áreas de construção, por isso se a corrida se realiza a 20 milhas de distância, temos de levar para lá o aparelho no fim-de-semana anterior. Se partimos às 9 da manhã, só lá chegaremos às 6 da tarde.

Com tanto tempo necessário, a família Vickery tem que combinar as corridas com as suas férias anuais, e a sua «roulotte» é necessária.

—É o único género de férias que podemos fazer. Conduzir rolos compressores a vapor é dispendioso. Com os custos da manutenção e seguros, e se comprássemos uma casa, teríamos que os abandonar.

A estação das corridas vai desde o fim-de-semana da Páscoa até ao fim de Setembro, e «mrs.» Vickery reconhece que numa estação não passou um fim-de-semana em casa.

—É claro que nunca pensaria em deixar as crianças em casa. Os rapazes vão no aparelho do meu marido, e as raparigas vêm comigo.

«Mrs.» Vickery tem tomado parte em corridas desde 1965 — ela e o marido até agora entraram em 14 — e os filhos acompanharam-nos sempre.

(Copyright (C) 1969 Camera Press e Agência Dias da Silva)

# SEJA PREVIDENTE!



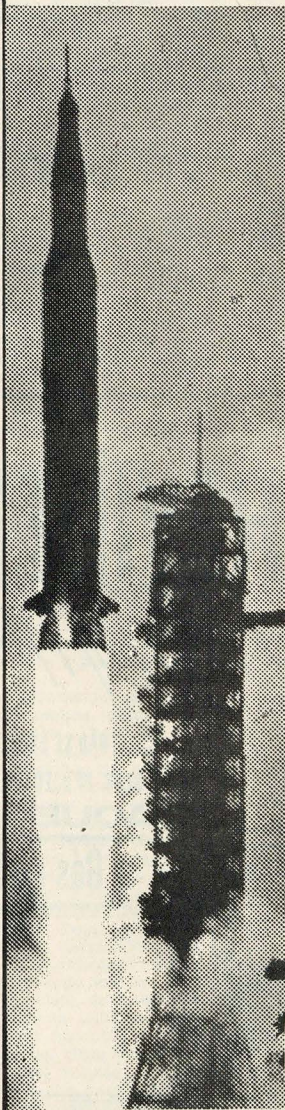
NÃO SE ESQUEÇA DE INCLUIR NOS  
SEUS PROJECTOS DE CONSTRUÇÃO O  
**AQUECIMENTO**  
a Gás da Companhia



flames

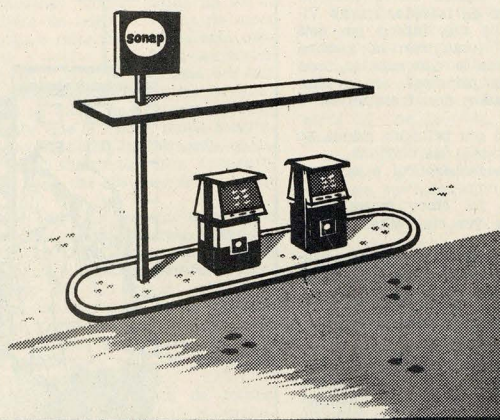
Consulte desde já os  
**SERVÍCIOS DE GAS INDUSTRIAL DAS C.R.G.E.**  
que procederão ao estudo do seu caso, sem  
qualquer compromisso da sua parte.





serviço  
**sonap**

um serviço  
do nosso tempo



maravilhas para si



# OS CONSELHEIROS DE KENNEDY TENTARAM "SABOTAR" O MÓDULO LUNAR!

por Bryan Silcock

Ao princípio parecia tão óbvio... Se se quer enviar homens para a Lua, lança-se um foguetão no espaço, com uma nave, faz-se o mesmo aterrar suavemente, e depois, de novo, proporciona-se o seu regresso à mesma nave espacial.

Mas aquilo que é óbvio, nem sempre é o melhor. Em 1960, um indivíduo desconhecido, John C. Houbout, começou a promover um esquema semelhante de lançamento. Envolvia o abandono da nave espacial em órbita à volta da Lua, enquanto os astronautas desciam as últimas 60 milhas para a superfície, num pequeno engenho abreviadamente chamado módulo lunar. A ideia foi bastante risível. Os problemas da volta do módulo à nave espacial em órbita, para a viagem de regresso, eram qualquer coisa de aterrador. Mas aconteceu ser esse o golpe de génio que tornou possível a actual aterragem na Lua.

Actualmente, a aproximação da Lua, o último alvo antes da tentativa de alunagem, deu ao módulo o seu primeiro teste no ambiente lunar. As tempestuosas origens da ideia, que envolveram em disputa o presidente Kennedy, são pela primeira vez aqui completamente relatadas.

Pelos finais do Verão de 1962, o presidente Kennedy resolveu fazer uma viagem às instalações iniciais da N.A.S.A. A sua decisão de fazer da alunagem de um homem um objectivo de carácter nacional dentro dos dez próximos anos, já tinha mais de um ano. Ostensivamente, o objectivo da viagem era permitir ao presidente ver ele próprio os progressos, mas ele tinha outro motivo oculto. Desejava informar-se sobre o fundamento de um boato que lhe fora trazido pelo seu conselheiro científico, o dr. Jerome B. Wiesner, em conflito aberto com o comando central da N.A.S.A., acerca da mais importante decisão técnica da sua história.

No dia 11 de Setembro, o presidente e a sua comitiva chegaram ao Centro Marshall de Voos Espaciais, em Huntsville, no Alabama, onde Werner von Braun e a sua equipa de alemães, ainda bastante intacta após 15 anos na América, estavam a dirigir o desenvolvimento do foguetão gigantesco para a alunagem. Von Braun mostrou aos visitantes um modelo do foguetão, e explicou quais as estruturas.

Disse que havia de pôr em rota para a Lua uma nave espacial com três partes, que entraria em órbita à volta da Lua. Depois, uma parte da nave, o módulo lunar, separar-se-ia e, impellido pelo seu próprio pequeno motor de foguetão, levaria dois dos três astronautas para a superfície. Entretanto, o terceiro astronauta permaneceria em órbita na nave principal. Para a viagem de regresso, os dois exploradores no módulo levantariam e encontrariam-se-iam no espaço com o seu colega na nave-mãe, antes de iniciarem o regresso à Terra.

Von Braun falou com o entusiasmo de um recente convertido; apenas há poucos meses antes, tinha-se inclinado para um método de alunagem

completamente diferente. «O encontro lunar orbital», como se denominou o novo método — declarou, ele — poupava dinheiro, tempo e energia. Contudo, um membro da assistência não ficou impressionado. Embora o ministro da Defesa Inglês, «mr.» Peter Thorneycroft, o seu conselheiro científico, «sir» Solly Zuckerman, e muitos repórteres estivessem presentes, Wiesner começou a discutir com Von Braun. O encontro lunar orbital era, insistia ele, mais susceptível de falhar e mais perigoso. Para embaraço de alguns dos assistentes, a discussão tornou-se acalorada. Finalmente, foi o presidente quem, com uma graça, lhe pôs termo.

O incidente em si próprio foi trivial, mas o calor da discussão fez compreender a alguns dos leigos que havia mais do que aquilo que estava à vista. De facto, era a primeira manifestação pública da tensão entre a Casa Branca e a N.A.S.A., que se avolumara durante meses. Wiesner e os seus colegas do Comité Consultivo Científico não aprovavam a decisão da N.A.S.A. de utilizar o sistema de encontro lunar-orbital, e lutavam arduamente para o modificar.

Dezasseis meses antes, na altura do discurso de Kennedy sobre o objectivo nacional, nem um só dos principais homens da N.A.S.A., que estavam agora ligados ao encontro lunar-orbital, tinham tido a menor ideia de que era este o modo de alcançar a Lua. No final de Maio de 1961, tinham-se visto envolvidos na alunagem, sem qualquer plano, foguetão de lançamento, ou nave espacial. Nessa altura, os Estados Unidos tinham apenas uma experiência de 15 minutos de voo espacial tripulado, obtida poucas semanas antes, quando Alan Shepard foi lançado a

poucas milhas de altitude na cápsula espacial Mercury.

É certo que tinham pensado numa sucessora para Mercury. Uma nave espacial mais desenvolvida, que em breve seria denominada Apolo. Mas embora um voo à volta da Lua fosse considerado uma séria possibilidade para a Apolo, na verdade as ideias sobre como utilizá-la para uma alunagem eram muito vagas. O seu motor, por exemplo, era para mudanças menores orbitais, e seria inadequado para uma alunagem usando o método de disparo directo.

Contudo, os estudos da Apolo, que estavam a ser feitos pelo Grupo de Tarefa Espacial, no Centro Langley de pesquisa, perto de Washington, estavam bem avançados, e utilizá-los, de um modo ou de outro, na alunagem, pouparia uma quantidade de tempo. Sem qualquer hesitação real, a N.A.S.A. decidiu utilizá-los.

O próximo problema a ser enfrentado era o foguetão de lançamento. Usando o método directo sabia-se já que, para colocar uma nave espacial do tamanho da Apolo na Lua, com suficiente poder impulsório residual para uma alunagem suave, e elevar-se de novo, requeria um foguetão pesando perto de 5 mil toneladas, e quase cem vezes mais poderoso do que o foguetão maior que existisse na América, o Atlas. Trabalhavam já no desenho de um foguetão desse género. O seu nome era «Nova».

Na altura da decisão de Kennedy sobre o objectivo nacional foi que a N.A.S.A. pensou que isso os levaria à Lua. Mas conseguir-se-ia construir o Nova a tempo?

Em 20 de Julho foi constituído pela N.A.S.A. e o Departamento da Defesa um novo «comité» para supervisionar o conjunto do programa nacional de foguetões. Tinha dois vogais, um de cada organização. O da N.A.S.A., especialmente designado para o lugar, foi o dr. Nicholas E. Golovin, que iria desempenhar um papel-chave nos acontecimentos do ano seguinte.

Golovin não era um novato na N.A.S.A. Tinha, primeiro, entrado para ela em 1959, trazendo com ele, da Força Aérea, estatísticas altamente teóricas e estatísticas utilizadas para melhorar a viabilidade do programa dos mísseis. Em breve entrou em conflito com os mais simplistas ex-engenheiros aeronáuticos do Grupo de Tarefa Espacial Langley, que trabalhavam no programa Mercury. Referiram-se ao seu ideal de viabilidade em termos contemplativos de «jogo de números». Em 1960 pediu a demissão para se juntar ao grupo do Comité de Consulta Científica do presidente, com um ressentimento sobre a N.A.S.A., respeitante às ideias de viabilidade, que mais tarde iriam ressurgir. Voltou à N.A.S.A. para chefiar o seu sector do estudo do veículo de lançamento. Em breve começou a ser conhecido pelo Comité Golovin.

A principal fonte consultiva do «comité» sobre o projecto Nova era a equipa de Von Braun, em



**No olhar meio perplexo, meio angustiado, do astronauta Edwin Aldrin, está todo o maravilhamento, toda a inquietação do nascimento do homem para a sua segunda dimensão: a do espaço exterior ao planeta natal**



Huntsville, os hábeis peritos em grandes foguetões. A equipa de Von Braun não gostou do Nova. Acharam que era um salto demasiado grande dos foguetões já existentes, e duvidavam que pudesse ser construído a tempo. Foi o que comunicou em devido tempo o Comité Golovin. A opinião estava longe de ser unânime. Outro mero «comité» da N.A.S.A. decidiu, no fim do ano, que o Nova podia ser construído, mas o conselho dos homens de Von Braun foi o princípio do fim do Nova. Porque eram eles tão cautelosos?

Além das dúvidas genuinamente técnicas, estavam em acção profundas forças. Durante mais de 30 anos os alemães tinham sonhado com os voos espaciais. Através dos programas de mísseis militares, haviam-se tornado os principais engenheiros de foguetões do mundo ocidental. Mas queriam também estar envolvidos na parte que dizia respeito às naves espaciais. Tinham um plano próprio para alunar que requeria foguetões muito mais pequenos do que o Nova, e lhes dariam um avanço noutros campos em discussão. Utilizavam uma técnica conhecida como «encontro terrestre orbital».

O plano de Von Braun era dividir o peso de 75 toneladas da Apollo em dois volumes, que seriam lançados separadamente numa órbita terrestre por dois super-Saturnos, cada um com metade do tamanho do Nova. As duas secções seriam depois juntas antes da partida para a Lua.

Claro que o «encontro orbital terrestre» apresentava sérios inconvenientes. Seria possível instalar simultaneamente dois enormes foguetões e lançá-los em rápida sucessão? E, mais importante do que tudo, ninguém então sabia sequer se era possível o encontro em órbita.

Outras pessoas tinham ideias diferentes. O Grupo de Tarefa Espacial, no meio de 1961, favorecia a ascensão directa. Mas, à medida que estudaram esta modalidade mais pormenorizadamente, começaram a aparecer dificuldades sérias, mesmo inultrapassáveis.

A própria aterragem era uma parte do voo em que os astronautas teriam obviamente de ser verdadeiros pilotos, contudo iriam aterrizar, numa superfície desconhecida, sobre uma estrutura de mais de 40 pés de altura. E como poderiam ser capazes de olhar para baixo na cápsula, cujas paredes se apertavam contra as suas cabeças?

No final do Verão, o Grupo de Tarefa Espacial estava verdadeiramente preocupado com estes problemas, e começava a procurar uma alternativa. Encontraram-na nas ideias de um homem que rondara nos bastidores durante algum tempo, falando com volubilidade, mas pouco ouvido. O seu nome era John C. Houboult.

Houboult, que é agora um homem de cabelo branco, mas jovem, parecendo ter 49 anos, com uma voz que ainda tende a elevar-se com entusiasmos quando fala sobre as suas ideias de há oito ou nove anos, deixou já a N.A.S.A. Em 1960 era um engenheiro de médio grau, chefe da secção de mecânica teórica, em Langley. Também dirigiu um grupo de estudo informal sobre encontros, no mesmo centro.

Numa das suas reuniões, no final de 1960, discutiram todas as maneiras possíveis de poder utilizar um encontro para a alunagem; no caminho para lá, na volta, na própria órbita à volta da Lua.

— Senti, instintivamente, de repente, que era esta a resposta — recorda Houboult.

Após a reunião, fez alguns rápidos cálculos nas costas de um envelope. Para Houboult foi como a conversão de São Paulo na estrada para Damasco. Tinha visto a luz e tinha de espalhar a verdade. Durante mais de um ano, trabalhou com zelo obsessivo, como propagandista da ideia.

A mais dramática vantagem do encontro lunar-orbital é uma enorme economia em peso e espessura no foguetão, o que resulta, estranhamente, na possibilidade de levar uma nave espacial completamente extra, para actuar como transportadora.

Porque todo o combustível necessário para a viagem de regresso, o escudo térmico para a reentrada na atmosfera terrestre, e muitos outros pesados dispositivos que não têm nada a ver com a aterragem em si mesma, não necessitam de ser le-

vados para a superfície da Lua, e de novo elevados, a economia em combustível do foguetão excede bastante o peso do próprio transportador. O lançador poderia ser um simples Saturno-V — com pouco mais de metade do tamanho do Nova. Além disso, o pequeno veículo lunar podia ser desenhado especificamente para a tarefa, com boa visibilidade. Era nestes argumentos que Houboult baseava a sua campanha.

A sua primeira apresentação teve lugar numa tempestuosa tarde, em Dezembro de 1960, perante membros do Grupo de Tarefa Espacial. Não correu bem. Os seus cálculos não foram acreditados; após a reunião, o grupo mandou alguém para os examinar, mas, segundo Houboult, esse alguém não foi capaz de os seguir adequadamente.

Seguiram-se mais apresentações. Numa dessas reuniões iniciais, Maxime Faget, o desenhador da nave espacial Mercury, é acusado de ter gritado: «Os seus cálculos mentem!»



**Neil Armstrong, o primeiro homem que pisou o solo da Lua, na véspera da partida para a mais extraordinária viagem que foi até hoje realizada pelos humanos**



**Primeiro passo de um terrestre no solo lunar; com um pé ainda dentro de um dos «pratos» que servem de suporte ao módulo, Neil Armstrong experimenta a consistência do solo do nosso satélite**

As palavras parecem mais apropriadas para um melodrama vitoriano do que para uma reunião de engenheiros espaciais americanos, mas o próprio Houboult é um adpeto do sentimento.

Houboult passou a maior parte do Verão em Washington, falando com inumeráveis «comités» que na altura proliferavam. Pelo fim da estação tinha feito nove demonstrações sem aparentemente ter produzido qualquer espécie de efeito. A ideia de um encontro em órbita à volta da Lua era um pesadelo para a maioria das pessoas. Pelo menos, se qualquer coisa corresse mal com um encontro em órbita terrestre, qualquer astronauta poderia ser reconduzido de volta à Terra. A um quarto de milhão de milhas de distância, não haveria qualquer esperança.

Quase desesperado, juntou-se com outros membros do grupo para preparar um relatório pormenorizado sobre o encontro lunar-orbital. Em 16 de Novembro, enviou-o ao dr. Robert Seamans, o mais importante técnico da N.A.S.A., com uma carta de apresentação começando com «Algo como uma voz na desolação...». Mas desconhecidas para Houboult, as coisas estavam já a encaminhar-se na sua direcção.

No fim do ano, o Grupo de Tarefa Espacial estava definitivamente reclinado para o sistema de Houboult, e, entretanto, a situação nos altos comandos tinha-se modificado. Para aumentar o poder central na N.A.S.A. foi levada a cabo uma importante reorganização. Um homem chamado Brainerd Holmes foi designado para chefiar um recém-formado Gabinete de Naves Espaciais Tripuladas. Holmes veio para a N.A.S.A. directamente da indústria, onde, com a R.C.A., tinha conseguido o facto, quase sem precedentes, de completar um contrato militar da maior importância (o Sistema de Míssil Balístico de Pré-Aviso), em devido tempo. O seu Gabinete iniciou os trabalhos em 1 de Novembro de 1961. Holmes não tinha quaisquer ideias preconcebidas acerca da melhor maneira de alcançar a Lua, mas ele era nitidamente o género de homem que tomava as suas próprias resoluções. Os altos comandos de Washington tornaram-se um importante factor na situação.

Pouco após a chegada de Holmes, a North American foi encarregada do contrato para o comando da Apollo e motor dos módulos. Em Dezembro, o super-Saturno de Von Braun foi para a frente, embora numa versão bastante mais poderosa, com cinco motores em vez de quatro. É este o Saturno-V, o foguetão lunar que lançou a Apollo-11. Nova estava ainda de reserva, como uma possível alternativa, mas morrendo rapidamente.

A subida directa, utilizando a Apollo, eliminou Nova, mas isto ainda deixou Holmes com a difícil tarefa de decidir entre o encontro em órbita terrestre, de Von Braun, e o encontro lunar, de Houboult.

Holmes decidiu que tinha de ter um grupo de análise de sistemas no comando geral, para o ajudar a fazer essa escolha. Esta espécie de trabalho era do género de Golovin, mas ele e Holmes não se entendiam, e pouco após a chegada de Holmes, Golovin partiu, para se juntar ao Comité Consultivo Científico do Presidente. Em vez dele, Holmes trouxe o dr. Joseph Shea, do prestigioso Laboratório Tecnológico Espacial.

Uma das principais coisas que Shea fez, quando entrou para a N.A.S.A., foi visitar Houboult, em Langley, no princípio de 1962, para se informar acerca do seu sistema. Rapidamente, concedeu a uma firma de fora um contrato para o estudar em pormenor, e começou a sua própria análise.

Os problemas a que estes estudos teriam de dar solução eram: qual o modo mais seguro? Qual aquele que proporcionava a melhor oportunidade de uma missão bem sucedida? E bastante menos importante: qual entregaria as «mercadorias» mais rapidamente e poderia ser mais económico?

Encarando as hipóteses de falhanço do foguetão e nave espacial, ainda não desenhadas, apenas para construir e relativas a manobras nunca tentadas, parecia quase uma obra de magia. De facto, trata-se de uma ciência que necessita de ser razoavelmente precisa...



O encontro na órbita lunar, por exemplo, foi encarado como extremamente perigoso. Mas mesmo os perigos desta manobra começaram a desvanecer-se sob uma análise. O encontro depende, em primeiro lugar, da efectivação de uma aproximação com êxito. A precisão de condução requerida para penetrar na órbita lunar certa, surgiu como menor do que a necessária para o regresso à Terra, e as oportunidades de falhanço, durante a aproximação final, poderiam tornar-se de facto bastante menores, através da duplicação de radares e outros equipamentos vitais, e de dispositivos para a nave espacial principal poder encontrar-se com o módulo lunar, assim como vice-versa.

A medida que começaram a surgir resultados como estes nos primeiros meses de 1962, a opinião no comando central começou a inclinar-se para o encontro lunar-orbital. O Grupo de Tarefa Espacial já o favorecia, mas o grupo de Von Braun, em Huntsville, era ainda firmemente a favor do encontro terrestre-orbital.

Então, de um modo totalmente inesperado, Von Braun mudou de ideias. Em 7 de Junho, os principais homens do comando central visitaram Huntsville para discutirem os seus pontos de vista. Várias pessoas falaram, antes de Von Braun, e os seus argumentos não lhe deram qualquer abalo de opinião. O próprio Von Braun anulou os precedentes e surgiu fortemente a favor do encontro lunar-orbital.

O que foi que influenciou Von Braun? Havia grande pressão do Grupo de Tarefa Espacial, e o estudo em pormenor do novo sistema era certamente a melhor maneira de chegar a apreciar as suas vantagens. Mas Von Braun deve ter-se mostrado bastante relutante em abandonar o seu objectivo potencial do assunto da nave espacial. Talvez não seja coincidência o facto de, em devido tempo, Huntsville ter surgido como algo bastante melhor: a responsabilidade pela oficina orbital, na qual os tanques de combustível, vazios, de um foguetão seriam utilizados como estação espacial tripulada.

Com a conversão de Von Braun, a longa disputa dentro da N.A.S.A. estava finalizada, mas outra muito mais amarga iria agora começar.

Quando Golovin deixou a N.A.S.A., no final de 1961, levou com ele a forte convicção de que a agência espacial não sabia nada dos seus assuntos, quando chegavam ao ponto da viabilidade. De volta à Casa Branca, trabalhou duramente para incrementar as actividades espaciais do Comité Consultivo Científico do Presidente.

Quando soube que a N.A.S.A. estava quase segura de escolher o método do encontro lunar — que ele estava convencido de ser o mais perigoso e menos susceptível de sucesso — envolveu Wiesner.

Wiesner interessou-se bastante. Não encarava o Comité de Consulta Científica como um corpo que desse conselhos cavalheirescamente generalizados, mas como algo que devia estar profundamente envolvido nas decisões nacionais importantes. O método para alcançar a Lua, era, ainda, a mais importante decisão técnica da N.A.S.A. Ele usou forte pressão da N.A.S.A. para obter pormenores completos sobre a sua decisão.

Seguem-se, agora, os incidentes mais extraordinários de todo o assunto, parte dos quais são ainda obscuros. Em 20 de Junho, a N.A.S.A. enviou para a Casa Branca os resultados de três análises em diferentes modos, um levado a cabo pelo grupo de Shea, no Comando Central; um em Huntsville, e um pelo Grupo de Tarefa Espacial.

Golovin examinou-os cálculo por cálculo, equação por equação, e viu confirmadas as suas piores suspeitas. De acordo com um grupo de cálculos, provavelmente o de Huntsville, o encontro lunar-orbital era considerado consideravelmente mais perigoso do que os outros modos. Golovin disse-o a Wiesner, que se dirigiu a Webb, o chefe da N. A. S. A. Na tarde de 3 de Julho, Webb chamou Shea e pediu-lhe que os examinasse e tentasse acalmar Wiesner.

Shea examinou os cálculos e encontrou, segundo diz, um simples erro aritmético que, uma vez corrigido, deixava o encontro lunar-orbital não menos perigoso do que outros métodos. Wiesner conta

uma história diferente: declara que a N. A. S. A. não corrigiu uma falha aritmética, mas sim modificou um dado básico nos cálculos.

Um dos aspectos mais bizarros do assunto, é como a N. A. S. A. chegou a mandar números que continham uma tão grande discrepância, para a Casa Branca, a qual sabia ser-lhe hostil. A explicação parece ser que as coisas estavam então a correr tão rapidamente que era, urgentemente, necessária uma decisão, e os cálculos, simplesmente, não coincidiam.

Seja qual for a explicação para este incidente, ele veio confirmar a oposição de Wiesner e do seu Comité, ao encontro lunar-orbital. O Comité começou a lutar o mais duramente possível contra a decisão, mas a N. A. S. A. manteve-se como uma frente unida. No dia 11 de Julho, anunciaram publicamente a decisão. O seu sistema, anunciou a N. A. S. A., fornecia uma probabilidade maior de sucesso que outros métodos, com segurança «essencialmente igual». Custaria entre 10 e 15 por cento menos, e a primeira tentativa poderia ser levada a cabo alguns meses mais cedo.

Entretanto, a ascensão directa tinha ressurgido como competidora, numa nova forma. A North American, os contratados para a construção da nave espacial Apollo, não gostavam da ideia de a alunagem ser levada a cabo por um módulo lunar, construído por um fabricante inteiramente diferente. Viram uma oportunidade no dissídio entre a N. A. S. A. e a Casa Branca, e em Junho começaram a apresentar um esquema para uma Apollo de dois andares, com uma tripulação de dois homens, que poderia efectuar uma ascensão directa com o Saturno-V, Wiesner e membros do seu Comité, um dos quais era consultor da North American, foram à Califórnia para uma reunião, e começaram a afastar também o esquema.

Em face desta estranha aliança entre o seu principal contratado e a Casa Branca, a N. A. S. A. foi para a frente com os seus planos. Mais demoras podiam fazer estagnar o programa no seu total. A N. A. S. A. chamou operários para o módulo lunar, mas, como medida paliativa, fez um contrato com uma outra firma, para ainda outro estudo de diferentes métodos.

Durante o Verão, a disputa arrastou-se, a N. A. S. A. mantendo-se inquebrantável, e Webb, embora altamente sensível à pressão política, apoiando fortemente os seus próprios engenheiros. Isto aflorou ao de leve durante a visita feita pelo presidente a Huntsville, em Setembro.

O final veio em Outubro. Webb, armado com os resultados das últimas análises, dirigiu-se a Wiesner, na Casa Branca, e disse-lhe que a N. A. S. A. ia para a frente e faria um contrato para a construção do módulo lunar. Wiesner poderia ter-se oposto, se quisesse. A data foi 24 de Outubro. A crise dos mísseis cubanos estava no seu auge. O presidente não podia, de modo algum, preocupar-se com a Lua. Em Novembro, a Gruman foi contemplada com um contrato de 3 milhões de dólares para a construção do módulo.

Apesar de todos os cálculos, o encontro lunar permanece uma manobra altamente complexa e perigosa. O dr. Golovin, o implacável opositor, morreu com um ataque de coração há algumas semanas atrás. Nunca saberá se os seus receios eram justificados.

(Copyright (c) 1969, «Sunday Times» e «S. I.»)

### Funcionários da N. A. S. A. seguem atentamente todas as fases, todos os minutos e segundos do voo da primeira nave espacial que colocou homens na Lua





# "NADA RECEEI POR ELE"

entrevista de Lívio Caputo

— Creio — disse-me Viola Armstrong — que na escolha do meu filho para esta missão não tenha sido estranha a mão de Deus. Por isso nada receei por ele. A minha primeira ideia, quando soube que Neil desceria por três horas na superfície da Lua, foi passar esse tempo na igreja, a rezar. Mas depois disseram-me que poderia ver continuamente os dois rapazes na televisão e julgo que a tentação foi demasiado forte. Deus há-de perdoar-me, não é verdade?

## A família

O pai e a mãe de Armstrong, os progenitores do «homem do século», são dois americanos à antiga, que acreditam ainda na Pátria com P maiúsculo, tomam parte todos os domingos nos serviços religiosos e deploram todas as formas de «contestação». Vivem ainda em Wapakoneta, a mesma pequena cidade de 10 mil habitantes onde Neil nasceu há 39 anos, na casa do avô materno, mas a «sociedade afluente» não os esqueceu. Habitam agora uma bela casa com jardim, com todas as comodidades, num novo bairro residencial, ao fundo de uma rua que se chama, já há três anos, Neil Armstrong, em honra do seu célebre filho. O pai, Stephen, um homem robusto, que aparenta menos idade do que tem, é o inspector dos manicômios do Estado e durante a semana trabalha e vive em Columbus, a 130 quilómetros de distância. A mãe, Viola, é uma mulher débil, com cerca de sessenta anos, de olhos cinzentos e um pouco tristes, por detrás dos grandes óculos de vista cansada. Além de Neil tem um outro filho e uma filha, mas todos partiram daquela minúscula cidade perdida no meio do campo de Midwest para tentar fortuna. Pessoalmente activos, os Armstrong vivem já, por assim dizer, no culto do «primeiro homem da Lua», um culto partilhado por toda a cidadezinha, que não tinha nunca, antes disto, servido de berço a um indivíduo famoso. Nos letreiros das estradas, Wapakoneta está indicada como «a pátria do primeiro astronauta civil» (mas os letreiros com as palavras «pátria conquistador da Lua» estão já prontos e vão ser colocados muito brevemente. O minúsculo aeroporto local tem o nome de Neil Armstrong; o farmacêutico Dick Brading mostra, com orgulho, a todos os turistas de passagem, um autógrafo que o astronauta inscreveu numa parede, há 23 anos, quando trabalhava como caixeiro na sua farmácia.

## Recordações

Viola Armstrong fala de Neil num curioso misto de ternura, devoção e respeito.

— Não saberei dizer, propriamente de quem Neil tenha herdado a sua paixão pela aviação. Nós somos pessoas simples, do campo, e quando o nosso filho era pequeno atravessava-se ainda aqui uma época de crise. Os aeroplanos eram considerados uma coisa fabulosa, pertencendo a um outro mundo. Recordo, como se fosse hoje, um dia, quando Neil contava seis anos, em que fomos fazer compras. Enquanto eu andava na praça de maior comércio, ele parou diante de uma mostra cheia de brinquedos, numa contemplação muda de alguns modelos de aparelhos. Habitualmente era uma criança modesta, pouco exi-



Os pais do astronauta Neil Armstrong aguardam o regresso do filho, depois da gloriosa conquista da Lua

gente. Mas naquele dia teimou que queria, a todo o custo, aquele brinquedo, e só com dificuldade consegui convencê-lo a contentar-se com um modelo que custava metade do preço.

De resto, durante toda a minha vida, tenho tido bem poucas razões para ralar com Neil. Quando contava cerca de seis anos, se fazia qualquer coisa que não estava bem, sentava-o nos meus joelhos, olhava-o fixamente nos olhos e ele cedia logo. Possuía um feitio muito meigo e dócil, muito mais que os irmãos, e não me lembro que me tenha dado alguma vez uma resposta menos respeitosa. Na escola foi sempre extremamente estudioso. As suas matérias preferidas eram a matemática e a física, mas mesmo nas outras nunca recebeu notas más. Fazia as tarefas tão depressa, que os professores não conseguiam destiná-lhe trabalho suficiente para tê-lo ocupado. Em compartida, nunca foi um atleta nem se distinguiu em qualquer desporto: futebol, basebol, todas as coisas pelas quais geralmente os rapazes são doidos, não lhe diziam nada. Julgo que a exigência de manter-se em perfeita forma física, que faz parte do trabalho dos astronautas, representa para ele o sacrifício mais pesado.

## A guerra

— Esta é uma coisa que estabelece nítida diferença entre Neil e os seus colegas — interrompo. — A outra é que ele não é militar, mas um civil. Com a paixão que tinha de voor, o seu filho nunca pensou ingressar nas Forças Armadas?

— Não. Sempre se mostrou mais interessado pelos aspectos científicos e pioneiros da aviação do que pela sua aplicação prática. Serviu com entusiasmo na Marinha, na Coreia, porque foi sempre muito patriota e pensava que se travava ali uma batalha verdadeiramente decisiva para a sorte do mundo livre. Mas logo que terminou o tempo do serviço militar, regressou primeiro à Universidade e depois ao seu labor preferido de piloto verificador. A Neil nunca agradou matar outros seres humanos.

— Com a guerra da Coreia e as experiências com o X-15 e Gémeos 8, o seu filho é, talvez, um dos homens que mais perigos tem corrido. E agora afrontou uma das aventuras

mais arrojadas na história da Humanidade. Nunca teve receio por ele?

— Uma mãe está sempre apreensiva quando tem um filho que desempenha a profissão de Neil. Contudo, propriamente medo apenas senti durante a guerra na Coreia e sobretudo quando o rapaz foi atingido. Mandou-nos uma mensagem lacónica para dizer que estava salvo. Mas quando leio nos jornais os pormenores da sua aventura, põem-se-me os cabelos em pé. Ao entrar como piloto verificador no centro experimental de Edwards, veio uma vez procurar-me e passou uma tarde inteira a explicar-me a técnica do X-15, de modo — dizia — que eu pudesse seguir a sua empresa sem me assustar. O facto de dever voar mais depressa e mais longe da Terra do que qualquer outro homem não o preocupava nada. Apenas receava uma coisa que ele chamava a «fadiga do metal». Eu, evidentemente, não sabia do que se tratava, e, durante semanas, depois da sua visita, procurei em vão alguém que me aclarasse as ideias.

— Mas na altura da Gémeos 8 não pensou que Neil podia morrer lá em cima, naquela cápsula que girava vertiginosamente sobre si mesma, sem orientação?

— Não sou bastante competente para dar-me conta imediatamente se uma determinada situação é mais ou menos perigosa. Quando da Gémeos 8, meu marido e eu, por insistência de Neil, tínhamos ido a Cape Kennedy assistir ao lançamento, e tínhamos seguido a missão minuto por minuto até ao momento em que meu filho e David Scott atingiram e engancharam na Agena. Depois fomos ceiar com amigos para festejar o êxito da missão. A certa altura, um funcionário da N. A. S. A. apareceu à porta da sala e com um sinal fez compreender ao meu marido que precisava de falhar-lhe. Meu marido afastou-se por alguns minutos, depois voltou e preveniu-me em termos gerais de que alguma coisa não funcionava e que era possível que tivéssemos de interromper a missão antes de tempo. Deixámos a cela em meio e retirámo-nos para casa com dois amigos para seguir o acontecimento pela televisão. Mas todos insistiam para que estivesse tranquila, dizendo-me que não havia perigo. Só compreendi quanto a situação fora grave quando Neil e David tinham já retomado o domínio da astronave e estavam prestes a amarar. De qualquer modo, desta vez não fui a Cape Kennedy para o lançamento. Vi pela televisão aqui em casa e não saímos daqui até ao regresso de Neil à Terra.

— Neil tinha muito empenho em ser o primeiro homem a chegar à Lua?

— O meu filho é um rapaz humilde, que afrontou este empreendimento não por sede de glória mas por desejo de saber. Estou convencida de que é sincero quando afirma que não lhe importava ser o segundo ou o terceiro a chegar lá acima, desde que o tivessem incumbido de uma missão interessante. Disse a mesma coisa quando nos chamou ao telefone — a mim, aqui em Wapakoneta, e ao meu marido, no seu trabalho, em Columbus — para nos dar a grande notícia. Nós procurámos inculcar-lhe o princípio de que a finalidade da vida é trabalhar e fazer o bem. Julgo que ele tem permanecido fiel a este princípio.



# 3 MULHERES PARA 3 ASTRONAUTAS

por Shunk-Kender

—Recordo-me do dia em que meu marido me disse que seria ele o primeiro homem a andar sobre a Lua—conta Joan Aldrin.—Foi nesse dia que se escangalhou a minha máquina de lavar...

Um dos seus amigos tinha-a deixado na lavanderia. Quando o marido a foi buscar, nada disse do importante encargo de que tinha acabado de tomar conhecimento. Havia no carro uma pilha de roupa húmida, e foi esse o momento escolhido por Aldrin para lhe dizer que fazia parte da equipa que tinha sido designada.

«Perguntei ao meu marido por que razão tinha esperado para me contar essa novidade. Respondeu-me que «a lavanderia não era um lugar para se falar disso».

Para as mulheres dos três pilotos designados para a operação Lua, Edwin Aldrin, Michael Collins e Neil Armstrong, a vida é muitas vezes um conjunto de banalidades e de coisas extraordinárias.

Como a maioria das donas de casa americanas, têm muitos filhos, muitos aparelhos electrodomésticos e preferências por determinadas actividades. As suas casas, nas cercanias de Houston (Texas), são exactamente como as dos vizinhos. Mas quando os maridos estão no espaço, são assediadas por uma multidão de repórteres, e inquietam-se pela vida deles. A menos inquieta é ainda Janet Armstrong, que pensa que o marido tem sempre muita sorte.

—Estou muito satisfeita por Neil ter sido o comandante da missão Apolo 11, diz ela.

—Não ficou preocupada?

—Não, absolutamente nada.

Armstrong fora já designado para a missão Gémeos 8, em 1966. Encontrava-se já no espaço há algumas horas, quando um dos foguetões de correcção começou a vibrar e a não obedecer aos comandos. Apesar das vibrações que se tornavam cada vez mais importantes, Armstrong não perdeu o seu sangue-frio e pôde efectuar as manobras indispensáveis para evitar a catástrofe.

—Não posso achar que a situação seja assim tão perigosa, ao ponto de Neil não poder fazer nada—conta a sr.<sup>a</sup> Armstrong.—Se sou tão confiante, é porque sei que cada um deles sabe exactamente aquilo que tem que fazer no momento preciso.

Não pensa que a Lua tenha atraído o marido, mas sim o apelo da aventura.

Foi na Universidade de Purdue, no Indiana, que a sr.<sup>a</sup> Armstrong conheceu o marido. O futuro astronauta voltava de



**Esposa e filhos do astronauta Collins, ao serem interrogados a propósito da histórica viagem da Apolo-11**



**O astronauta Aldrin com a família. Na melhor das hipóteses só daqui a 21 dias poderão voltar a abraçar-se**



**Neil Armstrong, comandante do Apolo-11, com sua mulher, Janet, e seus filhos, Eric e Mark**

um estágio aeronaval na Coreia. Após o casamento, tornou-se piloto de ensaio na Califórnia. Os Armstrong têm dois filhos: Marc de 6 anos e Eric de 12.

Os Collins tinham planeado partir de férias na véspera do dia em que souberam que Michael iria fazer parte da equipagem da Apolo 11.

—Mesmo assim partimos,—conta Patricia—depois de ter contratado uma empregada, mas as nossas férias foram encurtadas e apenas ficámos na praia três ou quatro dias.

Aquilo que é deprimente para a sr.<sup>a</sup> Collins, durante as experiências, é sobretudo a espera demasiado longa. Em compensação ficou satisfeita quando soube que o marido ia enfim alcançar o objectivo que fixara.

Os Collins casaram-se em 1956, em França, quando Michael era piloto da Força Aérea dos Estados Unidos. Viajaram por toda a Europa até à nascença de Kathleen, em 1959. Actualmente tem mais dois filhos: Ann de 7 anos e Michael de 6.

Também os Aldrin têm três filhos: I. Michael de 13 anos; Janice de 11, e Andrew de 10. Casaram-se em 1954, depois de ela ter obtido um diploma de professora de arte dramática na Universidade Colombiana de Nova Iorque. Embora a família viva bastante bem, Joan dava lições e representava no teatro municipal.

—Estou satisfeita por «Buzz» (é assim que chama ao marido), sei que é aquilo que ele esperava há muito tempo.

«Mrs.» Aldrin nasceu em Nova Jérсия. Conheceu o marido pouco antes de ele ser nomeado na Academia Militar de West-Point.

—A minha mãe conheceu «Buzz» numa reunião—explica ela.—Muito impressionada, convidou-o para jantar alguns dias depois, para que me conhecesse. Foi na altura em que «Buzz» teve de partir para a Coreia. Quando voltou aos Estados- Unidos, foi mandado para Las Vegas e eu fiquei só em Nova Jérсия.

Durante um ano escreveram-se e depois casaram.

Os Aldrin e os Collins habitaram várias casas nos grupos de habitações que foram construídas a 35 quilómetros de Houston. Os Armstrong moram a alguns quilómetros dali. O três astronautas seleccionados para o voo Apolo 11 tinham já feito parte das expedições Gémeos em 1965 e 1966.

Copyright (c) 1969, Apis e Agência Dias da Silva.



# "ACIMA DE TUDO PRECISO DE SORTE!"

## entrevista de Ricciotti Lazzero

—Que sinto eu, agora que os primeiros homens chegaram à Lua? É qualquer coisa deste género: pode imaginar-se completamente só numa estrada no campo, e precisamente em frente dos seus olhos aparecer-lhe o arco-íris?...

Quem me fala é Werner Von Braun, no seu gabinete do 8.º andar do Centro Espacial de Huntsville, pouco depois do início da grande aventura espacial.

—Esperei muitos anos por este momento — continuou após um segundo de reflexão — e sei que isto é, algo que marca um grande dia na História do Mundo, um marco para a Humanidade. Bem, não posso dizer nada mais, além de que estou muito agradecido a Deus.

Na sala onde nos encontrávamos, o único som audível era o do ar condicionado. Uma secretária entrou rapidamente, mas a alcatifa eliminou todo o ruído. Através da larga e espaçosa janela envidraçada, podiam ver-se à distância colinas verdejantes. O homem que há 25 anos, em Peenemünde, dirigiu a construção dos mísseis alemães e que, agora aqui, no Alabama, dirige a grande aventura espacial, observava-me atentamente. Os seus olhos são verdes, quase cinzentos e na voz podia detectar-se emoção profunda.

—Quando se interessou pela primeira vez pela Lua

Respondeu imediatamente:

—Desde criança que costumava olhar o céu. Minha mãe era astrónoma amadora e costumava observar com imenso prazer a paixão que crescia em mim. Somos luteranos e a minha educação, tal como a dos meus irmãos, foi bastante rígida. Em 1922, o dia da primeira comunhão era uma ocasião muito festiva. Que espécie de presente dá uma mãe habitualmente a um filho, nesse dia? Certamente um fato novo, de calça comprida. Isto não é tradição apenas na Alemanha. Pois bem: em vez disso, a minha mãe deu-me um telescópio astronómico.

—Foi então que começou a sua conversa com as estrelas e os planetas...

—Sim, e isso foi sustentado por um profundo senso religioso. Há algum tempo, falei com Frank Borman, o astronauta que efectuou a primeira circum-navegação da Lua. Mais tarde, Frank foi recebido pelo Papa Paulo VI, nos aposentos do Vaticano. Contou-lhe tudo aquilo que tinha visto lá em cima — a centenas de milhares de quilómetros da Terra. O Papa tem muito interesse por estas questões, sabe muitas coisas e Frank ficou muito impressionado com ele. Outro Papa houve, também, que estudou estas coisas: Pio XII. Dois anos antes de morrer, recebeu alguns amigos meus no Vaticano. Eles constituíam uma equipa da Companhia Alemã para os Voos Espaciais e tinham assistido a uma Convenção em Roma, por ocasião de um congresso internacional. O Papa deu-lhes uma bênção especial, para todos aqueles empenhados nos primórdios deste sector da ciência. «Devemos ficar aqui na Terra — declarou ele —, mas alguns homens voarão para a Lua e para outros planetas. A Terra, deveis lembrar-vos, é o reino dos homens, mas o Mundo não está necessariamente limitado por aquilo que conhecemos agora...» Depois, acrescentou: «Não existem limites para a ânsia humana de conhecer» e encorajou os cientistas a desenvolverem o mais pos-

sível a sua curiosidade em relação ao espaço aéreo e a aventurarem-se nele.

—Que prevê o futuro?

—Depois desta primeira alunagem, claro que outras se seguirão. Usaremos sempre o foguetão Saturno e creio que lançaremos uns cinco. Mas virá o tempo em que já não usaremos estes mísseis. Precisamos de outros veículos e grandes quantidades de dinheiro para podermos continuar rapidamente com o programa espacial; não em termos de tempo, mas para conseguir novas fontes de energia. Depois também necessitaremos de veículos menos dispendiosos, que possam ser utilizados mais vezes. A Lua é enorme e gostaríamos de alunar em muito mais locais, de modo a descobrir muitas coisas acerca da sua natureza geológica.

—Infelizmente, o governo americano anunciou um corte no orçamento espacial. Acaso pensa conseguir o financiamento necessário para prosseguir nesta investigação?

—Isso não sei. Os mísseis para os lançamentos espaciais seguintes e para as alunagens já estão preparados. Não precisamos de muito dinheiro para fazê-los voar. A única coisa necessária será juntá-los todos, montá-los como dizemos em termos técnicos, e colocá-los nas rampas de lançamento. Temos que chegar até 1972.

—E depois?

—Gostaríamos de colocar em órbita terrestre um certo tipo de estação aérea, algo a que poderá chamar-se um laboratório ou observatório lunar. Gostaríamos de fazer isto em benefício de todos os povos. Com equipamento apropriado instalado num laboratório assim, poderemos efectuar prospeccões aéreas de modo a descobrir novos campos de petróleo e recursos minerais. Outras operações incluiriam, por exemplo: a observação metéodica da disposição das vastas áreas de floresta do Canadá, a diferenciação de doenças transportadas por grupos especiais de insectos e portanto a possibilidade de erradicação dos mesmos, a avaliação das vastas áreas agrícolas do Globo e a referenciação das colheitas de trigo, milho e outros cereais, a procura de outras zonas férteis, de solo virgem apto para o cultivo de cereais e, finalmente, a aplicação prática de todo este conhecimento, fazendo propostas concretas às várias nações. As nossas cidades estão a crescer desordenadamente, a explosão demográfica é uma realidade; no ano 2000, que já não está assim tão longe, teremos 3 biliões de habitantes na Terra. Deviam começar-se estudos imediatamente de modo a distribuir razoavelmente as áreas disponíveis para cultivo, não apenas do ponto de vista das sementes mas também das necessidades da fauna. Transmitando toda esta informação a calculadores electrónicos, seríamos capazes de calcular com extraordinária precisão as necessidades alimentares da Humanidade, ano após ano, sem nunca sermos apanhados desprevenidos, se por exemplo houvesse um foco de fome em Calcutá. Tal como as coisas estão actualmente, quando se sabe de tais calamidades e se começa a tomar providências, é demasiado tarde, os produtos são enviados com um atraso tal que reduz a sua utilidade.

—Isso significaria uma espécie de administração-geral através do espaço...

—É isso. Poderíamos dizer aos povos: neste ponto é possível conseguir colheitas mais abundantes, naquele outro não se deve intensificar as culturas. Teríamos possibilidades de indicar-lhes o clima mais apropriado para certos cultivos, ajudar a traçar os planos de irrigação, estabelecer os locais em que se impõe a fertilização do solo e promover esforços combinados vitais por meio da TV, por exemplo. Não faça essa cara. Com base num laboratório espacial, sei que será possível dirigirmo-nos **directamente** a lavradores individuais, durante emissões regulares. Esse seria o nosso contributo para a Humanidade, e é isso que eu gostaria que todos entendessem. Temos de preparar-nos a tempo, para o momento em que formos 3 biliões sobre a Terra e for demasiado tarde para procurar soluções de última hora. Antes que isso aconteça, é preciso que coloquemos laboratórios espaciais em órbita terrestre. A partir deles, os nossos cientistas indicaríamos onde procurar novos depósitos petrolíferos, novas minas, novas áreas para povoamento florestal, novos campos de cultivo e novas zonas de urbanização. Isto seria uma preciosa conquista humana, pois permitiria a gerações e gerações entenderem-se em paz.

—Quando falámos, em Houston, com o chefe da equipa médica dos astronautas, Chrales Berry, falou-se da questão dos primeiros passageiros para a Lua, e de quando será possível ao homem vulgar embarcar num veículo espacial com a mesma facilidade com que viaja agora de avião.

Von Braun, embora pareça por vezes um sonhador, é um homem extremamente prático, que faz planos a longo prazo no seu modo especial de falar, mas que se mantém sempre, estritamente, dentro do que pode ser realizado. O problema que lhe pusemos na pergunta atrás é, sobretudo, um problema de dinheiro. Conformando-se cuidadosamente com o lema «economia», em voga desde há uns meses no centro espacial de Huntsville, Von Braun referiu-se com cautela às especulações.

—Antes de mais, serão necessários veículos de passageiros não para ir à Lua, mas para se manterem em órbitas terrestres, a fim de tornarem possíveis visitas às estações espaciais. Claro que tais visitas não serão privilégio de quaisquer passageiros. Teremos necessidade, sobretudo, de providenciar transporte para cientistas, astrónomos, meteorologistas, agrónomos, químicos, físicos, médicos, mineralogistas e toda a espécie de peritos que aceitem trabalhar nesses laboratórios espaciais. Haverá voos numerosos da Terra para essas estações. Acabaremos por ter um tráfego denso, mas deste tipo e com veículos apropriados.

—E quanto à Lua?

—Durante certo tempo, a Lua será de certo modo semelhante ao Ártico, da actualidade. No Ártico, muitas nações possuem bases onde os seus cientistas trabalham, em equipas, por períodos de um ano, terminados os quais são substituídos por outros. O Ártico não pode ainda considerar-se território turístico e o mesmo acontecerá com a Lua, durante longo tempo. Os cientistas terão prioridade.

As palavras de Von Braun eram fascinantes, quase de ficção científica. Através das janelas espaçosas, eu via não apenas as verdes colinas



do Alabama, mas também os gigantescos edifícios onde engenheiros, matemáticos e físicos trabalham já na construção de novos «navios espaciais» que orbitarão em torno da Terra. Fiz então a pergunta mais absurda ao homem que há quinze anos escreveu um livro de cálculos matemáticos denominado «Viagem a Marte» e que durante muito tempo não encontrou editor que o levasse a sério.

—Durante um congresso recente em Magonza, Hermann Oberth, que foi seu professor, afirmou que os discos voadores existem realmente e que há na verdade uma possibilidade de que seres de outros planetas estejam em condições de alcançar a Terra. Que pensa disto?

Von Braun sorriu e respondeu imediatamente, sem revelar qualquer surpresa:

—Não desejo mostrar qualquer desrespeito pelo prof. Oberth — disse calmamente —, todos devem ter a liberdade de exprimir as suas ideias e opiniões e, para falar francamente, não acho que a sua pergunta seja absurda. Tudo o que posso dizer é: não vi nunca um disco voador, nem tive quaisquer provas que me convançassem da sua existência. Ao mesmo tempo, não tenho fundamento para afirmar que não existem. Se um dia destes aterrar, aqui, em Huntsville, um disco voador, claro que mudo de opinião. É um campo em que só acredito na evidência.

Vou Braun tem 58 anos. Chegou a Huntsville em Abril de 1950, com a mulher, Maria Louise, e a primeira filha, Iris Careen, nascida já no Texas. É um homem muito activo, mas muito simples, a sua casa da estrada Big Cour é como qualquer outra da classe média no Alabama. Para se proteger da curiosidade do público, limitou-se a pedir que o seu nome fosse suprimido da lista telefónica, o que lhe foi concedido. A sua vida é feita à vista de todos, sem quaisquer tentativas de segredo. Até os honorários que recebe são indicados sem hesitação pela N. A. S. A.: 30 230 dólares por ano, o equivalente a 900 contos por ano. É um salário governamental, que na América não pode considerar-se muito alto; se trabalhasse na indústria poderia receber pelo menos o dobro, como acontece com os seus ex-colegas de Peenemünde. Até o seu irmão Magnus, após alguns anos de carreira semelhante, preferiu abandonar o sector espacial e ingressou na Chrysler, em Detroit.

O primeiro contacto que este homem, responsável pelas V-2, teve com os americanos, foi na Baviera, na Primavera de 1945, quando Hitler se preparava para matar-se. Em Garmisch-Partenkirchen, três cientistas americanos (Fritz Zwicky e Clark Milligan, do Californian Institute of Technology, e Richard Porter, da Gene-

ral Electric), interrogaram-no longamente, bem como aos membros da equipa que dirigia.

O dr. Konrad Dannenberg, um perito de Peenemünde, que se encontra presentemente no departamento de investigação avançada de Huntsville, recorda vividamente esse dia.

—No Laboratório de Propulsão por Jacto de Pasadena, Califórnia, os americanos haviam trabalhado intensamente durante a guerra. Os cientistas que nos interrogaram sabiam muito sobre mísseis, porque eles próprios os construíam também. Os deles eram mais pequenos do que os nossos, mas os estudos deles estavam no bom caminho. Em breve atingiriam os seus objectivos. Era apenas um problema de dinheiro, trabalho de equipa e direcção. Nós já estávamos a preparar mísseis que poderiam atingir a América por orientação à distância. Chamar-se-iam A-9 ou A-10. Os americanos também acabariam por construí-los, embora talvez não tão rapidamente como os alemães, porque estes tinham tudo o que queriam do governo nazi.

Von Braun e 70 colegas foram transferidos em Outubro de Garmisch-Partenkirchen para Francforte e daí para Aberdeen, próximo de Washington, por avião. Um mês depois, outro grupo de cientistas alemães foi colocado próximo de Boston, em Fort Strong. Este último grupo partira do Havre a bordo do transatlântico «Orient». Durante a travessia, a gramática de Inglês era de regra. O grupo de Boston e o de Aberdeen reuniram-se mais tarde num comboio especial que os levou através dos Estados Unidos até Fort Bliss, junto da fronteira mexicana. Não muito longe situavam-se dois lugares já famosos na história da bomba atómica: Los Alamos e Alamogordo. Fort Bliss era um enorme conjunto de quartéis onde 20 000 soldados americanos aguardavam a desmobilização. Durante o dia, a temperatura era terrivelmente seca e quente, atingindo normalmente os 50 graus centígrados; à noite o frio era intenso. Não havia ar condicionado. Por cada cientista alemão havia uma sentinela.

Von Braun tentou organizar os seus homens o melhor possível. O irmão, Magnus, dava lições de inglês, visto serem obrigados a falar inglês durante as horas de trabalho. Arranjaram-se cozinheiros alemães e em breve a situação melhorou. Até foi possível constituir uma associação e todos se reuniam à noite para conversar. A nostalgia da Alemanha era grande. Cada cientista recebia um salário de 6 dólares por dia. As refeições eram baratas, e todos tinham possibilidade de economizar para comprar alimentos que despachavam para as famílias.

Chegou um momento em que Von Braun e

um grupo de amigos, com o dinheiro posto de parte, conseguiram comprar um carro usado, um Nash. A compra do pequeno «luxo» foi uma tarefa morosa. «Um carro em segunda mão é como um cavalo — recorda Konrad Dannenberg —, é preciso ser-se perito para descobrir os defeitos. Todo o cuidado era pouco, pois não poderíamos desperdiçar dinheiro.» Walter Riedl, um dos cientistas peritos em mísseis, sabia mecânica, por ter estudado numa escola de Berlim e como era um «conhecedor» foi encarregado de cuidar do automóvel. A bordo do Nash, sempre com um soldado a acompanhá-los, os alemães de Peenemünde deram os seus primeiros passeios a El Paso e a outras cidades do Texas e do Novo México. A vida continuava, porém, a ser muito dura, embora as famílias se lhes tivessem entretanto reunido.

Cerca de dez cientistas pediram para regressar à Alemanha. Riedl preferiu trabalhar nos Estados Unidos e o seu exemplo foi seguido por outros. A maioria deles ficou com Von Braun. Em Abril de 1950, a equipa foi finalmente transferida para o Alabama. A escola militar acabou por ser dispensada e os cientistas foram autorizados a passear sózinhos nos seus automóveis. Assim, eram férias a sério. O centro espacial de Huntsville não existia nessa altura. No local onde existiu uma grande indústria complementar da criação de gado, que o exército tentou em vão vender, estão agora a ser construídos os novos laboratórios espaciais — os mesmos que serão postos em órbita à volta da Terra.

Antigamente, a cidade tinha apenas cerca de 50 000 habitantes. Grupos de casas de madeira e tijolo viam-se ao longo das ruas principais, perdidas na vastidão imensa do terreno. Mas o clima era bom. Nas cercanias existiam grandes lagos, o rio Tennessee e os ventos frescos da cadeia dos montes Apalaches. Esta região tornou-se a nova pátria para Von Braun e para os homens de Peenemünde. No dia 14 de Abril de 1955, todos prestaram juramento, tornando-se cidadãos americanos. Von Braun ainda tem 50 dos seus velhos amigos consigo e agora também uma jovem hoste de importantes cientistas americanos. Não existe nele qualquer traço de rigidez prussiana. É um homem transformado, fisicamente americano. «Herr Doktor» pilota frequentemente um bimotor, pratica caça submarina e pesca nos grandes lagos da vizinhança. O golfe é outro dos seus passatempos. Dois dos seus filhos nasceram no Alabama: Margrit, Cevile e Peter Constantin. De vez em quando visita a Europa, mas não tem saudades dela. Ele próprio, como todos os outros de Peenemünde, declara:





—A minha casa é em Huntsville. A minha pátria é aqui.

Para saber como os astronautas se sentem enquanto treinam na câmara antigravidade, Von Braun veste um traje espacial e numa câmara especial de um avião KC-135 que simula a situação, descrevendo largos «loopings» no céu, experimenta aquilo que os seus astronautas sentem. Muitas vezes, equipado com máscara de oxigénio, mergulha sob a água no enorme tanque onde estão imersas peças do grande laboratório que dentro de poucos anos será lançado no espaço. Nas escadas que conduzem ao seu gabinete, os técnicos americanos penduraram, por brincadeira, um letreiro: «ATENÇÃO: NADA DE PEIXE». Misturando palavras inglesas e alemãs, eles dizem ao cientista para não confundir essa espécie de piscina com um local de pesca...

Agora o homem das V-2 organiza planos para novas pesquisas espaciais: a seu lado estão 700 cientistas que dirigem as pesquisas efectuadas por milhares de matemáticos, físicos, químicos e técnicos. Apenas há um mês, foi anunciado um concurso para a construção de uma estação espacial, que pudesse permanecer em órbita durante 10 anos, transportar 12 homens e que estivesse pronta em 1975; e outra para 50 homens, a aprontar em 1980. Von Braun é o director da futura iniciativa espacial.

Antes de sair, fiz-lhe uma pergunta delicada: — Quem está mais adiantado em astronáutica? Vocês ou os russos?

Von Braun enrugou as sobrancelhas e corou ligeiramente. Mas dominou-se e replicou em voz firme:

— Os russos deram um grande passo em frente, com o encontro da Soyuz. Estão certamente a preparar qualquer coisa, tenho a certeza disso. Nós trabalhamos com outro objectivo em mente, muito diferente da concepção deles. Agora é isto que as nossas possibilidades são maiores. Mas não posso estar demasiado seguro do resultado.

Refrescante! Estimulante!



# Gordon e Água Tónica

O GIN que mais se vende em todo o mundo

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES:

J. A. DA COSTA PINA, LDA.  
LISBOA  
COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.  
PORTO COIMBRA FARO

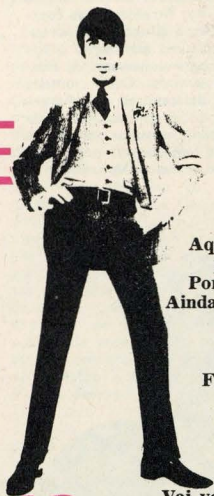
Von Braun levanta-se agora para partir. Um avião espera-o para levá-lo à Florida. É alto, forte, um pouco corpulento no fato ligeiramente apertado, mas tem a aparência de um desportista. O longo hábito de comandar uma das posições de maior prestígio do Mundo podia tê-lo tornado duro e rude. Em vez disso, é delicado e uma das coisas mais fascinantes nele é a sua modéstia. Ao apertar a minha mão, enquanto ainda se encontrava no corredor, voltou a dizer, como se não estivesse inteiramente seguro do que me explicara:

— Acima de tudo preciso de sorte! Todos necessitamos dela, mas eu mais do que ninguém.

Copyright (c) 1969, Mondadori Pressi e Agência Dias da Silva

espiral

# PORQUE TENHO TANTO CABELO E VOCÊ NÃO TEM?...



Entre nós, meu caro amigo... é


## PERSONAL

Aqui onde me vê, tenho idade para ser seu pai! Bem, seu pai não direi, mas seu irmão mais velho... Não acredita? Por causa da cabeleira? Pois é, pareço um rapaz. Ainda ontem a «Pat» me disse com certo sorriso: «trrrinta e trrrrés...». Quer saber o segredo? Vê este frasco? É Personal, o tónico capilar que evita a calvície prematura pois é uma loção cientificamente preparada. Fundamentado em vitaminas, hormonas, antibacterianos, antimicóticos (são estas palavras difíceis que lhe garantem resultado tão fácil), Personal é o tratamento contra a calvície e a caspa. Faça como eu: aplique sistematicamente o concentrado Personal nocturno e a loção Personal diurna na sua toilette matinal. Vai ver que, dentro em breve, outra «Pat» lhe dirá, também com certo sorriso «twenty trrrrés...» Mas que isto fique entre nós... Não vale a pena darmos a chave do êxito a toda a gente! Lembre-se da concorrência, é



## PERSONAL

A venda na sua farmácia habitual

Representantes:  Avimami Peig, Lda.

Av. Grão Vasco, 45, r/c., Esq. Lisboa-5



# PARIS-LISBOA-TORRES-LISBOA-TORRES -TUDO EM 8 HORAS!

**Reportagem de Duarte Figueiredo**

Joaquim Agostinho, o herói do nosso povo, o português mais falado dos últimos tempos, fez com que em Torres Vedras acontecesse o mais entusiástico acolhimento jamais dispensado a um natural daquelas terras, segundo o testemunho de alguns participantes.

Em Torres Vedras verificou-se uma festa tipicamente portuguesa. Já no aeroporto se haviam reunido milhares de pessoas para vitoriarem o humilde rapaz de Brejejas, que de repente se viu transformado num mito dos nossos, um mito simples como o nosso povo.

Cerca de uma hora antes da chegada de Joaquim Agostinho, a multidão começava a reunir-se ao longo da Av. 5 de Outubro, no preciso momento em que toda a Humanidade se preparava para viver intensamente mais um pouco da histórica alunagem. Aproximava-se o momento em que o módulo lunar teria de se afastar do nosso satélite. Perguntámos a um dos populares o que pensava da proeza de Joaquim Agostinho comparada com a dos astronautas americanos. A resposta que obtivemos documenta bem o entusiasmo vivido naqueles momentos em Torres Vedras:

—Os astronautas estudam muito, nós nem sabemos bem... Agostinho não. Apareceu num momento e fez uma coisa que é importante. Os astronautas... nós não sabemos se é «peta»... Só daqui a alguns anos...

Lá bem no fundo, o Agostinho é mais importante para as pessoas humildes do que os extraordinários homens que quebraram a tradição da Lua romântica dos poetas.

O homem que faz com que muitos portugueses talvez dessem um pouco da sua vida para o conhecer chegou cerca das 19 e 30, no lugar de honra do autocarro do Sporting, acompanhado pelos pais e pelo dr. Pereira da Silva, que para o corredor é um autêntico «patrão».

Havia-se constituído uma comissão de recepção ao corredor leonino, formada por directores de Colectividades Recreativas e Desportivas e por pessoas que se interessam pelo desporto «desde que lhe nasceram os dentes». No dizer de um dos elementos desta comissão, «pretendia-se prestar a Joaquim Agostinho uma homenagem simples e sincera, tão simples e sincera como ele entrou e saiu da Volta à França». Seguindo o autocarro que transportou Joaquim Agostinho até Torres Vedras e que passadas duas horas o havia de trazer novamente a Lisboa para uma reunião com a direcção do Sporting Clube de Portugal, uma longa fila de automóveis, cujo buzinar estrondoso pôs em autêntico alvoroço a população de Torres. Estava nos planos dos organizadores da apoteótica recepção fazerem com que Agostinho mudasse de automóvel à entrada da vila, para evitar

aglomerações de pessoas na porta traseira do edifício da Física de Torres Vedras (designação popular da Associação de Educação Física e Desportiva local), e para surpreenderem a população com o aparecimento do corredor na varanda do edifício. Uma pequena surpresa para a multidão ansiosa pelo seu ídolo... Foi contra-

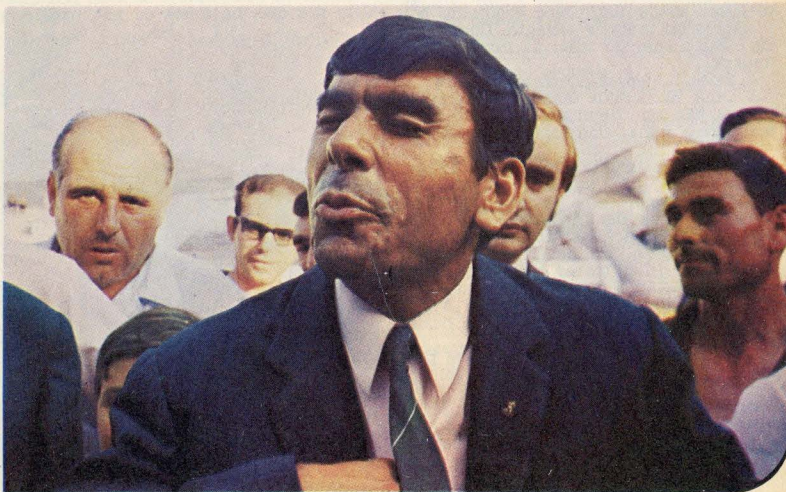
riada pelo solícito dr. Pereira da Silva, mais uma vez exercendo as suas prerrogativas sobre o atleta.

Ao som de morteiros e foguetes, o 8.º classificado na Volta à França entrou triunfalmente, na sede do concelho. Tinha à sua espera milhares de pessoas, estandartes de todas as colectividades recrea-



**Palmas, gritos, vivas, entusiasmo desta multidão, toda ela entregue ao seu ídolo, projectada nele**

**Contente, contentíssimo com esta manifestação de carinho prestada pelos seus conterrâneos**





tivas e desportivas do conelho e banda de música. Um sucesso que o simples Joaquim Agostinho bem mereceu e comovido agradeceu, abrindo os braços como todos os importantes. A multidão gritava, berrava, batia palmas, pronunciava ritmadamente o seu nome. Agostinho, apesar de um pouco comovido, pois se tratava da gente da sua terra, não «se desmanchou», no entanto. Já vai estando habituado a estas manifestações de carinho.

Depois da entrega de um ramo de flores, de muitas fotografias e abraços das pessoas mais chegadas, formou-se um cortejo para acompanhar Joaquim Agostinho ao salão de festas da Câmara Municipal que também quis, por intermédio do presidente, sr. António Teixeira de Figueiredo, associar-se à manifestação de apreço pelas façanhas do ciclista.

No pequeno trajeto para o edifício do Município foi o delírio. A última hora foi necessário, contra o que estava previsto, conduzir Joaquim Agostinho num veículo automóvel, caso contrário não só não chegaria aos Paços do Concelho, como também ficaria todo «esfarrapado», tal o entusiasmo popular.

Perguntámos a um dos presentes o que pensava do homenageado. De semblante carregado, sério, foi-nos dizendo:

—Um grande ciclista; o melhor de todos os tempos. Um rapaz modesto, simples, mas honesto. Tinha esperanças nele, mas como quem lá vai é tudo homens profissionais, também sabia que as dificuldades eram grandes.

—E acha bem que ele venha agora cá para Portugal?

—Quanto a mim, há com certeza pessoas melhor entendidas...

Pudemos também ouvir a opinião de um antigo ciclista do Benfica, Armando Pereira, que correu ao lado de Alves Barbosa, Ribeiro da Silva e Américo Raposo.

—É um dos casos raros do ciclismo nacional. Mas não foi a preparação que ele teve cá que o fez. Comparando-o com o Alves Barbosa e com o Ribeiro da Silva, acho-o um caso completamente diferente, uma vez que ele apareceu e venceu. Os outros eram ciclistas mais completos, quer dizer, aguentaram muito tempo, enquanto Agostinho pôde fazer uma ou duas épocas, mais nada.

Agostinho era o nome do momento, gritado por todas as bocas. Era o centro de todas as atenções. Um pouco antes tínhamos conseguido falar com ele. Alegre, evidentemente, é perfeitamente desenvolvido a conversar com o jornalista, fruto de uma experiência obrigatória.

—Estou satisfeito, o que queria que lhe dissesse? Estou um pouco esgotado, pois o esforço foi muito e violento. Compreende... Estou com saudades da família e dos amigos.

—Esses fabulosos contratos lá fora?

—Olhe, nada mais tenho a acrescentar, porque não sei. Desculpe, mas não posso dizer mais nada. Compreende, neste momento...

Pessoas igualmente alegres, ainda que estranhando toda aquela confusão que ainda há pouco tempo talvez nem sequer imaginassem poder acontecer, eram os pais e os irmãos. Abeirámo-nos deles, quando ficaram um pouco afastados da multidão. É difícil travar um diálogo numa situação destas. Um dos irmãos diz-nos:

—Acho que nunca pensava que o meu irmão fizesse o que fez. Julguei que ficasse classificado num 20.º...

Quando perguntámos à mãe o que pensava da prova do Joaquim na Volta à França, refugia-se no silêncio de quem observa tudo espantado e sem conseguir abarcar tudo o que a rodeia, dizendo-nos que «é uma coisa de que não percebe nada».

Outro irmão diz-nos que «a pouca sorte foi a queda; esperava que ficasse melhor classificado se não fosse o tombo que deu».

Mais falador, com a personalidade que lhe dá o facto de ser o pai de quem tem sido alvo de tantas manifestações, sério, sabedor, conhecedor do que diz, o progenitor dá-nos a sua opinião sobre a França:

—Gostei, sim senhor. É uma coisa boa; gostei de ver tudo o que vi. Olhe, podia lá estar um ano que não via nada do que aquilo é. É melhor do que Lisboa eu sei lá quantas vezes... Estradas largas, mais do que esta sala e mais que eu sei lá o quê...

Um dos irmãos, 32 anos, comovido e abraçado ao pai, diz-lhe que se fartou de chorar quando ele foi para Paris. Deixámo-los nesta cena familiar.

Problema necessariamente importante, dada a situação a que Agostinho se guindou no panorama da velocipedia mundial. É o do seu futuro. No intuito de melhor informarmos os leitores, dirigimo-nos ao dr. Pereira da Silva, pois pelas atitudes assumidas por ele no trato com o corredor e também por várias declarações deste, apercebemo-nos de que era o director do Sporting a chave do problema. Perguntámos-lhe naturalmente qual a situação de Joaquim Agostinho perante aquele clube. Exaltadíssimo, exaltação esta, como se costuma dizer, talvez só explicável pelo cansaço, responde-nos:

—Ele é cá de Torres e do Sporting. Ficará sempre cá, irá ao estrangeiro e a toda a parte como qualquer cidadão. Essas perguntas são inoportunas e isso deveria estar na vossa consciência de jornalistas...

Só nos compete um pequeno esclarecimento: na nossa consciência e naquele momento estava apenas a missão de que tínhamos sido incumbidos, ou seja, de informar os leitores do que se passava. Não precisávamos da alusão do dr. Pereira da Silva à nossa consciência, nem talvez fosse necessária a sua exaltação. Ou talvez fosse conveniente tentar saber as verdadeiras causas dela...

No programa da homenagem a Joaquim Agostinho estava, como já dissemos, uma sessão na Câmara Municipal. Foi no meio do maior entusiasmo dos presentes que o valoroso ciclista, após ter sido abraçado pelo presidente da edilidade de Torres Vedras, se acercou de uma das varandas do edifício, empunhando uma taça oferecida pelos emigrantes de Torres em França. Palmas estrondosas, vivas de toda aquela multidão que coalhava o pequeno largo fronteiro ao Município e as ruas próximas além dos que, na ansia de não perderem

nenhum pormenor, subiram para um ou outro telhado dos prédios vizinhos.

Iniciou-se pouco depois a sessão, presidida pelo sr. António Teixeira de Figueiredo, ladeado por Joaquim Agostinho, pelo dr. Pereira da Silva, pelo vice-presidente da Câmara e vereadores. Estavam presentes outras individualidades, além do pai do homenageado e muito público.

O sr. António Teixeira de Figueiredo, em nome do conelho, prestou homenagem «ao rapaz humilde, nado e criado em Torres Vedras, que levantou bem alto o nome do seu País na principal pugna de ciclismo de todo o Mundo, mostrando de que qualidade são os portugueses, quando é preciso honrar o nome da Pátria. Já tinha mostrado o seu portuguêsismo batendo-se dois anos em África, como todos os que se batem pela Pátria. A guerra, ainda que um mal, tempera os caracteres. Tempera o carácter para mostrar como se corre de bicicleta, cheio de sangue e da cabeça aos pés».

Agostinho, coberto de suor, ouvia com atenção, compenetrado da solenidade do momento.

Falou depois o dr. Pereira da Silva que definiu o ciclista dizendo que é «um homem que se define em poucas palavras: força, coragem, generosidade; numa palavra, raça portuguesa». Depois de ter traçado a biografia desportiva de Joaquim Francisco Agostinho, disse que «ele é humilde, mas sabe ser humilde. Não precisa que os jornais especulem com a humildade dele e dos seus. A humildade de Agostinho levou os franceses de toda a França a tornarem-se portugueses».

Fazendo-se ouvir com dificuldade por causa da gritaria da multidão que preferia o corredor, continuou: «Só o Sporting teve a coragem, e por meu intermédio, de acreditar em Joaquim Agostinho. Os outros apareceram quando a vitória estava feita. Mas os outros é que querem ganhar à custa dele. Nós por ele lutamos...» Mais à frente referiu um pedido do ciclista quando terminou a Volta à França: «Se eles me fizerem uma homenagem, pediam-me Agostinho, diga ao sr. presidente da Câmara que mande arranjar aquele bocadinho de estrada para os meus contrárreos.» O dr. Pereira da Silva iniciou a subscrição com 500 escudos. O presidente da Câmara prometeu remediar o problema.

Seguiu-se depois um quase interminável desfile de pessoas de todas as condições que foram entregar prendas a Joaquim Agostinho: taças, uma salva de prata, oferecida pelo Município, um atomizador, um chapéu e vários envelopes misteriosos.

A que talvez tenha tocado mais profundamente o ciclista foi o envelope que seu pai também lhe ofereceu.

Falou finalmente o valoroso Agostinho: «Em poucas palavras, quero agradecer a todos os portugueses toda esta grande homenagem que prestaram à minha chegada à terra natal. Agradeço os telegramas, cartas que me enviaram e grande alento me deram. Peço desculpa por não responder a todas as correspondências porque não tinha tempo. Farei sempre o melhor para que fiquem satisfeitos como. Obrigado.»

Antes do regresso a Lisboa, Agostinho dirigiu-se, uma vez mais, a uma das varandas do edifício. Novamente aplausos estrondosos. A multidão chama pelo pai dele: quando aparece, é o delírio. Uma ovação tão grande ou maior do que a prestada ao valente 8.º no «Tour 69». Mas ele queria era que o filho fosse a casa, como lhe tinham prometido antes.

Revogaram a decisão e disseram-lhe que poderia concretizar esse desejo cerca das 23 horas, meia noite, pois primeiro estava a tal reunião com a direcção do Sporting.

Portugal, à falta de astronautas, tem o seu «pedalauta»...



**Os organizadores da recepção apoteótica furtam-no ao entusiasmo popular. Um pequeno desleixo e era, talvez, a morte do ciclista...**





# CONFIRMANDO

**AS SUAS EXCEPCIONAIS  
QUALIDADES  
DE ROBUSTEZ  
E SEGURANÇA**

*alfa*  
*romeo*

## VENCEDOR ABSOLUTO

### NO CIRCUITO DE VILA REAL

AUTOMÓVEIS DE TURISMO NORMAL  
— CLASSIFICAÇÕES A HOMOLOGAR

Tripulado por **ANTÓNIO PEIXINHO**

## MOCAR, LDA.

AVEN. DUQUE D'ÁVILA, 66-B — LISBOA

FIM DE SEMANA DE CORRIDAS

# OS "ACELERAS" DA AVENIDA PUDERAM BRILHAR NA GRANJA DO MARQUÊS

**reportagem de Francisco Santos**

Um aeródromo à inteira disposição de um grupo de «rapazes» entusiastas e empreendedores; um novo circuito «inventado» por eles dentro desse aeródromo; um fim-de-semana cheio de sol, de calor; um conjunto de provas aliciantes para todos os «consagrados» ainda não saturados a meio da época, e altamente entusiasmantes para umas encorajantes dezenas de novos praticantes sequiosos de «acelerar» fora das avenidas; tudo isto fez com que tivéssemos no improvisado autódromo da Granja do Marquês mais um esplêndido festival do desporto automóvel.

O Sport União Sintrense e a sua Secção Automobilística tão entusiasticamente chefiada por um homem a que o desporto nacional já passou a dever muito — tenente-coronel Hipólito da Fonseca — soube criar dentro de um curto fim-de-semana um programa todo ele cheio de interesse e de aliciantes para participantes e espectadores.

De lamentar no entanto que esse esforço de criação e realização não tenha sido mais bem compensado com a presença do numeroso público que o cartaz justificava. Aliás, já há um ano o Sintrense teve a mesma infelicidade porquanto em comparação com o Grande Prémio do A. C. P. ali realizado semanas antes e com muito menos atractivos a assistência foi cinco vezes menor.

Antes da prova de Turismo ouvimos, entre os demais pilotos, o director da prova dizer-nos que este talvez fosse o último circuito que o Sintrense possivelmente realizaria, devido ao minguar progressivo das ajudas financeiras das entidades particulares e oficiais. Só pergunto: não havendo circuitos qual será a possibilidade da indústria automóvel e petroleira fazer publicidade de... circuitos? Será talvez necessário ajudar os clubes organizadores a manterem vivas as provas de mais interesse.

E se há alguns clubes que mereçam essa ajuda que, note-se, não é uma dívida mas sim um pagamento por um serviço, o Sintrense é de certo um dos que pelas suas realizações tem demonstrado ter mais mérito e poder oferecer maiores garantias.

Claro que não é infalível e os erros lá estiveram, como estarão sempre.



Efectuando-se mais duas provas (Principiantes e Iniciados) do que as habituais para o Campeonato Nacional, viu o Sintrense necessáride de juntar numa só corrida as duas provas e Turismo de Série e Turismo Especiais, com a justificação de «falta de tempo». Os inconvenientes foram grandes. Não só o público ficou privado do excelente espectáculo que têm sido ultimamente as provas de Turismo de Série, porquanto as escassas informações dadas não fizeram que se apercebesse da disputa de duas provas na mesma corrida; também os concorrentes a ambos os campeonatos não puderam, claro, correr ao mesmo tempo em dois carros e portanto tiveram que optar pela prova que mais vantagens económicas e de pontuação lhes poderia dar. E por último, mas não menos importante, a mistura, na mesma corrida, de carros de andamento tão diferente como um Cortina Lotus de série, com os seus pacatos 110 hp., e um diabólico BMW especial com 190 hp, pode ser bastante perigosa. Felizmente que todos os pilotos presentes na prova tomaram bem consciência deste facto e souberam conduzir pelo retrovisor.



Um Escort TC à cabeça de uma «manada» envolvida numa nuvem de escapes

## Iniciados e principiantes

A «rapaziada» que para aí acelera de escape aberto pelas praças e avenidas, defronte dos cafés e esplanadas mais bem frequentadas (...) teve agora, e mais uma vez, ensejo de demonstrar as suas habilidades de pilotos verdadeiramente desportivos.

Para isso «o tenente-coronel» (no meio automobilístico chega, para se saber quem é esse grande impulsinador) organizou duas provas — para Principiantes e para Iniciados.

Não há dúvida que a «rapaziada» respondeu inteiramente à chamada. Lá apareceram cinco dezenas de jovens, todos eles a fervilhar de entusiasmo. Os carros eram os mais diversos, desde um familiar Taunus ou um popular VW até aos Porsche e Lotus Europa. Mas a genica, a «febre» e a inexperiência eram iguais. Todos eles, aqui ou ali, nesta ou naquela curva, mais cedo ou mais tarde fizeram o seu pião ou pirueta mais ou menos perigosa, com maior ou menor calafrio. Em todos foi notória aquela falta de calo, de calma, de técnica apurada dos já «consagrados».

Mas de entre toda a inexperiência natural houve sem dúvida uma meia dúzia de jovens pilotos que logo desde o início de cada uma das provas me fizeram observá-los com mais atenção, tal era a diferença de condução que evidenciavam de todos os restantes. Um dos casos mais flagrantes foi sem dúvida do condutor do Cooper S número 110, Inácio Aleixo. As travagens e as reduções para uma curva lenta não enganam sobre a técnica do piloto. Aqui, Inácio Aleixo se evidenciou desde logo muito superior aos demais. Pena que, no fim da sua prova, não tivesse sabido manter a primeira posição que tão bem tinha conquistado, mercê de uma notável recuperação.

Na prova de iniciados, vimos o arrojado Manuel Morais vencer uma Giselle Rasteiro que quando ainda era realmente iniciada não se teria certamente deixado bater. Giselle reapareceu nas nossas pistas e embora lhe tivéssemos reconhecido a mesma extraordinária intuição de sempre, vimos quase desaparecido aquele arrojo e aquela garra que há um par de anos eram talvez em demasia. Voltou; esperamos que para ficar; mas não em provas de iniciados...

## Segredo desvendado?

Em Fórmula V, Ernesto Neves mais uma vez dominou conforme soube e quis. Excelente condutor e possuidor de um carro francamente mais rápido do que todos os restantes, «Néné» pôde dar-se ao luxo de fazer todas as provas descansando, enquanto os seus rivais mais conceituados (e também excelentes pilotos, como é o caso de Nogueira Pinto) se

## Nogueira Pinto num momento de descontracção, surpreendido em ângulo insólito...



«esfarrapam» para o não deixarem fugir, o que tem provado ser impossível em qualquer dos nossos circuitos.

Após a prova, António Barros, que fez uma magnífica corrida, apenas manchada por um pião, Rui Cavagnac e Robert Giannone, reclamaram o «Palma V» de Esnesto Neves, e nomearam para seu representante, com direito a assistir a abertura do carro, o seu mecânico dos Aurora. Será agora desvendado o segredo do «Palma V» de «Néné»?

Esteja o não o carro legal, e para bem do nosso automobilismo, espero que sim, uma coisa é certa: o «segredo» vai ser desvendado e acessível a todos, o que só irá dar mais interesses às provas de Fórmula V.

seguir, bato o tempo da véspera e faço 1 m. 35 s. E foi só continuar até à bandeira de xadrez que «por acaso» também teve que me ser dada...

Ao fim de cinco anos ganho novamente um circuito. A alegria foi grande, mas nem sequer os louros tive...

Em Grupo 5, o conjunto José Lampreia-BMW provou mais uma vez a sua invencibilidade. Não há dúvida de que os dois Escort TC do Team Ford-Palma não têm possibilidade de se bater com o BMW 2002 e com o Porsche 911. A Ford deveria, isso sim, lançar os seus Escort TC em rails, onde têm provado ser quase imbatíveis.

## Turismos

Lá estive, mais uma vez, na prova de Turismo de Série, desta feita integrada na de Turismo Especial, sem que disso muito boa gente se tivesse apercebido...

Já há dois meses tinha treinado este circuito com o Cortina Lotus e sabia de antemão ser esta prova em que mais possibilidades teria de vencer. Nos treinos logrei obter o melhor tempo do grupo, logo seguido de Albio Pinto e Francisco Romãozinho. No entanto havia ainda muito a melhorar, disso estava certo.

O carro estava realmente excepcional, e eu estava, sem dúvida, num daqueles dias raros de garra, isenção de perigosos entusiasmos. Correu tudo bem e a prova quase não teve história, além de uma partida um pouco «pericálca» com Sá Nogueira à minha frente, impossibilitado de arrancar e eu a ter que furar entre o terreno de outros, o que me custou desde logo uma desvantagem em relação aos mais felizes no arranque — Albio Pinto e Romãozinho. No entanto, cedo me coleei a Romãozinho, decidindo ultrapassá-lo duas voltas mais tarde, por ver que pouco estávamos a ganhar aos restantes da «nossa corrida». A

## Grande decepção

As «3 horas» constituíam o grande cartaz do festival, mas não passaram de ser uma grande decepção para todos, pilotos, concorrentes, e em especial para o público, que na sua grande maioria, não «aturou» mais do que metade de uma prova que, se algum interesse teve, foi apenas durante os primeiros 45 minutos.

Com o abandono do Lola de Max Wilson (fuga de óleo) e do grande favorito Nogueira Pinto (ruptura do apolo da caixa do seu Porsche 906), assistimos a um ridículo e enfadonho passeio de Carlos Santos no segundo Porsche 906.

E assim assistimos a uma monótona proclamação dos dois primeiros. Veremos no entanto se esse deosar de andamento não poderá ter roubado a qualquer dos dois a vitória no Índice de Performance, em benefício do Cooper S de Giovanni Salvi.

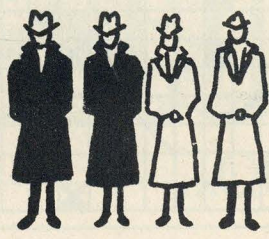
Só o saberemos uma semana depois da prova ter acabado, pois a organização parece não ter conseguido os serviços de um computador para o cálculo dos resultados ao índice.





## INVESTIGAÇÃO

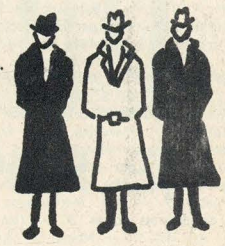
1. Qual o número ideal de pessoas para trabalhar numa investigação normal, em edifício fechado.  
a) Quatro. b) Duas. c) Três.



a)



b)



c)

## JURISPRUDÊNCIA

2. Nos tribunais ingleses e principalmente nos casos de crimes graves:  
a) Bastam para o julgamento as fotografias feitas no local do crime, com a escala fotográfica devidamente anotada;  
b) Ou é necessário citar o próprio fotógrafo para a prova gráfica, perguntando-lhe como foram feitas as fotografias e o seu testemunho nesse ponto faz parte das provas?



## TÉCNICA POLICIAL

3. O perito entregou ao agente examinando uma arma cujos números de fabrico tinham sido limados e entregou-lhe ao mesmo tempo três cartões com as seguintes hipóteses:



1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

## RESPOSTAS

**SOLUÇÃO 1.** INVESTIGAÇÃO  
b) Duas. Um regista sistematicamente e tira medidas a curta anota os pormenores num bloco de informações.  
**SOLUÇÃO 2.** JURISPRUDENCIA  
b)  
**SOLUÇÃO 3.** TÉCNICA POLICIAL  
c) CARTÃO C

**CARTÃO A**

A lima actua sobre o metal de tal modo que é impossível voltar a saber-se o número da arma.

**CARTÃO B**

Aplicando cera derretida sobre a parte limada e deixando-a esfriar, ao retirarmos o molde é possível lermos na cera o número raspado.

**CARTÃO C**

A modificação da estrutura do metal no sitio do número não é total e applicando-lhe um reagente adequado, à base de ácido e oxidante, a inscrição inicial reaparece.



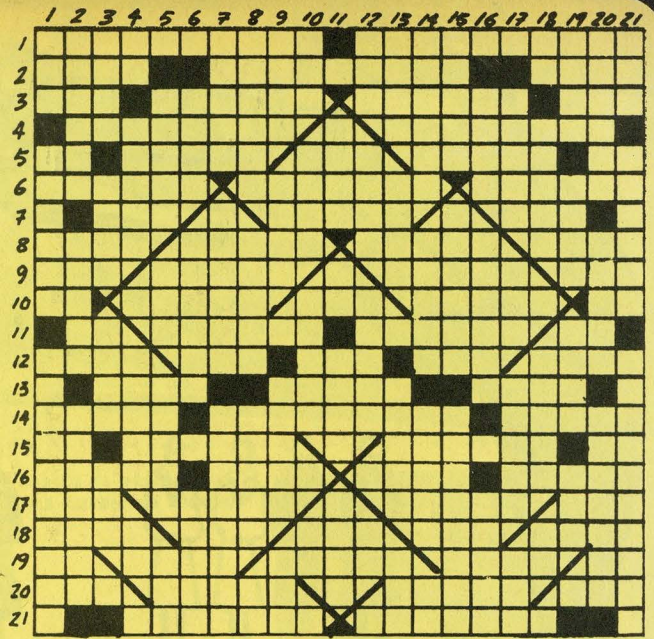
# PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA GIGANTE N.º 4

**HORIZONTAIS:** 1 — Assalariado. Comboeira (navios). 2 — Asneira. Alface agrícola para separar, nas eiras, o trigo das pedrinhas. Terras de poiso. 3 — Nome de homem. Enganar. Corrimão. Única. 4 — Flor aromática. Foucinha. 5 — Pron. pessoal. Edifício, em Atenas, onde o público admirava os músicos e os poetas. Justiça. Sofrera. Pref. de negação. 6 — Escolher. Sombrio. Hirto. 7 — Letras gregas. Coral azul. Moeda japonesa. 8 — Levantes. Indivíduo a quem as suas elevadas ambições foram desastrosas. Bago de uva. Potentado cafreal. 9 — Tráspiro. Sobrecarregue. Ermida. A família. 10 — Outra coisa. Sustenta. Destila. Pessoa a quem se tributa demasiado respeito. Nota de música. 11 — Sim. Exposto ao sol. Refúgio. Pronome pessoal. 12 — Coca. Seguias. A plebe. Período. Onça vermelha. 13 — Prefere. Pragma da espiga dos cereais. Primeiro rei de Israel. 14 — Corrompe. Calcularam. Bando de animais. 15 — Sufixo de ofício ou profissão. Intrigar. Cavar e joear a areia das estreiras para recolher pérolas. Pref. sign. **bem bom...** 16 — Saraí. Queima. A consciência. Surripiar. 17 — Tece. A calva. Quer dizer enxofre. Rio da Áfr. Oriental. 18 — Humor purulento. Igual. Árvore cuja casca serve para aromatizar o vinho. Nome de letra. Célebre corsário francês do século XVII. 19 — Soberano da Pérsia. Bebida do Peru. Calculas. Armadilha para coelhos e perdizes. Segundo. 20 — Igual. Enganar. Idiota. Heroína francesa (1412-1431). 21 — Acasalar. Cadinhos.

**VERTICAIS:** 1 — Unidade de medida de trabalho em todas as formas (sistema C. G. S.). Alforreca. Irregularidade do pulso. 2 — Cimilha. Força. Tribo de aborígenes do Norte do Brasil. 3 — Moeda de ouro (Turquêsão). Herdeiro. O tal humor de certas úlceras. Negativa. 4 — Partia. Calhaus redondos. Avisas. Antigamente eram reis. 5 — Ovo que se coloca no lugar onde a galinha fará a postura. Capa sem mangas. Espécie de freio dos cavalos. Vazia. 6 — Importunar. Penúria. Ventos de Leste. 7 — Ant. instrumento músico de doze cordas. Ajusta. Mistura de diversas coisas. 8 — Vala para drenagem. Sulcais. Homem valoroso. Art def. 9 — Nome de mulher. Peso indiano. Poeta. Agora. 10 — Ontem (t. arc). Chamariz. Vivacidade. Aparência. 11 — A região dos mortos. Porco. Adorno que o supremo sacerdote dos judeus punha ao peito, em certas solenidades. Copo. 12 — Antigo nome de homem. Fama. Carro de quatro rodas, puxado por bois, no Norte de África. Nota musical. 13 — Gemes. Esplêndido. Aves palmípedes que vivem nas costas de Portugal. Ribeira de Portugal. 14 — Lâmpada de três electrodos utilizada em T. S. F. Mineral. Custosa. Diverte-se. 15 — Das mas. Acrescentar (t. arc.). Dores nos músculos. 16 — Líquido volátil e inflamável, resultante da desidratação do álcool pelo ácido sulfúrico. Exaltes cheiro. Acontecimento. 17 — Descobrirei. Para barlavento. Aplaco. Tempo do v. haver. 18 — Não digas mais. Embarcações de recreio. Desgastará por fricção. Metade de uma bota. 19 — Difícilmente. Vinho que se aplica, como excipiente, em medicamentos. Monte de sal. Grita. 20 — Concordada. Almofada em que assenta a canga de jungir os bois. Tornar a abrir. 21 — Ala. Permanecera. Aquele que padece de enfraquecimento da vista.

**NOTA:** Em virtude do pedido de alguns solucionistas dos nossos problemas, que têm apenas o carácter de passatempo e, portanto, sem intuito de concurso, do próximo número em diante adoptaremos o «Dicionário da Língua Portuguesa» — Porto Editora.



PROBLEMA GIGANTE N.º 3 Soluções

**HORIZONTAIS:** 1 — Corpúsculo. Estrompido. 2 — Arau. Aires. Soais. Irós. 3 — Sem. Armur. Musgo. Mie. 4 — Arcaicas. Marcaria. 5 — Al. Au. Tu. Efe. Oa. Bo. A. C. 6 — Pista. Abalo. Ruído. 7 — Assomara. Ovo. Sinto. mas. 8 — Lai. Arruá. Aiaia. Ota. 9 — Em. Da. Taras. Ma. Em. 10 — Namoro. Gazelas. Macera. 11 — Tritto. Cós. Pus. Mamut. 12 — Aiaí. Barca. Ordem. Mará. 13 — Ro. Amolda. Ornara. Os. 14 — Aromeira. Alatoais. 15 — Til. Mo. Bar. Si. Osa. 16 — Aranata. Tapar. Recavar. 17 — Mamilo. Colaria. Rapine. 18 — Analina. Ratam. Cadinho. 19 — Rir. Se. Er. Ar. Mu. Aos. 20 — A. C. Im. Cremariam. Ro. Sas. 21 — Sociologia. Assomarias.

**VERTICAIS:** 1 — Cas. Acalentar. Tâmaras. 2 — Ore. Samário. Irânico. 3 — Rama. Psi. Mia. Alamar. 4 — Pu. Raio. Cotiar. Nil. II. 5 — Acusma. Ro. Modalismo. 6 — Sara. Tardo. Bom. Tone. 7 — Cimitarra. Calema. Co. 8 — Uruou. Au. Górdio. Erg. 9 — Lera. Atascar. Torreí. 10 — Os. Sebo. Az. Abala. Ma. 11 — Favores Apatia. 12 — Es. Melo. Al. Arara. Rã. 13 — Soma. Asapol. Rimaís. 14 — Taurus. Si. Sudras. Ras. 15 — Riscariam. Sentir. Mo. 16 — Osga. Uniam. Mao. Eram. 17 — Órbita. Am. Rascadura. 18 — Pi. Iodo. Acamai. Api. Or. 19 — Irmão. Omo. Ema. Sovina. 20 — Dói. Ateruro. Sanhosa. 21 — Ose. Casamatas. Areosas.

## O PÚBLICO ELEGE OS SEUS FAVORITOS

Como os leitores foram já informados, o processo de votação exclui toda a espécie de correspondência: cupões, postais, etc. Semanalmente, deslocam-se à rua dois repórteres de Rádio Graça que obtêm, directamente do público ouvinte, os votos para este concurso; todas as quartas-feiras são transmitidas as entrevistas de rua e um disco dos artistas mais votados. Esta iniciativa terminará no dia 30 de Julho. Está prevista uma emissão especial, dos estúdios de Rádio Graça, com todos os artistas vencedores presentes, dois de cada série, um do sexo masculino e outro do sexo feminino.

### FADISTAS

Amália Rodrigues . . . 58 votos  
António Mourão . . . 57 »

### CANÇONETISTAS

Simone de Oliveira . . . 53 »  
António Calvário . . . 38 »

Proseguimos com a publicação dos resultados do concurso «O Público Elege os Seus Favoritos», uma iniciativa da Rádio Graça patrocinada pelo «S. I.»

Aproximamo-nos a passos largos do final desta iniciativa que tem tido por fim a promoção da música e dos artistas portugueses. Divididos em duas categorias — fadistas e cançonetistas — têm sido aceites votos para todos os que tenham pelo menos um disco comercial gravado.

Neste momento estão já praticamente definidos os vencedores; no final do mês passado os mais votados eram os seguintes:

(FADISTAS)



"MÊS DE JULHO"

## ENTRE AS DEZ E AS ONZE

PROGRAMA TRANSMITIDO EM RÁDIO GRAÇA ÀS 4.ª FEIRAS

### O PÚBLICO ELEGE OS SEUS FAVORITOS

MASCULINO	1	2	3	4	5	Total	FEMININO	1	2	3	4	5	Total
FERNANDO FARINHA	5	2	5	-	-	12	AMÁLIA RODRIGUES	2	3	2	1	-	8
ANTÓNIO MOURÃO	3	1	3	4	-	11	FERNANDA MARIA	-	-	-	1	-	1
CARLOS DO CARMO	-	2	-	1	-	3	ADA DE CASTRO	-	-	-	1	1	2
FERNANDO MAUROITO	-	1	-	-	-	1	M.ª TERESA NORONHA	-	-	-	1	1	2
CARLOS RAMOS	-	1	-	-	-	1							
VIOLENTE DA CAMARA	-	-	-	1	-	1							

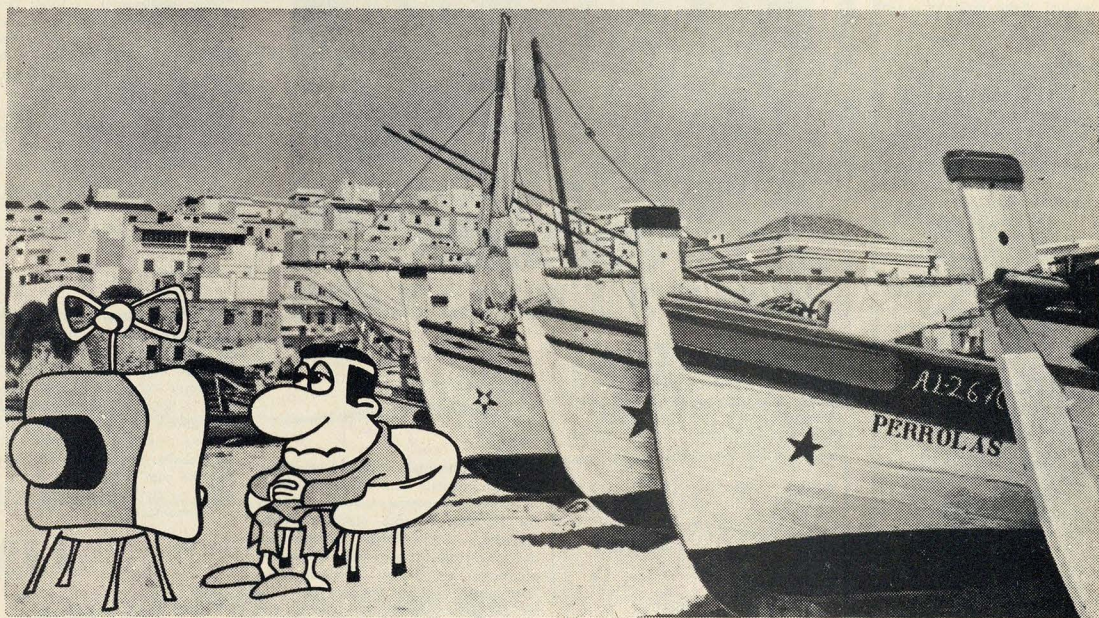
(CANÇONETISTAS)

MASCULINO	1	2	3	4	5	Total	FEMININO	1	2	3	4	5	Total
ANTÓNIO CALVÁRIO	2	1	3	2	-	8	SIMONE DE OLIVEIRA	4	4	2	3	-	13
TONY DE MATOS	-	1	1	1	-	3	MADALENA IGLÉSIAS	1	2	3	1	-	7
ARTUR GARCIA	1	-	-	1	2	4	TONIGHA	1	-	-	-	-	1
RUI MASCARENHAS	1	-	-	-	-	1	MARIA EVA	-	1	-	-	-	1
HUMBERTO DE CASTRO	-	1	-	-	-	1	ELISA LISBOA	-	1	-	-	-	1
DR. JOSÉ APOSSO	-	-	-	1	1	2							
FRANCISCO JOSÉ	-	-	-	1	1	2							



# HA' SEMPRE UM PORTUGAL DESCONHECIDO

...QUE ESPERA POR SI



Nas suas férias, nos seus fins-de-semana, junte o útil ao agradável! Conhecendo o PORTUGAL DESCONHECIDO, pode encontrar locais calmos e repousantes onde com todo o conforto terá o descanso e intimidade que tanto aprecia e de que tanto necessita. Ao mesmo tempo, ai descobrirá os sortilégios de uma vida popular e simples onde se mantêm os costumes e tradições de Portugal antigo, o intacto esplendor da Natureza, também hospitaleira. Junto ao mar, as pitorescas aldeias de pescadores, como as terras montanhosas do interior, esperam por si. Consulte a sua Agência de Viagens e os Órgãos Locais de Turismo.  
**CONHEÇA O PORTUGAL DESCONHECIDO.**





**Vida sentimental** — Novos interesses na sua vida sentimental. Pode contactar com pessoas mais jovens que ajudarão a tornar este período mais alegre. **Vida material** — Possíveis benefícios por especulação. Método e ponderação ajudarão bastante a um melhor resultado nos esforços que efectuar para se aperfeiçoar. **Vida física** — O excesso de prazeres pode perturbar o seu bom equilíbrio e originar perdas de vitalidade ou excesso de nervosismo.



**Vida sentimental** — Confie na sua boa estrela. Bom clima para tentar superar os obstáculos que tenham surgido na sua vida afectiva. Mostre-se agradável para com os seus familiares e amigos. **Vida material** — As suas viagens de trabalho serão muito favorecidas. Dedique-se ao estudo dos projectos para o seu futuro. Não se esqueça da prudência quando debater questões de dinheiro. **Vida física** — O seu fígado estará sensível. Evite o álcool e apimentados.



**Vida sentimental** — Antes de tomar uma decisão, certifique-se primeiro dos acontecimentos. O seu procedimento pode originar desentendimentos com os seus familiares. **Vida material** — Embora as perspectivas sobre o seu trabalho sejam regulares, convém ser ponderado nas suas resoluções. Seja mais optimista e tudo se resolverá. **Vida física** — Evite comer demasiado, sobretudo à noite.

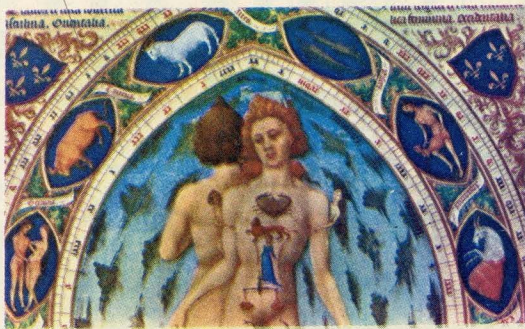


**Vida sentimental** — Procure seguir alguns conselhos da pessoa amada e, evite magoar as pessoas que lhe dedicam a sua amizade. Seja compreensivo. **Vida material** — Cautela com acções que possam perturbar as suas finanças. Todavia, será um dos melhores períodos do ano para cuidar da sua situação material. Tente equilibrar os gastos. **Vida física** — Se tem tendências congestivas, o melhor é procurar um médico, com urgência.



**Vida sentimental** — Deixe que a solidiez dos seus sentimentos seja apreciada, revelando um pouco mais de si mesmo. Evite os caprichos e exigências, se pretende ser bem visto... pela

Os que nasceram entre 27 de Julho e 2 de Agosto são generosos e francos. A sua capacidade de chefia e de orientadores faz com que sejam optimamente adaptáveis aos lugares que requirem pessoas capazes de impor autoridade e respeito. A sua natureza teria muito a lucrar, no entanto, se fossem um pouco menos arrogantes. Sempre prontos para agir e em actividade constante, chegam a ser heróicos e a atingir posições de alto relevo na sociedade. Convêm-lhes profissões liberais, o jornalismo ou tudo em que possam aplicar o seu imenso valor de construção. Excelentes na Medicina, na Música e também para as actividades bancárias. Lutarão constantemente para atingir a independência financeira que ambicionam, mas gostarão, contudo, de gastar largamente.



## HORÓSCOPOS



### SEMANA DE 27 DE JULHO A 2 DE AGOSTO

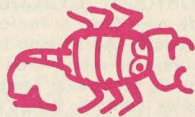
pessoa amada. **Vida material** — Boas perspectivas no campo profissional ou sucesso em quaisquer outras actividades em que a sua personalidade possa destacar-se. Saiba agir com inteligência. **Vida física** — Cuidado com a qualidade dos alimentos que ingerir.



**Vida sentimental** — Semana bastante perigosa em amor; cuidado com uma pessoa hipócrita, falsa. Os seus caprichos sentimentais podem originar-lhe situações complicativas. **Vida material** — Mantenha firme o seu ponto de vista e ideias. Estabeleça um programa de actividade que o leve ao aperfeiçoamento de si mesmo e faça destacar as suas capacidades pessoais. **Vida física** — Não tome remédios sem conselho médico. Distúrbios intestinais a temer.

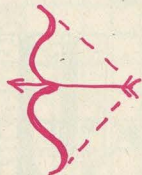


**Vida sentimental** — Evite as confidências sentimentais com pessoas interesseiras. Dê um pouco mais de assistência às suas relações afectivas. **Vida material** — Saiba cuidar da evolução dos seus projectos e de tudo que tenha esperanças de realizar. Semana favorável para qualquer espécie de actividade. Procure desenvolver as suas relações profissionais. **Vida física** — Alimentos ricos em fósforo poderão combater uma ameaça de depressão nervosa.



**Vida sentimental** — Seja mais optimista e tudo se arranjará conforme os seus desejos. Mas cuidado com atitudes

irreflectidas ou sentimentos descontrolados. **Vida material** — Seja menos ambicioso e não tome resoluções precipitadas em se tratando dos seus negócios. Procure agir com inteligência para não ter prejuízos. **Vida física** — Distúrbios de vista, do ouvido, e cuidar sem demora.



**Vida sentimental** — Cautela com o sentimentalismo exagerado. Não tome decisões impulsivas e não confie muito no sexo oposto. Poderão surgir aborrecimentos. **Vida material** — Período favorável para o desenvolvimento das suas actividades espirituais. Mostre-se menos autoritário e mais diplomata. Bom clima para viajar e gozar as férias... **Vida física** — Dê repouso aos nervos por meio de menor actividade física.



**Vida sentimental** — Salvo para os assuntos vincadamente de carácter espiritual, este é um momento bastante negativo no plano amoroso. **Vida material** — Saiba orientar sem pessimismo as suas actividades, de forma a evitar reverses. Acautele a sua reputação, agindo com mais prudência. Cautela com as incondições imprudentes. **Vida física** — Cuidado com a alimentação. Evite pratos pesados...



**Vida sentimental** — O clima é vantajoso para cuidar de tudo que se ligue aos assuntos afectivos. Entretanto, procure ver melhor os seus problemas e não actue com precipitação. **Vida material** — Receberá uma notícia muito alentadora a respeito de trabalho. Procure orientar, convenientemente, o seu trabalho profissional. Não desanime, trabalhe com afinco. **Vida física** — Boa saúde no conjunto, entretanto fiscalize sua alimentação.



**Vida sentimental** — Verá os seus problemas resolvidos, mas não pense concretizar as suas ambições sentimentais de qualquer espécie, pois os resultados seriam péssimos. **Vida material** — Aconselha-se prudência nas suas acções e boa orientação. Faça todo o possível para resolver os assuntos que estão pendentes no seu trabalho. **Vida física** — Preste a devida atenção à sua vida fisiológica e aos seus nervos.



# GRANDE NOTÍCIA A CURA DA CALVÍCIE

7 anos de conhecimento público que atesta por si este grande feito sem um caso de negação. A grande notícia é do CABELEIREIRO COUVEIA, O PIONEIRO da cura da calvície.

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, 27, 1.º-DT.º — TELEF. 55 64 34

**NÃO ESCRIVAM**

N. B. — TODOS OS TRATAMENTOS SÓ SÃO FEITOS NA CASA. POR ISSO É INÚTIL ESCREVEREM A PEDIR CONSELHOS. OBRIGADO!



## Emagrecer **OBESYL**

**NORMAL ou LAXATIVO**

Elimina as gorduras, evita a assimilação, regula o intestino, normaliza o fígado e activa a função renal.

**Perca o peso que quiser  
SEM FOME, SEM DIETA, SEM SACRIFICIO**

**OBESYL Laxativo** — A pontualidade intestinal sem cólicas nem acostumação.

Propaganda (grátis) da **FAL** — Apartado 2.142 — LISBOA

# LEIA o jornal "O SECULO"



## IBAC CABELEIREIROS

Os mais modernos posticos e cabeleiras, penteados por categorizados artistas. Gerência de Cordeiro do Vale e esposa. 4 manicuras e ajudantas. Não espera—Massagista.

Praça do Chile, 7 • Telefones: 5 21 04 - 55 33 27

## ESTUDE

### RADIO TELEVISÃO E TRANSISTORES



A VIDA MODERNA EXIGE  
HOMENS PREPARADOS

Em sua casa, por correspondência, recebe lições, ferramentas, aparelhos de laboratório e material para praticar.

Em pouco tempo e economicamente será um verdadeiro técnico.

Peça o folheto grátis à

**EURORÁDIO**

Av. Manuel da Maia, 32

Lisboa 1 Telef. 43563



Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Localidade \_\_\_\_\_ S.I.

Leia

a

«**VIDA MUNDIAL**»

*espere e  
fica pronto!*



**FOTOCOPIA  
EXACTA**

RAPIDEZ • PERFEIÇÃO

DISCRICÃO  
SUCURSAL DE «O SECULO»  
ROSSIO, 23

## ACABA DE SAIR NOVA PLANTA DE LISBOA

# 10\$00

Atualizada, medindo 87 x 58 cm., a 5 cores, modelo portátil e encadernado, capa a duas cores e ainda com um pequeno mapa dos arredores, quadrícula para a fácil consulta de indicações úteis, tais como transportes de camionagem, caminhos-de-ferro e fluviais, cinemas, teatros e outras diversões, locais turísticos, como o museu, monumentos, parques, mercados e outras curiosidades.

Envie o seu pedido em carta com letra bem legível, incluindo o valor em selos do correio, a:

**E. FIGUEIREDO**

Rua de S. Marçal, 3-1.º

LISBOA - 2

(Não se fazem envios à cobrança nem se aceitam selos do Ultramar e estrangeiro).

ESTE SEMANÁRIO  
É TRANSPORTADO  
PARA TODO O PAÍS  
NOS COMBOIOS DA

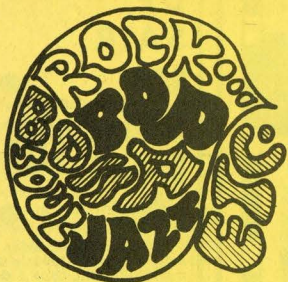


## Sempre sofri de dores nos PÉS...



...até que um dia me deram este conselho: Mergulhe os seus pés em água bem quente oxigenada e tonificante graças a uma porção de SALTRATOS Rodel. Que alívio e que conforto! Calos e calosidades amolecem e tiram-se mais facilmente. SALTRATOS Rodel um benefício para os meus pés. À venda nas farmácias, drograrias, perfumarias e em todas as boas casas. Preços módicos.





# FERRE, BRASSENS, BREL

FLIPIE publica hoje uma entrevista extraída do número de Fevereiro da revista francesa «Rock & Folk», uma conversa entre um dos redactores de «R & F», François-René Cristiani, e três nomes grandes da canção francesa: Georges Brassens, Léo Ferré e Jacques Brel.

FLIPIE discorda um pouco da forma como a entrevista foi conduzida, entende que a reunião de três personalidades como as presentes poderia ser particularmente mais produtiva. Só que não tem qualquer possibilidade de exemplificar ...

Em todo o caso, FLIPIE julga que uma entrevista com artistas deve debruçar-se de forma particularmente mais incisiva sobre a sua actividade, a forma como a encara, quais as ideias que enformam a sua obra, etc., isto com detrimento até da abordagem da faceta pessoal do entrevistado. Ou, então, se bem pelo contrário o que se pretende é dar um retrato do «interior» do entrevistado, tudo muda de figura e as próprias perguntas adquirem um novo significado, em que as respostas têm de ser analisadas, etc.

A entrevista que aí fica «não é carne nem peixe» ... Saltita-se de assunto em assunto, sem aprofundar nenhum e sem levar os entrevistados a clarificarem determinado número de posições e afirmações. Como é possível que três homens como Brassens, Léo Ferré e Brel afirmem que não compreendem as letras dos Beatles porque não sabem inglês e que essa compreensão, aliás, não lhes parece muito necessária? Porque não deixar bem claras as afirmações sobre os adultos, o anarquismo, a religião, as mulheres, etc.? Uma entrevista tem de ser um interrogatório e não se podem deixar os problemas resolvidos com **boutades** mais ou menos brilhantes ou afirmações que exigiam explicações.

Até porque FLIPIE entende que a faceta da personalidade de um artista que fundamentalmente interessa conhecer é aquela que resulta do conhecimento da sua obra. O quotidiano do criador, a sua personalidade, são elementos acessórios, que podem até ter sido ultrapassados na realização de uma obra. E, se nesses aspectos, alguns há que interessam, são aqueles que mais directamente se ligam com a sua actividade e a sua obra, com a consciência da sua actividade.

Acresce que a mística da estrela criada pelas sociedades ocidentais se baseia exactamente na exploração de personalidades fictícias para compensar a inexistência de conteúdo nas obras. E essa exploração é exactamente obtida através de entrevistas, de reportagens sobre o quotidiano da estrela — que mais nada tem além disso. O problema é que existe uma habitude, um interesse nesse sentido e, mesmo quando o público evolui e aprecia artistas de craveira mais elevada — como seja o caso dos três presentes — continua a manifestar em relação a eles um interesse por essa faceta pessoal, pela vida quotidiana, pelos gostos, etc. Trouxe esse vício das dos pesos alienatórios da sociedade em que vive, libertou-se um pouco deles ao gostar de artistas de qualidade, sublimou esses vícios esperando que, ao explorar a intimidade desses artistas, lhes surjam afirmações realidades, inteiramente válidas, paradigmáticas, exemplares, a contrastar com o vazio dos quotidianos das estrelas.

Ora, o facto é que essa exigência é descabida e, ao ceder-lhe, fazendo uma entrevista, corre-se o risco de, por causa de um problema de segunda ordem (o quotidiano do artista), desiludir um interessado do aspecto fundamental (a obra). Cabe assim ao entrevistador deixar sempre bem especificado o que foi dito e as razões que existem por trás. E não nos parece que Cristiani tenha resolvido a questão da melhor maneira.

Seja como for, a entrevista tem aspectos com interesse. E, feitas estas ressalvas, aqui fica. Mas, mais importante do que ler o que disseram Brassens, Ferré e Brel, é ouvir as suas obras. É aí que eles efectivamente **dizem** o que têm para dizer!

**FLIPIE**



**Cristiani** — Têm consciência do facto de que são os três maiores autores-compositores-intérpretes da canção francesa desde há anos e sempre com o mesmo êxito?

**Ferré** — Eu, pessoalmente, estou consciente, antes de mais nada, de que estou com dois companheiros. E isso, há já muito tempo que o desejava. Hoje em dia as pessoas não se cansam de perguntar: «Que é para si a canção, que é para si isto, que é para si aquilo?» Ora muito bem, estou-me nas tintas. O importante, julgo, é um pouco de amor que se pode dar ou receber, assim, por exemplo, em redor de um microfone. Agora, que há vinte anos fazemos canções, os três, que nos fartámos de trabalhar, que nos tartámos de sacrificar pelo ofício, que hoje podemos cantar tranquilamente numa sala, sem polícias nem indivíduos que nos vieram apurar, limita-se a ser, finalmente, a justiça. Faz-se o que se pode, diz-se o que se tem vontade de dizer, e não é necessário matar a cabeça por causa disso.

**Cristiani** — Estão os três editados na colecção «Les poètes d'aujourd'hui»...

**Brassens** — Não somos os únicos. E isso não quer dizer grande coisa, essa maneira de dividir...

**Cristiani** — ... mas, então, não se considera um poeta?

**Brassens** — Não é bem isso. Não sei se sou um poeta, é possível que o seja um pouco, mas pouco me importa. Misturo as palavras e a música, e depois canto-as.

**Cristiani** — Creio que também Jacques Brel nega ser um poeta?

**Brel** — Sou um «cançonestista»!

Sou um pequeno artifice da canção.

**Ferré** — As pessoas que se intitulam poetas são pessoas que, no fundo, o não são. Posto o que, se me disserem que sou poeta, aceito-o. Mas é como se me dissessem que sou sapateiro e faço belos sapatos. Subscribo o ponto de vista de Brel.

**Cristiani** — Segundo vós, a canção é uma arte? Uma arte maior ou uma arte menor?

**Ferré** — Brassens disse uma grande verdade: «Misturo as palavras e a música.» Eis o que eu faço.

**Brassens** — Precisamente. É inteiramente diferente do que se chama correntemente poesia, que é feita para ser lida ou dita. Quando se escreve para o ouvido é-se forçosamente obrigado a empregar um outro vocabulário, palavras que entrem no ouvido mais facilmente. Se bem que o possa fazer também com o disco, o leitor tem mais facilidade de voltar atrás. É diferente.

**Brel** — Sim, mas, de qualquer forma, defendo que o disco é um subproduto da canção.

**Ferré** — É exactamente como uns bons chocolates, uns chocolates extraordinários, fora do comércio. Guardam-se em casa. Mas a partir do momento em que se metem num pacote e se põem à venda, isto deixa de interessar. Quanto a mim, se faço bons chocolates e os outros os comem, não quero saber. O pacote é o disco. O disco é um pouco a morte da música.

**Brassens** — Dantes, cantava-se. Quando um indivíduo fazia uma canção, as pessoas copiavam-na,

aprendiam-na e cantavam-na. Participavam, tinham cadernos com letras. Hoje o público tornou-se mais passivo.

**Ferré** — Há também pessoas que recebem primeiro a música, outras que recebem primeiro as palavras. As mais inteligentes recebem primeiro as palavras. As mais sensíveis — e talvez as menos inteligentes — recebem primeiro a música. O que dá origem a que eu tenha dado a conhecer Baudelaire a pessoas que não fazem a mínima ideia de quem é Baudelaire.

**Brel** — Dantes, quando um sujeito escrevia uma canção, as pessoas reproduziam-na — como dizia Georges —, hoje somos nós que nos reproduzimos. Na realidade, o maior inventor da canção foi esse engenheiro inglês que descobriu o princípio da microgravação durante a guerra. Agora, tenho a impressão que ponho ovos...

**Ferré** — É isso. Você dizia há pouco que éramos poetas, que éramos artistas... não! Sabe o que somos, os três?...

**Brassens** — ... Pobres patos em frente de um micro!

**Ferré** — Não, somos cantores. Porque cantamos. Porque se não tivéssemos voz não nos podíamos apresentar num palco. Porque se não tivéssemos voz, tu não escreverias, Georges, nem tu, Jacques, e eu muito menos.

**Brassens** — É muito amável da tua parte dizeres-me isso. Dado que eu, nesse aspecto, não sou brilhante, heim!

**Ferré** — Sim, tu tens voz. Tu cantas. E ele também. Se ele não tivesse voz, quem cantaria as can-

ções de Brel? Tudo o que fez não o teria escrito.. Ele escreveu as suas canções porque as «publicou» com a sua voz.

**Brel** — O que equivale mais ou menos a dizer que se é cantor exactamente porque se tem voz.

## A solidão

**Cristiani** — Algum de vós já fez outra coisa além de cantar e compor? Essa experiência foi-vos útil para a vossa actividade actual?

**Ferré** — Não se pode fazer mais nada. Com certeza, todos estudámos, fomos à escola, como toda a gente.

**Brassens** — Vivemos, eis tudo. Mas fizemos, fizemos sempre, canções.

**Brel** — Ah! Isso é-me indiferente, eu não fazia absolutamente nada!

**Brassens** — Não és o único. Eu também nunca fiz mais nada além disso.

**Cristiani** — Julgo que todos fizeram, numa altura ou noutra, um pouco de cinema? Pensam que há relações entre o cantor e o comediante?

**Ferré** — Verdaderamente, nunca representei. Mas creio que não seria capaz de o fazer. Gostaria bastante, contudo. Como se gosta de fazer uma coisa que não se é capaz.

**Brassens** — Por mim, também não sei. Sinceramente, não sei mesmo.

**Brel** — Eu fiz dois filmes. Não para fazer o cinema dos irmãos Lumière, mas porque das duas vezes havia uma pequena ideia de liberdade. E eu estou muito arreigado às minhas ideias sobre a liberdade! A primeira vez foi «Les risques du métier». A outra foi «La bande à Bonnot». Foram ideias que me seduziram. E acho que, se se pode dar uma ajuda a uma ideia, é de fazê-lo.

**Cristiani** — O cinema é antes de mais nada um trabalho de equipa. Contrastou muito com o vosso trabalho solitário de cantores?

**Brel** — Não. Na comédia musical também se pode falar de trabalho de equipa.

**Brassens** — Não acredito que seja o trabalho de equipa ou qualquer coisa desse género que possa acrescentar seja o que for. Um indivíduo ou gosta de representar ou não gosta. Eu não gosto, mas não tenho nada contra o trabalho de equipa. O filme que fiz, «Porte des Lilas», fi-lo com amigos como Brassens, Bussiéres, etc. Correu bastante bem. Não me incomodavam. Do que eu não gosto é do lado técnico, mecânico; tanto quanto este microfone que nos plantou de baixo do nariz!

**Ferré** — Quando cantamos, quando estamos sós em frente dos projectores, apenas com a roupa, a viola ou o piano, nós compreendemos o que é a solidão de um cantor. Desenvencilhamo-nos com aquilo a que se chama *métier*, mas nem sempre é fácil. O que per-





gunto a mim próprio é se, para Brel, a solidão no teatro é a mesma que durante um espectáculo de canto.

**Brel** — Sim, a solidão é a mesma.  
**Ferré** — Queres dizer que, quando desempenhas o teu papel, no meio de outros, quando lhes dás réplicas, estás tão só como quando cantas numa sala durante duas horas? Isso é novo para mim, nunca me tinha apercebido.

**Brassens** — Mas certamente. Por-

que se as coisas não correrem bem dir-se-á que ele não «foi» bem. É na mesma necessário que ele lance o seu grito, da mesma maneira que num recital.

**Ferré** — Logo, rodeia-se logo da sua carapaça quando entra em cena.

**Brel** — Para «L'Homme de la Mancha» foi um pouco diferente, dado que fui eu que provoqueei essa loucura. De forma que fiquei um pouco só com a minha loucura.

**Cristiani** — Os outros não a compartilhavam?

**Brel** — Sim, compartilhavam! Mas é de crer que não o considerassem como uma loucura. Enfim, eu, quando represento, sinto-me completamente só.

**Brassens** — Não te preocupes. De qualquer forma, estás sempre só, em quaisquer circunstâncias. E não és o único, aliás!

**Brel** — Um indivíduo que me diga que não está só na vida, é

porque ainda é mais belga do que eu!

**Cristiani** — Seja o que for que fizerem, estais sempre sós? Quereis dizer com isso que para fazer coisas grandes e belas é preciso estar só e infeliz?

**Ferré** — Ah, sim! As únicas coisas válidas fazem-se na tristeza e na solidão. Creio que a arte é uma excrecência da solidão. Os artistas são homens sós.

**Brel** — O artista é um homenzinho totalmente inadaptado e que se limita a dizer publicamente o que um sujeito normal diz à sua cara-metade à noite.

**Ferré** — Digamos antes, o que um sujeito normal PODERIA dizer à sua mulher à noite.

**Brassens** — Apesar disso, às vezes ele di-lo melhor!

**Brel** — É verdade. Mas o artista é um tímido, é um indivíduo que não consegue abordar os assuntos de frente e que só consegue dizer publicamente o que devia dizer de forma normal na sua vida. É também um pouco orgulhoso: ouve dizer tantos disparates, que acaba por sentir um certo orgulho. É, finalmente, muito clínico, quase um doente. E dito isto, o pior é o artista que não é artista, o tímido que não põe o seu ovo. É um horror, e aí caímos irremediavelmente no caso clínico.

**Cristiani** — Já não é um artista, então?

**Brel** — Própriamente dito, não.

**Ferré** — Há uma palavra para isso: amador.

## A canção: um ofício livre?

**Cristiani** — Pode dizer-se que, nesta profissão, sempre fizeram o que quiseram?

**Ferré** — De forma alguma. Se exercesse este ofício como queria, esvaziaria as salas. Portanto, faço concessões.

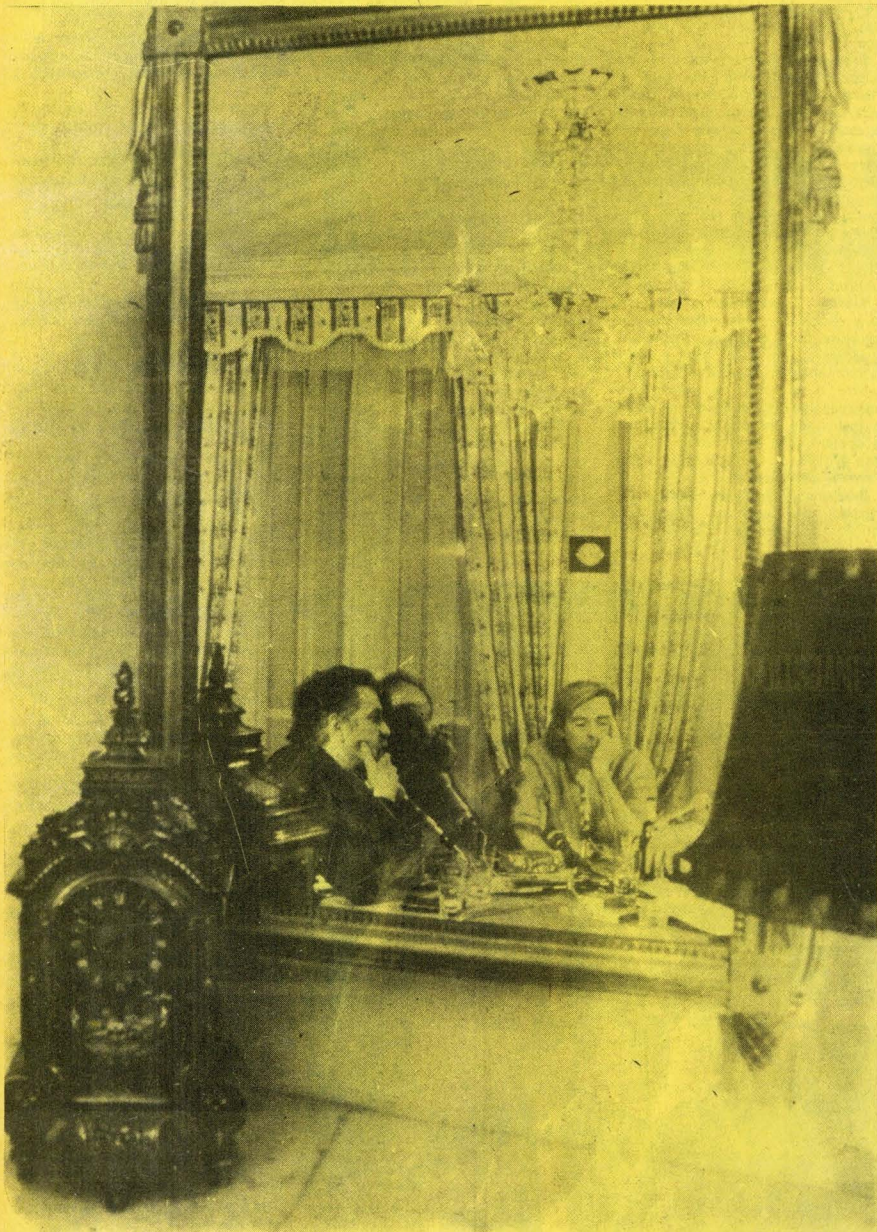
**Brassens** — Queres dizer com isso que não dizes exactamente o que queres, e da maneira que queres? Certamente. Mas, no conjunto, tens apesar de tudo a possibilidade de cantar quase o que queres, desde que o grites um bocadinho.

**Ferré** — Ah, e porquê? Porque agora somos homens públicos. Mas quando comecei, apodrecia à porta dos editores.

**Brel** — Pela minha parte, não tenho esse sentimento. Tenho a sensação de fazer mais ou menos o que quero. Sempre. Não digo que esteja sempre feliz — não tem nada que ver uma coisa com a outra — mas, na generalidade, tenho feito o que tenho querido.

**Brassens** — Apesar de tudo, nós os três encontramos-nos entre aqueles que podem fazer quase o que querem. Evidentemente, não se vai para o palco ameaçar o público de o varrer à metralhadora. Faz-se o que se quer dentro de certos limites, com um pouco de civismo, apesar de tudo.

Continua





### PARALELO SEM COORDENADAS

Roby Amorim



#### NINGUÉM CONHECE NINGUÉM

De há uns tempos para cá, certo tipo de jornalistas entendeu todos os problemas da entrevista — que é um caso sério da profissão — com a pergunta inicial: «Quem é você, Fulano?» A posição desse tipo de jornalistas, aliás abertamente copiada de um «jeito» brasileiro que, de certa maneira, vai fazendo escola entre nós, não tem importância de maior. O que interessa é que reflecte a sua contrária. A do senhor autoritário a quem pisamos os calos e que nos olha sobranceiramente: «O senhor não sabe com quem está a falar?!» Claro que sei: é com ele próprio, um senhor de idade que começa a poder considerar-se avançada e que, pelo visto, deve ter boas relações para a ameaça implícita.

Este vício nacional de «o senhor não sabe quem eu sou...» denuncia muita coisa. Vontade de ser gente, razão aceitável. Razões de subserviência, o que explica muitas coisas. Medos explicáveis, desde que o sr. D. João III importou para cá a Inquisição, a que não tem faltado sucedâneos através dos tempos.

Aqui há pouco mais de um século, as coisas resolviam-se pelo mais simples: bastava olhar a maneira como as pessoas estavam vestidas para se ajuizar do seu estado, da sua profissão, até. Fácil: com estes pode-se falar, com aqueles há que dar volta à língua, com terceiros, o melhor é coser a boca. Hoje, a democratização do traje (no Verão, ainda por cima) leva-nos aos dois extremos: «O senhor não sabe com quem está a falar.», «Eu cá digo o que me apetece ainda que não saiba com quem estou a falar.» Eu, por mim, percebo muito bem esta lógica misteriosa que escapa aos estrangeiros. Dizia-me um deles: «Zanguei-me com o canalizador que não havia meio de me resolver o problema e sabe o que me respondeu: «Sabe com quem está a falar?» Claro que sabia — era com o canalizador que não me solucionava a ruptura, mas parecia-me que, nas palavras do homem, havia uma intenção que me ultrapassava. Não era ele o canalizador, não era eu o cliente mal servido?»

### LIVROS

Guedes de Amorim



#### CAMINHO PARA ROMANCISTA

Desolação: nem todos os dias aparece livro de contos digno de apreço neste País onde tantos, tantos contistas solicitam atenção para os seus trabalhos. Satisfação inesperada: volume excepcional este que nos chega, sob o título «Três Tiros e Uma Mortalha», assinado por Rogério Fernandes. Uma estreia? Considerando-se o livro como o primeiro de ficção que o A. dá a público, parece de estreia tratar-se, realmente. Porém, vindo de quem, e desde há muito, se afirmou no ensaísmo e até como jornalista de pulso e garra, reconhece-se que, acima de tudo, novo e vigoroso caminho de expressão mostra de um autor que, pela palavra escrita, largas e desassombradas responsabilidades tem assumido.

Dos seus pequenos, definitivos trabalhos reunidos, no volume, decorre constante sentido realista, que várias das personagens testemunham, na procura de outra vida. Uma delas, (Jorge, pág. 55, inclinado para a literatura social), declara mesmo, por vezes em resposta a uma colega ingénuo e mal esclarecida, que o bom romance é o que reflecte a realidade, a vida quotidiana, os problemas... Na vida quotidiana e nos seus vários, convergentes problemas estão enraizadas e, sabam-no ou não, mergulhadas por vezes até ao pescoço as figuras criadas ou recriadas por R. F. Nas 150 páginas de «Três Tiros e Uma Mortalha» (Ed. Publicações Europa-América, in col. «Os Livros das Três Abelhas») desdobram-se paisagens, rústicas e urbanas, indelévelmente habitadas. Nem mesquinho nem repetitivo este escritor, confirmando, no conjunto da obra, extraordinárias faculdades de observação, larga imaginação psicológica, poder dialéctico actuante, inconformista, com quadros de intensidade realista. Livro para ler e não esquecer, por todos os motivos. Livro de homem para os homens, com elementos muitos para romance, de resto já anunciado pelo autor. Pois venha o romance, Rogério Fernandes. Pertence-lhe desde já relevante posição na novelística portuguesa.

### DESPORTO

Luís Alves



#### O DIRIGISMO

Na nossa já longa caminhada pelos caminhos absorventes e maravilhosos do jornalismo, temos verificado, muitas vezes, que os indivíduos a quem a crítica mais parece incomodar e que, por via desse estado de inquietação, mais veementemente e com mais frequência se insurgem contra ela, têm quase sempre, por razões directas ou indirectas, qualquer coisa que lhes convém esconder à ventilação. Assim foi que o nosso dirigismo desportivo de todos os escalões se tem comprometido, não só perante os nossos olhos, que ainda seria o menos, mas também perante os olhos de quem tem que colaborar ou aceitar colaboração.

A crítica — releve-se-nos a insistência — só não é útil e só é perigosa, isto é, só não é crítica, quando nos faz chegar ao ouvido as deliciosas baladas que fazem adormecer e ter sonhos cor-de-rosa. A outra é sempre útil e indispensável, em especial quando se trata de coisas públicas e mesmo que tenhamos de lhe aceitar um ou outro pecado de exagero ou intencional desvio.

Seria injusto não reconhecer que ao dirigismo desportivo também tem chegado muita gente séria, competente e desinteressada. Mas, infelizmente e pelas razões já apontadas, essa não é a que fixa arraial. Desaparece depressa e quase sempre para não voltar. Apenas umas tantas dedicações por uma modalidade resistem mais tempo e vão dando um contributo de maior utilidade.

Creemos que o desporto e a educação física ainda não encontraram a calha que os possa conduzir ao nível de utilidade nacional que é indispensável. Uma causa de que depende a formação espiritual e física da juventude, não pode estar dependente de nenhuma espécie de contingências, e muito menos de uma tão oscilante e de nível tão modesto, que se abespinha toda quanto lhe são recusados subsídios para deslocar-se ao estrangeiro e que logo vai proclamar que é por isso que o desporto nacional não progride.



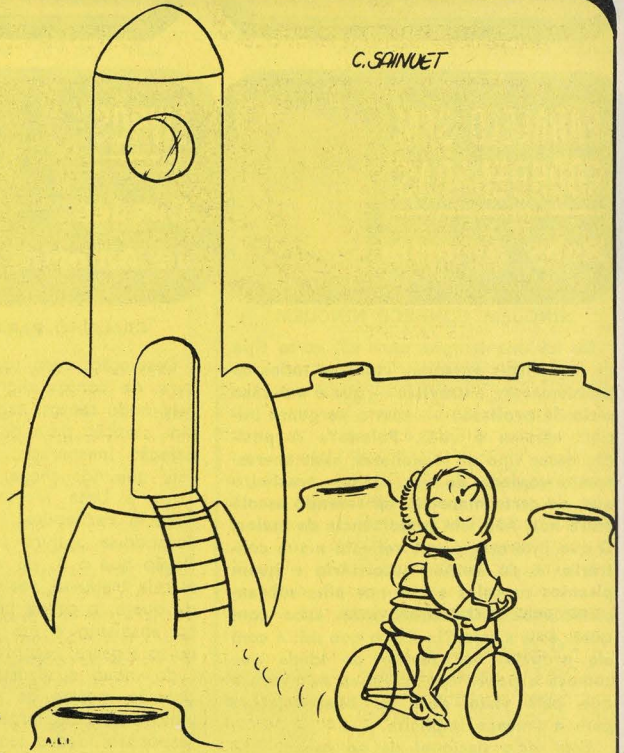
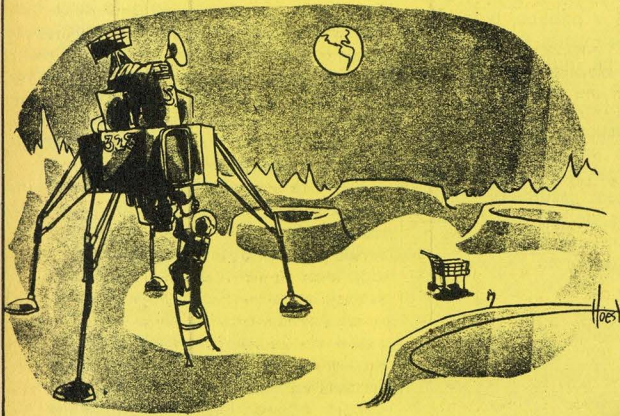


3068

PARO LINI

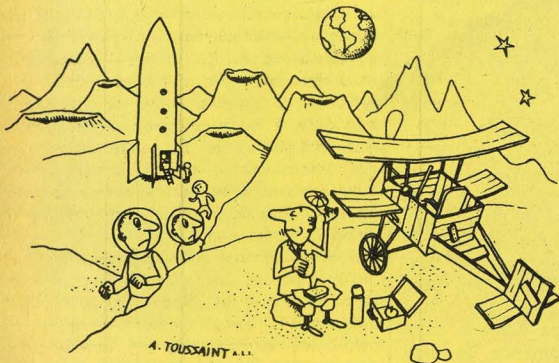
THE BEN ROTH AGENCY INC.

—Que tal uma viagemzinha para ver coisas novas, cabo Araújo?

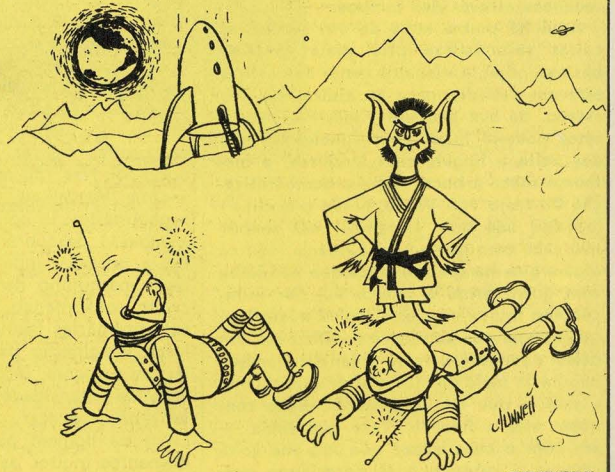


C. SAINVET

A. G. I.



A. TOUSSAINT s.r.l.



CHANNETT

THE BEN ROTH AGENCY, INC.  
This is an original  
(unpublished) cartoon



**CINEMA****Lauro  
António****REPOSIÇÕES**

Ei-las. Fresquinhas. Com barbas. Quentes e boas. Num ritmo vertiginoso. Hoje **Spartacus**, amanhã **Psico**, depois **O Encontro com a Vida**, aqui há dias o **Rocco e seus Irmãos**, **O Dia Mais Longo** ou **O Estravagante Senhor Ruggles**. Reposições para todos os gostos (algumas para desgosto nosso). Para fascínio de muitos um título esperava vez: **O Anjo Azul** (que aguarda reposição no Estúdio 444). Entretanto, passemos um rápido olhar crítico pelo que temos visto nos últimos tempos:

De **Rocco e seus Irmãos** já falámos a semana passada: uma obra-prima da cinematografia italiana, o mais sensacional melodrama que o realismo crítico concebeu. Magnífica era ainda a comédia de Leo Mac Carey, datada de 1935, **O Estravagante Senhor Ruggles**, com um desempenho de Charles Laughton, insuperável de graça e delicadeza. **Spartacus**, de Stanley Kubrick, documenta um excelente momento na carreira do mais inconformista dos actuais realizadores norte-americanos. Algumas ingenuidades e um certo esquematismo retiram a **Spartacus** o vigor majestoso e a denúncia furiosa que, a manterem-se ao longo de toda a obra, fariam dela um inegalável marco épico erigido em honra da liberdade e da justiça. Por seu lado, Hitchcock regressou com **Psico**, película de irrecusável «métier», de construção um tanto ou quanto sádica, aqui e ali entrecortada por um sorriso malandro e ácido.

Quanto ao **Dia Mais Longo**, ele continua a ser o mais longo, o mais aborrecido e chato. A técnica põe-se, neste caso, ao serviço da monotonia assumida com raro impudor. E do impudor passamos rapidamente à desvergonha total. O regresso de filmes como **Sol e Touros**, **Capas Negras** ou **O Encontro com a Vida** não nos permite outros comentários. O mais triste é que o público continua a ocorrer por inconsciência, ingenuidade, estupidéz ou total im-preparação cultural (escolha o leitor o seu termo).

**HUMOR****Carlos  
Pinhão****UM AZULEJO NA CONSCIÊNCIA**

Dos 8 milhões de portugueses (para falar só nos deste cantinho europeu), uns bons 4 milhões começam a impacientar-se por nunca mais serem chamados ao «Zip-Zip». E argumentam:

— Pois se até já lá foi um limpa-chaminés...

— Quanto a mim, são injustos.

— Para mim, o limpa-chaminés até foi o mais giro de todos.

— Contra mim, o engenheiro dos azulejos. Magoou-me profundamente. Acertou-me em cheio, com um azulejo na alma. Se eu estivesse no «Villaret» nesse sábado e se tivesse jeito para espontâneo, punha o dedo no ar e dizia:

— Eu, terramoto me confesso. Terramoto consciente porque dei cabo de alguns azulejos valiosos. Andei no Liceu Gil Vicente, ao tempo a funcionar no antigo Mosteiro de São Vicente. Havia azulejos antigos por toda a parte, nos corredores, nos clautros, nos pátios que serviam para o nosso recreio, mas só o futebol é que nos servia de recreio. «Fute» tínhamos e dávamos cabo dos sapatos. «Bol» é que não tínhamos. Tínhamos de improvisar e o que tínhamos ali mais à mão para o pé eram os azulejos. A gente arrancava-os a pronto ou a prestações.

«Uns bons ladrilhos éramos nós, mas só uma vez me lembro de um professor nos ralhar por causa disso. Já morreu. Era um santo homem. Chamava-se Raul Navas, mas a gente chamava-lhe, claro e pelo menos, «O Maluquinho dos Azulejos»... Perdoai-nos, «sôtôr», se é que ainda vamos a tempo com o nosso arrependimento!... Perdoai-nos as depredações prediais e depreciativas do prédio liceal do Liceu, perdoai-nos isso e os pleonasmos que tanto vos afligiam também, a ponto de vos alterar a fisionomia do rosto!... E é tudo quanto eu tinha a dizer, na minha qualidade de terramoto confesso e zip-zipespontâneo... Perdoai-nos, senhor (engenheiro) que a gente não sabia o que fazia e, para mim, já é castigo bastante, suponho, sentir, a partir de agora, um azulejo na consciência!...

**CLARO  
ESCURO****José  
Mensurado****«BASE DA TRANQUILIDADE»  
— PONTO DE PARTIDA**

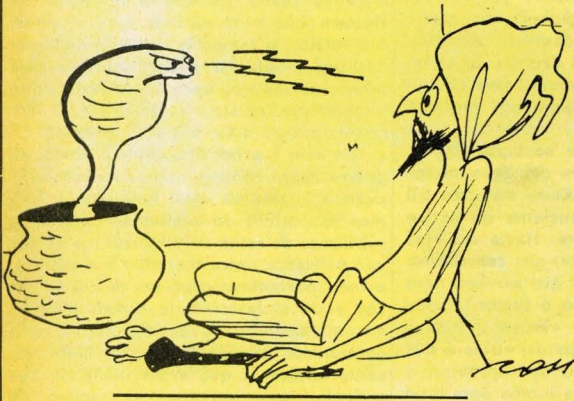
Todas as vezes que penso nos avanços da ciência e da tecnologia conseguidos neste prodigioso século em que vivemos, não posso deixar de concluir que o Homem deve estar a atingir o limite do seu sonho... o que é, evidentemente, minimizar a sua inventiva e a sua capacidade de realização, uma vez que estamos a ter a prova diária de que a grandeza do Homem não tem medida. Nós vivemos, com efeito, o tempo em que as mais audaciosas e, até há pouco, inimagináveis aventuras são não apenas possíveis como também realizáveis a curto prazo. O fantástico passou a ser um «fait-divers».

Isto vem a propósito, como é óbvio, da proeza agora conseguida pelos norte-americanos, diante da qual nos encontraríamos na posição do analfabeto perante as sutilezas de estilo de um Aquilino se não se verificasse, entre o criador e o público, o mais portentoso processo de comunicação e de esclarecimento — sem paralelo em qualquer outra época. Assim, sem necessidade de grande esforço, todos nós compreendemos que a conquista da Lua assinala, com certeza, no registo da aventura humana, mais do que uma gloriosa conquista da ciência, o dia em que o Homem — estudante-mestre do Universo, no dizer de H. G. Wells — alargou os seus domínios por entre os astros e as estrelas! O passeio lunar de Armstrong e Aldrin é acontecimento de tal modo extraordinário, de tal modo fantástico, que transcende a vitória restrita de um povo para se situar exactamente no cume de uma série de conquistas magníficas da inteligência humana.

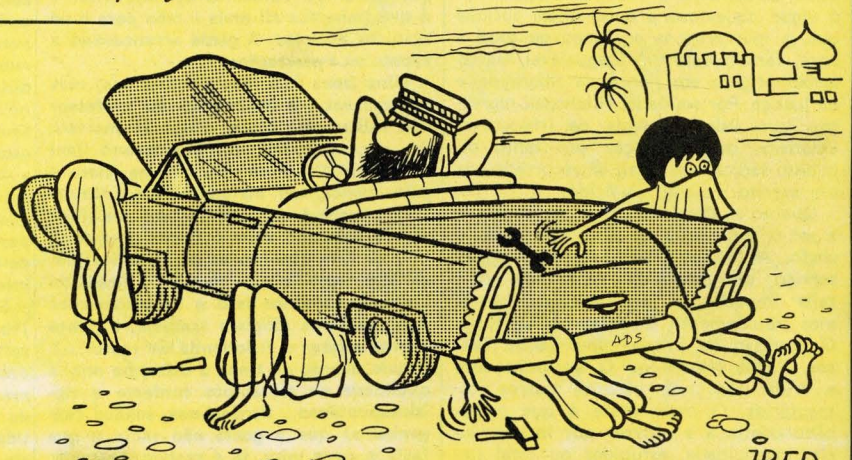
E o único voto possível, nesta hora de júbilo, terá de ser, quanto a mim, o desejo de que o sol desta vitória não seja obscurecido pelas pesadas nuvens do medo. Por outras palavras: que a «Base da Tranquilidade» seja o ponto de partida para as estradas que hão-de conduzir a Humanidade, conscientemente, para um mundo melhor e em paz.



# HUMOR



J. MONAHAN



1594

IBER

# Haig

O WHISKY ESCOCÊS  
DE MAIOR VENDA  
EM INGLATERRA

apreciado  
em todo  
o mundo



SEMPRE QUE DESEJAR  
BEBER WHISKY...  
PEÇA E EXIJA  
HAIG

CONHECIDO DESDE 1628



### MÚSICA

**Maria Helena  
de  
Freitas**



#### ÓPERA NO TRINDADE

O Teatro da Trindade prossegue, triunfante, no caminho que se impôs proporcionar, a preços reduzidos, bons espectáculos de ópera a cargo de cantores portugueses. Depois de um delicioso espectáculo como aquele da **Amelia al Ballo**, de Menotti, numa encenação estupenda de Gino Bechi, e em que Elsa Saque, Hugo Casais e Carlos Jorge formaram um trio de cantores actores que podia actuar em qualquer grande centro, tivemos um **Werther** de primeira ordem, segundo a inteligente concepção de Tomás Alcaide. Desaparecido o célebre artista português, a sua obra subsiste. Alcaide deixou indicações preciosas e bem claras quanto às marcações e aos arranjos de cena das óperas que encenou. A sua viúva seguiu religiosamente tais indicações nesta repositição do **Werther**. Graças, portanto, à admirável planificação de Tomás Alcaide, ao eficiente e doctado trabalho de Asta Rose, ao interesse com que os artistas ensaiaram e também, evidentemente, graças às qualidades vocais e teatrais desses artistas (aliás os mesmos da estreia, em 1967), o Trindade registou um grande e merecido êxito.

Carlos Jorge tem, no protagonista, uma criação de alto coturno. O herói goetheano, foi encarnado por Carlos Jorge com inteligência e subtilidade. Helena Cláudio, com a sua voz tão bela, a sua expressiva máscara, o seu temperamento dramático e vibrátil, foi uma «Carlota» impressionante.

Todos os restantes elementos se integraram nas personagens, com particular relevo para Elsa Saque, João Veloso e Manuel Leitão. Refira-se o bonito guarda-roupa, principalmente o de «Werther» (só não gostámos da «écharpe» de «Carlota», no 1.º acto) e o requinte com que está arranjada a cena, no 3.º acto — esse requinte que marcou a arte de Alcaide. Tem de reconhecer-se que a orquestra é que não esteve à altura do espectáculo. Assim, a acção do maestro Jaime Silva reflectiu-se com mais relevo no que se refere à justeza dos andamentos adoptados e no «clima» criado.

### TEATRO

**Manuela  
Martins**



#### LEMBREM-SE DE DAVID SILVA

**A noite passada aconteceu-me uma coisa que eu já não julgava possível: fui ao teatro e tive uma surpresa agradável. Não, não vi um bom espectáculo mas descobri um actor com talento.**

Aconteceu no Teatro Laura Alves numa das últimas representações de «Pepsie». Não sei porquê tinha falhado a estreia e isso deu-me a possibilidade de adiar. Todos os dias pensava «Vou antes amanhã» com um receio justificado por muitas noites de mau teatro e de teatro falsamente bom.

O espectáculo decorria com a monotonia habitual, o cenário e os fatos particularmente feios nada tinham a ver com a peça, a encenação inexistente. Mais uma noite para esquecer ou tentar esquecer se, a meio do 1.º acto, não entrasse o sr. Hutch (não sei se se escreve assim), importante homem de negócios de passagem por Paris, interpretado por David Silva (em substituição de Jacinto Ramos que anda pelo Ultramar).

Eu já vira David Silva representar por duas vezes: no final da «Perguixa» era o patrão que oferecia a sanduiche ao Soldado e no final de «Black Out» era um dos policiaes que entravam a correr no apartamento da cega. Confesso que nenhuma destas interpretações me tinha chamado particularmente a atenção, por isso, foi com espanto que, a certa altura, reparei que desde a entrada do sr. Hutch deixara de me aborrecer, tinha começado a sorrir, a rir. O mesmo se passava com os outros espectadores que pareciam ter compreendido súbitamente que a peça era muito engraçada. A explicação é simples: David Silva tem talento! E só quem conhece como são feitas as substituições em Portugal pode avaliar o talento necessário para compor um personagem com um tão grande espírito crítico.

Existe portanto no teatro português outro actor com as características físicas de Costa Ferreira e Assis Pacheco, justamente aquele personagem que os empresários têm sempre tanta dificuldade em encontrar. Lembrem-se de David Silva!

### POLÍTICA

**Carlos  
Ferrão**



#### O DEBATE NO SENADO

O debate no Senado americano sobre a construção de um sistema de defesa antimíssil, o qual já exigiu a realização de uma sessão secreta, reveste-se de profunda significação. Na realidade o que está em causa nesse debate é a possibilidade de uma nova corrida aos armamentos nucleares a qual envolveria, para a paz mundial, os mais sérios riscos e que é indispensável evitar para impedir a terceira guerra mundial. Os dirigentes soviéticos e americanos têm a noção dessa realidade e por isso assentaram na realização próxima de negociações que terão por objecto um problema de importância primordial, problema perante o qual os restantes parecem de relativo vulto. Ao fim de muitos anos de «guerra fria» e de confrontações perigosas, sempre portadoras de perigos terríveis, os Estados Unidos e a União Soviética chegaram a acordo para proclamar que é indispensável um acordo sobre matéria tão explosiva. Os seus dirigentes e os seus povos estão na disposições de passar das palavras aos actos.

O presidente Nixon já anunciou que essas conversações devem começar nos primeiros dias de Agosto e o local escolhido para elas será Viena ou Genebra. No último discurso proferido pelo ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, André Gromiko, aquela decisão foi confirmada embora se não confirmasse a data marcada pelos americanos. Esta divergência constituiu um obstáculo à realização do objectivo principal que têm em vista nesta fase de rivalidade russo-americana os dirigentes de Washington e Moscovo. Dela depende a solução dos problemas pendentes na vida internacional, entre os quais os da situação no Vietname e no Médio Oriente onde a guerra faz sentir os seus efeitos dramáticos. As hostilidades entre os árabes e israelitas podem, de um momento para outro, reacender-se e a luta do Sueste asiático eternizar-se com imprevisíveis implicações para a paz mundial.



# "À LUA VAI-SE POR UMA ESCADA DE DÓLARES"

reportagem de Oriana Fallaci

## Quem é o homem que os conduzirá e os trará de regresso

É o melhor dos três, o mais humano e o mais simples. Chamam-lhe Mike Collins e nasceu em Roma, onde decorreram os primeiros doze meses da sua vida e onde o pai, o general Jammes Collins, era adido militar da Embaixada Americana. Como Armstrong e Aldrin estudou em West Point e é oficial da aviação; tem o posto de tenente-coronel. Descende de uma família de militares, ou melhor, de generais. Durante a segunda guerra mundial, seu tio, o general John Lawton Collins, comandava as forças americanas na Europa. E contudo parece tanto um militar como Neil Armstrong um civil. Antes de mais, pela constituição física, não muito robusta, depois pela sua expressão bonacheirona. As fotografias brindam-no, às vezes, com um ar de poucos amigos. Mas visto em pessoa é um homem meigo, com um rosto chato e gentil, dois olhinhos quase inocentes. Também este cora por nada, basta cumprimentá-lo para que se torne avermelhado, mas não reage à timidez com agressividade; reage com o silêncio. Em compensação, possui um notável sentido de humor e foi ele quem comentou as palavras pronunciadas por Frank Borman a propósito da Lua, com esta frase: «Frank será o único astronauta do Mundo, que depois da amargura atingirá o navio, caminhando sobre a água.» Além disso é o único a confessar um «hobby» terrestre: ao domingo vai à pesca. «Paradoxalmente dizem em Houston — aquele que poderia descrever-nos com reacções humanas a Lua é justamente Mike Collins, que não descerá ali.»

Permanecerá em órbita enquanto Armstrong e Aldrin a tocam, mas agradece ao Céu se desempenhar ao menos esta missão. No Natal passado esteve para abandonar para sempre o mister de astronauta. Foi quando se treitava com a equipagem de Borman e foi acometido de dores agudas na coluna cervical. Com essas dores começou a deixar de poder servir-se do braço e da perna esquerda. Sujeitaram-no a um exame e descobriram que entre a quinta e a sexta vértebra se tinha formado uma excrescência óssea. A excrescência calcava a medula-espinhal e podia condená-lo à paralisia. O único remédio era uma perigosa intervenção cirúrgica. Isto significava ficar privado do voo Borman e perder talvez para sempre a oportunidade de ir à Lua. «Não podemos jurar — declarou o dr. Berry — que depois ele possa voltar a voar. Pode acontecer que tenha de mudar de mister.»

— Que sensação experimentaste, Collins?  
— Senti o coração esmagado, chorei como uma criança.  
— E depois, Collins?  
— Depois fizeram-me a operação e correu bem. Curei-me e mandaram-me para a Apolo-11, de que resultou o voo para desembarcar na Lua. Agora choro, de novo, mas de felicidade.  
— Mas não te desagrada, Collins, ir até lá e não desembarcares?  
— Um pouco. Mas quando penso que estive para a não ver de tão perto, não me importa continuar em órbita. «I am not jealous» (Eu não sou invejoso).  
— Deves ser realmente corajoso, se te escolheram para este voo depois da doença que tiveste.

— Ah! não! Há tantos outros mais corajosos do que eu! Eu sou assim, assim: não sabes que perdi a máquina fotográfica no espaço, durante o meu voo Gémeo? Não sabiam o que fazer, porque desatei a chorar, e assim deram-me este presente: a Lua.

Sem qualquer espécie de vaidade, é o único dos três que conhece o significado desta palavra: humildade. Qualquer pessoa te dirá: «He's a good guy, a real good guy.» (É um bom rapaz, é mesmo um bom rapaz). Com um pai e um tio general, não se ofereceu como voluntário para a guerra da Coreia e preferiu ir a Paris, com as forças da N. A. T. O., onde passou quase todo o tempo a fazer a corte a uma moçoquinha que trabalhava na Cruz Vermelha: uma tal Patrícia, com quem veio a casar. Deixa teve um filho. Não há mais nada a contar acerca de Collins, cuja mania é colocar lápis em cima da mesa, como

soldadinhos. Ganha 17 147 dólares e 76 cêntimos por ano, isto é, menos que os outros dois.

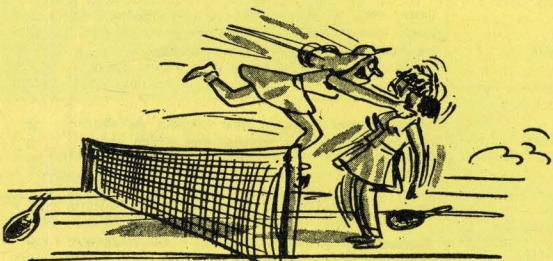
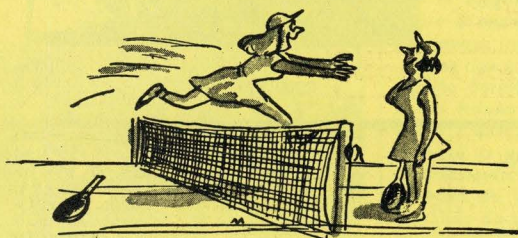
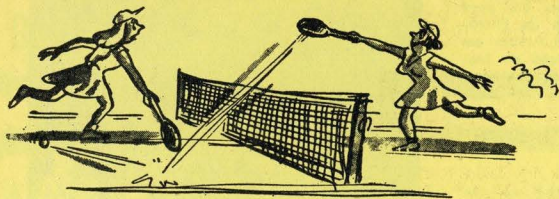
Absolutamente por acaso. Como num jogo de dados. Os que julgam que uma tal escolha tenha dependido de qualquer mérito particular, ou de cálculo político ou de uma decisão do presidente dos Estados Unidos, engana-se. Ela depende nem mais nem menos do modo como se sucederam os voos Apolo e do facto de Neil Armstrong ter sido encarregado de comandar a Apolo-9, isto é, um voo que não previa o desembarque na Lua; da mesma maneira a Apolo-8, ou seja o voo de Frank Borman, que não previa a órbita em torno da Lua. Circunstâncias e coincidências bastante banais mudaram, a partir do Natal, a rotação dos voos e os programas fixados a todos os voos. E também às vezes os membros da equipagem. Por exemplo, Frank Borman não devia ter estado na Apolo-8; esse voo estava reservado a Jim McDivitt, que deveria ter experimentado a cápsula LEM, não em órbita à roda da Lua, mas em torno da Terra. Eis senão quando, pelo Natal, a cápsula LEM não estava pronta e assim decidiu-se fazer voar Frank Borman, que antes havia sido destinado à Apolo-9, para voar, à roda da Lua, com a cápsula Apolo e a cápsula LEM: isto é, o voo que fez Tom Stafford. E Frank Borman partiu sem a cápsula LEM.

Do ponto de vista técnico, a Apolo-8 de Frank Borman, que espantou o Mundo, foi, por isso, um voo completamente inútil: uma mancha de poeira negra nos olhos dos não competentes. Não havia necessidade de orbitar a Lua com a cápsula Apolo. A N. A. S. A. sabia muitíssimo bem que a cápsula Apolo estava em condições de orbitar a Lua e aquele voo fez-se apenas para aproveitar um lançamento já decidido e pago. Está entendido? O que interessava à N. A. S. A. era o funcionamento da cápsula LEM, isto é, o voo de Jim McDivitt que se realizou logo a seguir ao voo de Borman e com o nome de Apolo-9. Do ponto de vista técnico, pois, a Apolo-9 foi infinitamente mais importante, visto ter demonstrado que a LEM podia sair da cápsula mãe, desprender-se, voar e voltar à cápsula mãe. Sem aquele voo, o desembarque na Lua nunca viria a dar-se. Sem o voo de Borman, pelo contrário, o desembarque ter-se-ia dado da mesma maneira. E de qualquer modo antes que tivessem sido invertidos os voos Borman-McDivitt, o programa da N. A. S. A. era o seguinte: 1) experimentar a LEM em órbita terrestre com a Apolo-8; 2) experimentar a LEM em órbita lunar com a Apolo-9; 3) desembarcar na Lua com a Apolo-10. E o homem que então estava ligado à Apolo-10 não era Neil Armstrong, mas Tom Stafford. Em resumo: Tom Stafford perdeu a Lua por um atraso na construção da LEM.

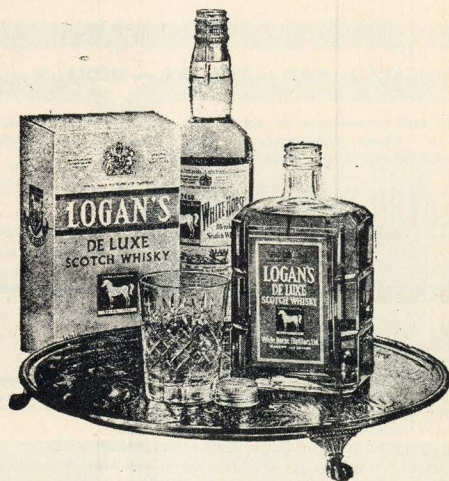
Também a perdeu pela exasperada prudência dos seus colegas astronautas, os quais não gosiam do perigo, ao contrário do que as pessoas julgam, e, depois do voo McDivitt começaram a dizer que experimentar a LEM em órbita terrestre não bastava: antes de desembarcar na Lua era necessário experimentá-la também em órbita lunar. Uma ou duas vezes. Stafford ficou, pois, ligado ao voo que fez, e os candidatos à Lua foram os outros dois: Neil Armstrong, a quem haviam destinado a Apolo-11, e Pete Conrad, a quem tinham destinado a Apolo-12. Se o primeiro voo de Stafford tivesse sido um insucesso, dizia-se na N. A. S. A., a Apolo-11 teria aterrado na Lua e Neil Armstrong seria o primeiro homem a pisar a superfície da Lua. Se no voo de Stafford se verificasse qualquer defeito, a Apolo-11 realizaria um segundo voo de experiência e a Apolo-12 aterraria na Lua. Por consequência, Pete Conrad teria sido o primeiro homem a ir à Lua. Isto prova como o mérito de Armstrong consiste apenas em ter entrada na parte final dos três voos próximos da Lua: Apolo-10, Apolo-11, Apolo-12. Venceu ele como poderia ter vencido Stafford ou Conrad. O seu destino não foi decidido pelos homens, mas pelas máquinas.

E, contudo, um homem deu um empurrão no Destino. Esse homem é aquele que, sozinho, escolhe os astronautas destinando-lhe os vários voos. Isto é: aquele que, neste caso específico, seleccionou Tom Stafford, Neil Armstrong, Pete Conrad e as suas equipagens. Quem deitou os dados foi, em suma, este homem.





Logan's  
Scotch Whisky de luxe  
of White Horse



IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.  
RUA DO BONJARDIM, 420 — PORTO

J. A. DA COSTA PINA, LDA.  
RUA DO ALEGRIUM, 73 LISBOA

HUMOR SEM PALAVRAS





Uma cena da peça  
«Anatomia da História de um Amor» em  
representação no teatro  
Vasco Santana



CLASSIFICAÇÃO: ★★★ — BOA. ★★ — MÉDIA. ★ — FRACA.

As classificações baseiam-se na opinião dos críticos dos jornais «O Seculo», «Diário de Notícias», «Novidades», «A Voz», «Diário da Manhã», «República», «Diário de Lisboa», «Diário Popular» e «A Capital».

## O TEATRO QUE HÃ PARA VER

AUTORES

ACTORES

COMENTARIO

NOSSA  
OPINIÃO

OS DIREITOS DA MULHER	VARIÉDADES	ALFONSO PASO	HENRIQUE SANTANA, LIA GAMA E IRENE ISIDRO		(a)
RI-TE, RI-TE	MONUMENTAL	PARODIANTES DE LISBOA	FLORBELA, CAMILO E DELFINA CRUZ	Desta vez, os Parodiantes não acertaram no texto, mas o espectáculo salva-se pelos excelentes figurinos, cenografia e coreografia.	★
PEPSIE	LAURA ALVES	PIERRETE BRUNO	IRENE CRUZ, JOÃO LOURENÇO E GRAÇA LOBO	Jacinto Ramos encenou uma comédia de «boulevard», que há doze semanas tem obtido assinalável êxito.	★ ★ ★
ANATOMIA DE UMA HISTÓRIA DE AMOR	VASCO SANTANA	LUZIA MARIA MARTINS	VASCO DE LIMA COUTO, JOAQUIM ROSA E HELENA FÉLIX	A actualidade do drama «Romeu e Julieta», numa peça baseada em textos de Shakespeare.	★ ★

(a) Peça não classificada por, na altura em que esta página entrou na máquina, ainda não se ter estreado.

## O CINEMA QUE NÓS VIMOS

REALIZADORES

ACTORES

COMENTARIO

NOSSA  
OPINIÃO

O PERIGO VEM DAS MULHERES (SOME GIRLS DO) 1969 — (INGLATERRA)	SÃO JORGE	RALPH THOMAS	RICHARD JOHNSON E DALIAH LAVI	Película divertida onde há de tudo um pouco: humor, mulheres semidespidas e uma paródia aos agentes secretos.	1
ROCCO E OS SEUS IRMÃOS (ROCCO E I SUOI FRATELLI) 1960 — (ITÁLIA) Reposição	ROMA	LUCINO VISCONTI	ALAIN DELON, RENATO SALVATORI, ANNIE GIRARDOT E PAOLO STOPPA	Uma obra-prima do realismo crítico: o bem e o mal, santos e assassinos — os limites exteriores do homem.	5
SPARTACUS (E. U. A.) Reposição	MONUMENTAL	STANLEY KUBRICK	KIRK DOUGLAS, LAURENCE OLIVIER, CHARLES LAUGHTON E PETER USTINOV	Filme de primordial importância da história do cinema.	5
HELGA	VOX	ERICK S. BENDER	RUTH GASSMANN	Um filme que toda a juventude e os jovens casais devem ver, pela sua verdade científica ao abordar as funções naturais da vida.	(a)

(a) Filme não classificado por, na altura em que esta página entrou na máquina, ainda não se ter estreado.

CLASSIFICAÇÃO: 5 — EXCEPCIONAL. 4 — MUITO BOM. 3 — BOM. 2 — COM INTERESSE. 1 — FRACO. 0 — MAU.



### A MASCOTE DO 1.º BATALHÃO DO REGIMENTO GALES



É «Taffy XII» este bode de ar marcial, imponente, distinto. Chavelhos ornamentados, amaciados com reluzentes metais; dorso coberto com um belo manto adornado com coroas reais; pêlo e cascos o mais asseados possível.

«Honi Soit Qui Mal Y Pense» — nada de más intenções — é o lema escrito no brasão do manto...

A fotografia foi obtida à entrada de Buckingham Palace quando o batalhão começou os seus deveres pela primeira vez: montar guarda naquele lugar. A extravagante mascote, talvez um pouco à margem dos requintados gostos ingleses, é conduzida pelo major CPL. Melville John. Que diria o leitor se à entrada do Palácio de São Bento aparecesse esta insólita mascote?



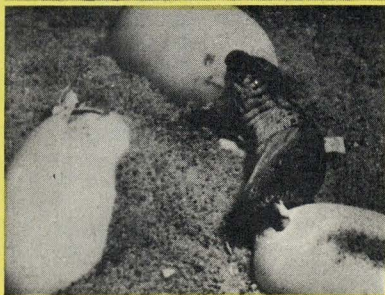
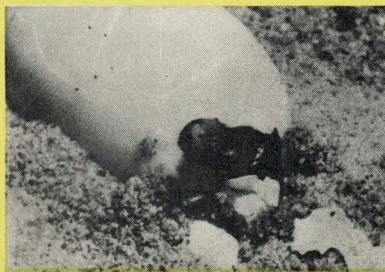
### O DUQUE E A NOVA GERAÇÃO

Sempre se disse que o duque de Edimburgo, o consorte de Isabel II de Inglaterra, era o «enfant terrible» da-

quela família. Sempre houve boatos sobre as viagens do seu avião particular, sobre o encanto que o príncipe exerce nas jovens inglesas...

Mas dêa a quem doer o príncipe é um sujeito formidável. Grande desportista, é um fulano afável, simpático, conversador e camarada.

Aqui o vemos, encantado da vida, conversando animadamente com a nova geração de Londres. A foto foi tirada aquando da sua visita ao Centro de Pesquisas no World's End em Chelsea.



### QUANDO SE SAI DA CASCA...

O fotógrafo conseguiu estas imagens, levando para sua casa os ovos encontrados nas margens do lago Rodolfo, no Quênia. Depois teve apenas de esperar pelo processo da Natureza.

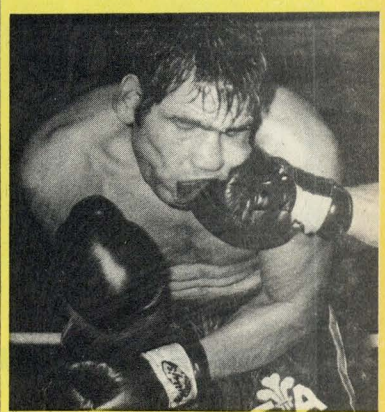
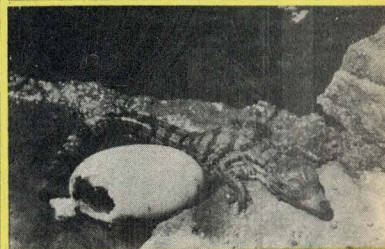
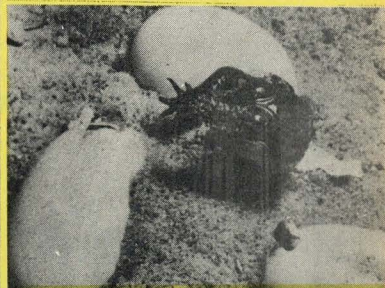
Decorridos três semanas nasceu um crocodilo-bebé, pequenino, espertinho e trabalhador. Prova disso: a tarefa que executou ao sair da casca.

1 — (Ao alto à esquerda) — o pequeno crocodilo fez um buraco na extremidade do ovo.

2 — (Ao alto à direita) — um terço do corpo passou já através do buraco.

3 — (Em baixo à esquerda) — inteiramente liberto da casca.

4 — (Em baixo à direita) — o crocodilinho com cerca de 25 cm. mergulha na água para se lavar.



### AVOTH CONTRA MCCORMACK

Eddie Avoth, de Cardiff, é o novo campeão britânico de pesos-pesados. John McCormack, nascido em Dublin, perdeu o título ao fim do 11.º «round».

McCormack acabou o 10.º «round» violentamente socado, calculando-se que o K. O. foi motivado por um choque de cabeças.

Aqui vemos Eddie Avoth, o vencedor que arrancou o título de McCormack, a receber um violento gancho da direita de McCormack.

Oh! encantador face!



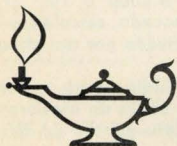
# chegou a altura de seres enfermeira!



Chegou a altura  
de decidires  
do teu futuro.  
Porém,  
deves escolher  
uma profissão que,  
ao mesmo tempo  
te realize  
humana e socialmente.  
Precisas  
de viver plenamente:  
no plano profissional  
e no plano pessoal.  
A enfermagem  
pode ser o teu caminho.  
Vem falar connosco.

Podes dispor de facilidades de alojamento  
e bolsas de estudo;  
terás a certeza de colocação após o curso;  
tudo isto através de uma profissão  
digna, simpática, compensadora.

Informações na Direcção Geral dos Hospitais — Avenida da República, 34 — Lisboa



## UMA PROFISSÃO AO SERVIÇO DA VIDA



# si

## DE SÁBADO A SÁBADO

## AS INICIATIVAS



### PESTANAS PARA HOMEM

Minhas senhoras, atenção! Chegou a hora **deles**. Nada de escândalos, nada de escândalos! Tudo tem o seu tempo, pois então.

Estão muito aflitas sem saber o que oferecer aos vossos maridos, aos vossos noivos, aos vossos pais? Esperem pelo Natal e apliquem-lhe... um par de pestanas postiças.

Por certo terão dificuldades de ver isso por ca... mas encomendem para Londres e tudo se arranja. Vende-se na Glints—a primeira loja de produtos de beleza para homem. As pestanas custar-lhes-ão 17 s e 6 d.

E... felicidades!

(Para ambos).



### AVANTE... COM O NARIZ!

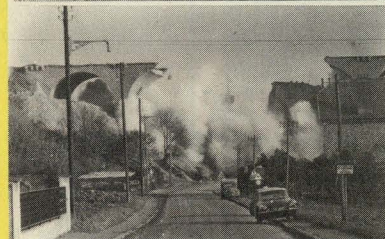
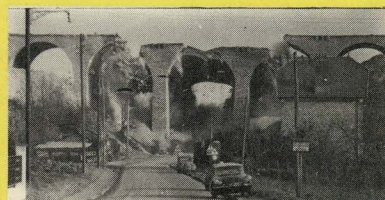
Já alguma vez lhe passou pela cabeça gastar um domingo de Verão a empurrar ervilhas... com o nariz?

Pois não, caro leitor, a nós também não. Mas, pelos vistos, esta menina-coelhinha diverte-se à brava com o assunto.

Trata-se de uma das dez raparigas do Playboy Club que tomaram parte na

gincana «20 metros a empurrar ervilhas».

A gincana realizou-se com o fim de adquirir fundos para a Assistência dos Idosos.



### FORA OS VIADUTOS! VIVAM AS AUTO-ESTRADAS

O antigo viaduto de Palaiseau, em França, media 80 metros de comprimento e os seus arcos tinham cerca de 30 metros de altura. Como não era suficientemente largo para ser utilizado hoje, no século XX, vai desaparecer para dar lugar a uma ampla auto-estrada Paris-Chartres.

Uma empresa de demolição fez saltar o velho monumento, sobre o qual passava uma linha férrea de Paris a Chartres na última grande guerra.

Na foto podemos observar três fases da destruição do viaduto.

### TAL COMO OS VESTIDOS TRANSPARENTES

Jill Parker, esta simpática menina de Londres, descobriu um método de não ser incomodada pelos senhores... da al-



fândega. Esta mala transparente resolve todos os problemas dos bisbilhoteiros aduaneiros — Jill aproxima-se da alfândega e, ao longe, já se sabe o que transporta. Tudo uma questão de franqueza: «Nada na manga, nada no bolso — tudo quanto está na mala está à vista. Não me macem!»

Esperta Jill Parker...



### TRANSPORTE DE DOENTES

Esta fotografia parece a testemunha de bárbaros rituais.

Este homem apresenta-se aqui, à primeira vista, como bastião de celebrações fanáticas.

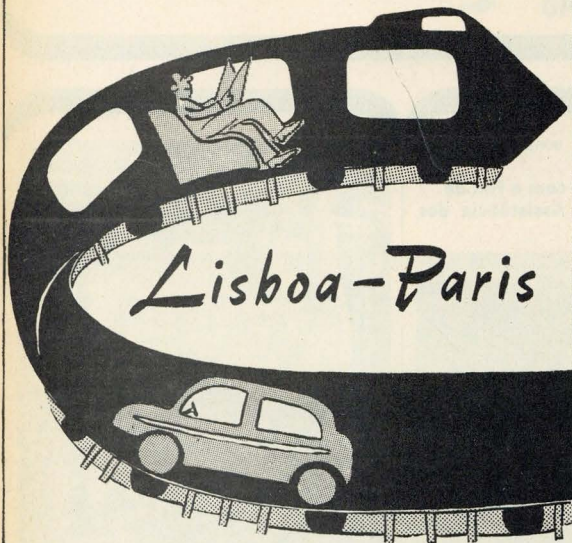
Mas não. Esta fotografia é a de um moderno, útil, imaginoso processo de salvar um homem.

Passou-se na Inglaterra e foi um caso de doença súbita no 4.º andar de um edifício de 20 pisos em construção. Os bombeiros enrolaram o doente nesta esteira e desceram-no de uma altura de quatro andares.



SERVIÇO

Auto-Expresso



AGORA TAMBÉM O SEU AUTOMÓVEL  
PODE VIAJAR DE COMBOIO

ENTRE

LISBOA E PARIS

PRESTAM-SE INFORMAÇÕES NO  
SERVIÇO COMERCIAL E DO TRÁFEGO

ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA

LEIA  
"VIDA MUNDIAL"

OS SEUS CABELOS PRECISAM DE  
**SYRIAL**

17 cores à sua escolha, para apagar os  
cabelos brancos, avivar as cores naturais  
ou embelezá-los com tonalidades novas e  
tudo isto, rapidamente, facilmente, em  
sua própria casa.

Bisnagas, 21\$50 — Carteiras, 13\$90

Envia-se a reembolso, J. SANTOS — Rua de  
Santo Idefonso, 29 — Porto — Telef. 3 08 46.



Incrível,  
**O CHEIRO**  
a refogado  
da vizinha do lado !...



Bem, da vizinha pròpriamente dita, não, coitada ...

Mais exactamente, da casa da vizinha do lado:  
Um cheiro insuportável, que se insinua através das  
frinchas das portas, passeia pelos corredores, paira na  
sala de visitas e chega até à casa de jantar.

Eu bem lhe tenho dito dezenas de vezes:

— Ó Senhora Dona Mariquinhas faça como eu!

Comprei uma barra de **RACASAN**, coloquei-a  
na cozinha, conforme as instruções escritas na

embalagem e todos os cheiros desapareceram como por  
encanto. E depois, o ar fica fresco e leve, cheirando

a pinheiros (Pine), a alfazema (Lavender) ou a flores  
silvestres (Bouquet). É mesmo um cheiro

a lavadinho! ...

Tem toda a razão, minha senhora!

**racasan**

elimina os cheiros e purifica o ar!



OFERTA ESPECIAL · POUPE 2\$50

Representante exclusivo: **F. LIMA & Cª SUCR., LDA.**

À VENDA NAS MEHORES PERFUMARIAS E DROGARIAS



# si

## DE SÁBADO A SÁBADO

## AS FIGURAS



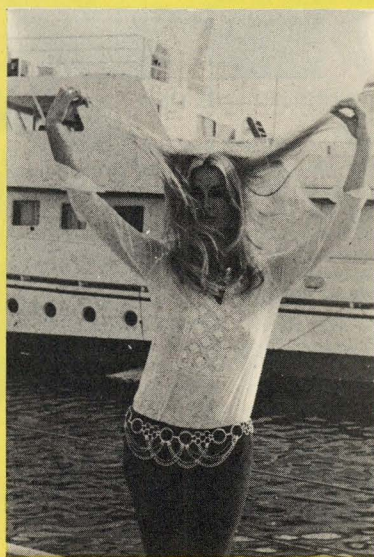
**PRA ÁGUA!** — Há várias formas de mergulho — mergulho de cabeça, mergulho de chapão, mergulho a pés juntos... Esta senhora alemã, pouco, muito pouco fornecida de ângulos, foi surpreendida pelo fotógrafo, numa piscina, ao penetrar na água pelos joelhos. Uma simples questão de intuição...

### FLORRIE — UMA VELHINHA MUITO VIVA

A motoreta é hoje o único amor de Florrie Ball. (Pudera, a senhora tem já 77 anos). De facto, não tinha outro modo de lutar contra o reumático, a não ser servir-se desta simples maquineta. Mas a sr.<sup>ª</sup> Florrie ficou toda triste quando o seguro lhe deu a triste notícia de que não se responsabilizaria mais pelas suas viagens, devido à sua idade. E nenhuma companhia a segurou! A senhora estava decidida a vender a moto quando um senhor dos seguros, levando em conta os 26 anos livres de acidentes do currículo da sr.<sup>ª</sup> Florrie, permitiu-lhe um seguro de 17 libras.



Vai daí Florrie comprou uma Honda Opinião da valente dama: «Não acho que «isto» seja diferente de guiar uma bicicleta a motor...»



### QUEM NÃO QUER SER URSO...

Esta menina com os cabelos em desvaíados feitos... está só a brincar, nada disto tem significado.

Nasceu na Alemanha, é americana e neste momento precioso executa uma imaginosa pose exclusiva para o nosso fotógrafo.

Passa-se isto em Cannes, enquanto a Barbara Bouchet (é assim que a menina se chama) aguarda o festival cinematográfico, em que ela desempenha um papel na película «Sweet Clarity». Se fosse cá com certeza que não haveria foto sem os inevitáveis mirones...

E então a banda sonora seria outra.



### O BIBERÃO DE VANESSA VADIM

Amigo cinéfilo — isto agora é para si.

Já imaginou a C. C. com uma bata de cozinha a depenar uma galinha?... A Raquel Welch às voltas com um cozido à portuguesa?... A Sophia Loren a descascar ervilhas?...

Pois imagine lá, se faz favor. Afinal também elas são mulheres com os vulgares problemas de qualquer anónima. Jane Fonda (que entre vários filmes interpreta quase diariamente o papel da estrela lavada com Lux pela TV) é um digno exemplo disso. Aqui a vemos a dar o biberão a sua filha Vanessa. Seu marido, Roger Vadim, casado outrora com Brigitte Bardot, com Annette Stroyberg e pai de um filho de Catherine Deneuve, é agora um marido e um pai dedicado.





# ÁGUA DE LUSO

## UMA DAS MELHORES ÁGUAS DE MESA

PEDIDOS A:  
REVENDEDORA DE ÁGUAS, LDA.

Nas suas novas instalações na Quinta do Prior Velho — SACAVÉM  
TELEFONE — 2 51 13 02 — ENCOMENDAS  
— 2 51 07 68 — EXPEDIENTE

# COMPRE UM TV

A TAXA PAGAMOS NÓS

59cm. caixa de madeira — 5.100s  
para o 1º e 2º programa

ASTROTECNICA Rua dos Anjos, 71 B  
Lisboa Av. António Augusto de Aguiar, 58 B

aprenda a estratégia do SUCESSO

## MARKETING

### CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA

TÉCNICA E CHEFIA DE VENDAS  
PUBLICIDADE E PROMOÇÃO DE VENDAS

Cursos atraentes e de assimilação imediata, cientificamente elaborados segundo a técnica internacionalmente consagrada do ensino supervisionado por correspondência.

OS ÚNICOS CURSOS EM PORTUGAL QUE LHE DÃO ESTAS VANTAGENS:

- Aperfeiçoamento técnico atualizado a nível internacional.
- Encaminhamento ou recomendação às mais importantes empresas do País (metrópole e ultramar) que já utilizaram nossos cursos na formação e aperfeiçoamento de seus quadros dirigentes e executivos.
- Um DIPLOMA TÉCNICO que o recomendará como profissional devidamente habilitado.
- ORIENTAÇÃO e assistência técnica grátis por tempo indeterminado.

Não perca tempo. Escreva pedindo folheto explicativo para

CENTRO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO DE ESPECIALIZAÇÃO  
PROFISSIONAL — Apartado 5050 — LISBOA — PORTUGAL



Cabelos  
com  
vitalidade  
...cabelos com

# Vitapointe

**GRÁTIS!**

Aproveite esta oferta:  
UM PENTE DE PROLENE  
ESPECIAL PARA O SEU  
CABELO na compra de  
uma embalagem  
Vitapointe

VITAPOINTE torna o seu cabelo mais "vivo" — isto é, mais sedoso, mais obediente, mais atraente e brilhante. Vitapointe fixa o seu penteado e "segura" o seu charme.







### O PRESIDENTE SALAZAR VISITADO PELO MAIS ANTIGO EMIGRANTE PORTUGUÊS

O mais antigo emigrante português radicado no Brasil, Angelino José Simões, visitou o Presidente Salazar, acompanhado pelo jornalista Carlos Barros Queiroz, director-delegado do «Mundo Português», e pelo dr. Amílcar Pinheiro, representante da Varig em Portugal. O velho emigrante conversou durante cerca de meia hora com o prof. Salazar que manifestou grande interesse pela vida de Angelino Simões há tanto tempo a viver no País-Irmão.



### ESPECTACULAR ACIDENTE DE VIAÇÃO

Na Avenida Infante D. Henrique um camião-betoneira, talvez devido a excesso de velocidade, voltou-se ficando na crítica posição documentada pela imagem. O motorista, sr. Augusto Ribeiro, apesar do acidente não sofreu mais do que o susto. É possível que ao meditar agora no que lhe podia ter acontecido, conduza com mais vagar, pois para um veículo daquelas características impõem-se normas de segurança muito severas para evitar desastres de consequências graves.



### PARA QUE NÃO HAJA DÚVIDAS...

Barnard, o famoso cirurgião sul-africano, esteve novamente entre nós, embora a sua estadia fosse apenas de algumas horas. No entanto, ele não passou despercebido à objectiva dos fotógrafos nem à curiosidade dos repórteres. Sempre afável o pioneiro das transplantações cardíacas, respondeu às solicitações dos jornalistas a quem apresentou o ex-polícia Pieter Smith — que figura ao seu lado na fotografia — o terceiro homem a quem Barnard deu um novo coração. O médico passou por Lisboa em trânsito para Madrid, onde participou num importante simpósio sobre enxertos cardíacos tendo apresentado aos seus colegas europeus Pieter Smith, um homem muito gordo e que, segundo Barnard, «vende saúde...»

### RECEPÇÃO NO PALÁCIO DE BELÉM

O Chefe do Estado recebeu, no Palácio de Belém, o Presidente do Conselho e a comitiva oficial que o acompanhou ao Brasil. Dessa forma, o mais alto magistrado da Nação ouviu do prof. Marcello Caetano o relato da sua viagem e, também, os resultados que espera obter



das reuniões que teve com o general Costa e Silva e membros do governo brasileiro. O Chefe do Estado, depois de agradecer os cumprimentos, sublinhou os esforços feitos para se poder concretizar e fortalecer a Comunidade Luso-Brasileira. No final, seguiu-se uma recepção íntima.



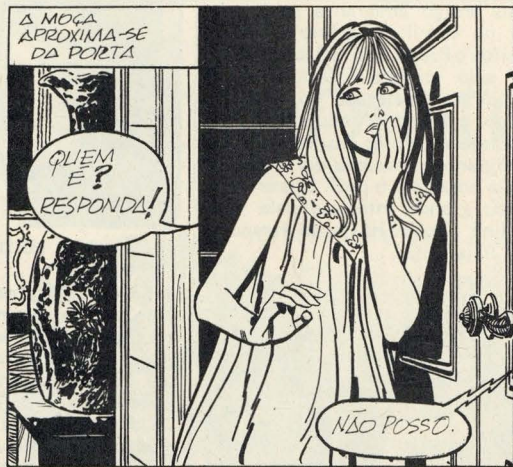
### CORDOBÉS COLHIDO TRÊS VEZES EM CASCAIS

Cordobés é sempre espectáculo, onde quer que toureie. Desta feita foi em Cascais que o «diestro» mais discutido dos últimos anos assustou a vasta assistência quando, ao lidar o seu segundo touro, foi colhido como a gravura mostra. Felizmente, o animal não tinha grande poder e não arremeteu, mas, mesmo assim, colheu Cordobés três vezes o que demonstra à evidência dois aspectos até certo ponto antagónicos: por um lado, não falta coragem ao toureiro e, por outro, apresentou-se numa forma pouco conducente com a sua fama...



# STRIPPY

## em O HOMEM DA MASCARA DE COURO





NOVO!  
agora em 3 perfumes  
diferentes



CHARME  
SPORT  
TABAC

desodorizantes

8x4

## A certeza duma presença desejada

Charme... Sport... Tabac... três aromas suaves, frescos, persistentes. Escolha a sua própria frescura, a sua própria simpatia. 8x4 combate e elimina de forma eficaz e duradoira o odor do corpo. Confie na sua presença durante todo o dia.

*8x4 stick pequeno, stick grande,  
spray, sabonete, talco.*





O NOVO **SAGRES** EXTRA LONGO

É TÃO **LONGO**  
QUE NÃO CABE  
NA LARGURA DESTA PÁGINA

O CIGARRO QUE AGRADA SEMPRE\*

TAMBÉM  
NO TAMANHO  
**EXTRA LONGO**

\*SEMPRE E AGORA... AINDA MAIS



**desculpe...**  
**rode a página**  
**para a direita...**